



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KLAISSA VERÔNICA DOS SANTOS ANDERSON

VAI DAR MATCH?

**EXPERIÊNCIAS E INTERSECCIONALIDADES DE MULHERES NEGRAS EM
APLICATIVOS DIGITAIS DE RELACIONAMENTOS**

Porto Alegre/RS
2022

KLAISSA VERÔNICA DOS SANTOS ANDERSON

VAI DAR *MATCH*?

**EXPERIÊNCIAS E INTERSECCIONALIDADES DE MULHERES NEGRAS EM
APLICATIVOS DIGITAIS DE RELACIONAMENTOS**

Dissertação apresentada como requisito à
obtenção do título de Mestra em Educação
pela Faculdade de Educação, da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: professor Dr. Fernando Seffner

Linha: Educação, Sexualidade e Relações
de Gênero

Porto Alegre/RS
2022

CIP - Catalogação na Publicação

ANDERSON, KLAISSA VERÔNICA DOS SANTOS
VAI DAR MATCH? EXPERIÊNCIAS E INTERSECCIONALIDADES
DE MULHERES NEGRAS EM APLICATIVOS DIGITAIS DE
RELACIONAMENTOS / KLAISSA VERÔNICA DOS SANTOS
ANDERSON. -- 2022.
180 f.
Orientador: FERNANDO SEFFNER.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Negritude. 2. Interseccionalidades. 3.
Aplicativos digitais. 4. Pedagogias virtuais. 5.
Gênero. I. SEFFNER, FERNANDO, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

KLAISSA VERÔNICA DOS SANTOS ANDERSON

VAI DAR *MATCH*?**EXPERIÊNCIAS E INTERSECCIONALIDADES DE MULHERES NEGRAS EM
APLICATIVOS DIGITAIS DE RELACIONAMENTOS**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestra em Educação pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: professor Dr. Fernando Seffner

Linha: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero

Porto Alegre, 25 de janeiro de 2023

Professor Doutor Fernando Seffner
PPGEDU/UFRGS

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Kirla Korina Anderson Ferreira
IFPA/IFCH

Professora Doutora Jeane Félix da Silva
PPGEDU/UFPB

Professora Doutora Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher
PPGEDU/UFRGS

DEDICATÓRIA

A uma das principais mulheres negras que a vida inteira vem sendo meu exemplo de vitória, sabedoria e persistência, especialmente na caminhada acadêmica:
minha amada irmã!

AGRADECIMENTOS

É quase uma missão impossível tentar condensar agradecimentos em poucas palavras e páginas. Há tanto o que se falar a muitas pessoas que seguiram comigo, especialmente, ao longe destes anos de curso; sem contar que meu forte nunca foi muito o resumo, confesso que adoro as palavras. Ainda que por vezes escolha guardá-las.

Mas, tentarei freneticamente.

Escolho iniciar pelo final do ano de 2021, que em meio à pandemia que quase derrubou a todas/os, mas que entre quatro paredes e no meio de mais uma aula que fazia para driblá-la; eu experienciei a *gratidão*. E deste então não parei. E será com ela que deixarei aqui algumas palavras para tantas pessoas.

Praticar a gratidão é preciso; mais que isso, é fundamental. É um sentimento verdadeiro que nos inunda e nos toma de assalto, sem se quer nos permitir entender, perceber ou identificar. Este sentimento nos ganha. É muito mais que agradecer. É sentir. É viver. É irradiar. E isso me fez mudar, me fez melhor.

Gratidão pela minha trajetória que me permitiu estar e chegar até aqui. Pelas pessoas que conheci ao longo do caminho, durante esse período e em todos esses anos. Vocês são muitas/os e na mesma medida está a imensidão da gratidão que carrego por vocês. Às queridas amigas e aos queridos amigos que a UFRGS me deu, às professoras e aos professores de disciplinas semestrais dispostos e disponíveis à escuta e à ajuda; vocês nos permitem seguir.

Enquanto escrevo estas linhas e estas palavras uma imensidão de sentimentos me invade e até me fazem acreditar por alguns segundos que não teria muito o que dizer, ou o que ou a quem agradecer. Este é o segundo de confusão pelo bombardeio de lembranças, já que é exatamente o contrário, tenho muitas e muitos a agradecer. Por serem tantas pessoas, tantos fatos e demonstrações de gratidão, me perco em mim e em tudo que preciso, generosa e arduamente, registrar aqui em palavras e parágrafos.

Mas eu preciso começar por mim. Pelo que fui, sou e me tornei ao longo, especialmente, de minha trajetória aqui no mestrado; na linha que tanto queria e com as temáticas que me encantaram há anos. O processo de seleção não

foi fácil, mas eu consegui e dediquei-me exageradamente para isso. E conquistei!

E não foi ou não é pela titulação. Não em primeiro lugar. Óbvio que ela importa e importa muito, mas não foi a minha maior motivação. Foi e sempre será pela vida, pelos acontecimentos que nela cabem, pelas questões que não me explicaram sobre ser mulher e sobre ser negra (*mulher negra*); trata sobre experiências pessoais, sobre a tentativa de dar sentido a tudo isso. Para você que lê pode até ser que não faça, que você não entenda, e era exatamente assim que eu me sentia quando escrevi as linhas do meu projeto de intenção de pesquisa para seleção, lá no início de 2019. No entanto, saiba; falar, estudar e viver com marcadores sociais que te precedem à fala, às experiências (ou ao direito a elas) político, social, cultural e histórico de negritude e gênero, têm fundamental sentido para além da academia.

É incrível como são algumas coisas que não nos explicam, não nos apresentam, mas que parecem ditas, dadas e dogmáticas, e precisamos seguir sendo e vivendo. Sexualidade, sentimentos, vontades, posturas; sobre ser uma pessoa “de cor”, racializada e ser mulher negra. Eram tantas perguntas que eu mesma me perdia. E foi atrás das respostas que me vi digitando aquelas linhas de pré-projeto. E hoje, me vejo novamente aqui..com algumas respostas. E Isso é libertador! A titulação eu consegui de brinde.

Têm muitas outras questões, e preciso pular muita coisa – como disse antes, estou tentando cumprir freneticamente a missão de ser sucinta – como tudo que aprendi em casa, com a minha mãe, meus irmãos, meu pai. Os ensinamentos religiosos, minha caminhada na vida religiosa, amigas/os, palestras, percepções, tudo isso (e muito mais) me ajudou, claro. Mesmo assim eu ainda precisava e queria mais. Mais explicação, mais entendimento. Mais ‘teoria’ que me ajudasse a compreender a prática da vida, que ainda estava em desalinho sobre limitações impostas ao meu gênero ou definições vinculadas à minha raça, e à sexualidade.

E hoje, posso voltar e dizer que consegui. Consegui as teorias (e teóricos), as respostas (principais) e tudo mais que buscava ao longo da vida pessoal e profissional. Mas não consegui sozinha e não estive sozinha ao longo de todo processo, mesmo precisando estar em alguns momentos.

Tive e tenho pessoas sensacionais às quais minha gratidão será eterna e imensurável. A elas sou grata. Sou grata pela parceria; pela cumplicidade; pelas palavras; pelo entendimento (de minha ausência, quase sempre) e compreensão. E por tudo mais que eu não seja capaz de escrever ou descrever aqui. Mas que pulsa em mim e nas memórias.

Às/aos amigas/os, à família e a todas/os os quilombos que me permitiram participar de forma fraterna. Pelo reconhecimento e acolhimento de uma preta quase desorientada em um lugar estranho e desconhecido; uma cidade, uma universidade, uma cultura. Gratidão aos/as colegas que se fizeram amigas e amigos e que me permitiram seguir no grupo. Me ensinaram o real sentido e significado de *quilombo*. Eu levo isso para a vida, e nunca mudará. O apoio de pessoas negras que passam e sentem as mesmas questões são de fundamental sustentação para seguirmos em rede, permitindo que muitas/os outras/os venham depois de nós.

Negras/os da Pós e Mestres/as Petros/as foi/é a potencial estratégia de sobrevivência. Grupos online, formados em plataforma virtual/aplicativos e formas de relacionar-se que serviram (e ainda servem) de ferramenta de partilha e suporte a todas/os pretas/os que ingressam no universo da pós graduação. Nos ajudamos e compartilhamos histórias que nos fortaleçam na caminhada e nos permitam renovar energias. Faz total diferença.

Sou grata por chegar nesta linha que encerra um ciclo, permitindo-me iniciar outros, e ainda mais, por não ter passado por ele sozinha. Agradeço aos meus pais, pelo estímulo incansável nos estudos, pela constante insistência em mim e no potencial que me habita. Por vocês entenderem minha ausência, minha decisão na mudança e na escolha de outro estado para seguir a trajetória profissional. Pelas ligações, as palavras e até as lágrimas de saudade que renovavam minhas forças, fazendo-me lembrar o motivo de estar lá. Obrigada por tudo!

Aos meus amados irmãos que souberam encontrar nas palavras, no amor e na cumplicidade que sempre mantivemos o apoio que precisei e me ajudou a seguir. Vocês fazem muito parte dessa história. Eu tenho quatro metades.

O lixo vai falar, e vai falar numa boa.

Lélia Gonzalez, 2018

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre narrativas de mulheres negras em ambientes e aplicativos virtuais de relacionamentos: Tinder e Happn; sob perspectivas interseccionais, em recortes de identidade racial, gênero e sexualidade. Com interesse de estudo sobre experiências de corpos de mulheres que não seguem a tendência europeia eurocêntrica de padronização de beleza, entrevistei mulheres negras quanto às suas trajetórias virtuais pessoais nestes ambientes tecnológicos. E ainda na trilha metodológica, lancei-me às matérias, recortes de conversas nos ambientes virtuais aqui estudados, minhas próprias experiências (lugar de fala) a respeito da questão e perfis como fonte de pesquisa para conquista de resultados que apontassem quais interseccionalidades estão envolvidas nestas perspectivas amorosas virtuais(?). Quais pedagogias são (ou podem ser) resultado destas trajetórias(?). Como e de que maneira corpos de mulheres negras estão e são compreendidos nestes espaços virtualizados(?). Como decorrência é possível apontar principais três categorias analíticas: 1) Presença marcante de corpos que refletem o desejo daqueles que procuram: corpos não marcados (brancos); não ou pouco racializados, ao menos para relacionamentos mais “sérios”. 2) Corpos negros femininos preteridos, resultantes do colorismo e 3) Corpos negros femininos hiperssexualizados e requeridos especificamente para fins sexuais (não duráveis).

Palavras-chave: Mulheres. Negritude. Interseccionalidade. Aplicativos digitais. Pedagogias virtuais.

RESUMEN

Esta disertación presenta un estudio sobre las narrativas de mujeres negras en entornos y aplicaciones de relaciones virtuales: Tinder y Happn; bajo perspectivas interseccionales, en recortes de identidad racial, género y sexualidad. Con interés en estudiar las experiencias de los cuerpos de las mujeres que no siguen la tendencia europea eurocéntrica de estandarización de la belleza, entrevisté a mujeres negras sobre sus trayectorias virtuales personales en estos entornos tecnológicos. Y aún en la pista metodológica, me lancé a los artículos, recortes de conversaciones en los ambientes virtuales aquí estudiados, mis propias experiencias (lugar de discurso) frente al tema y perfiles como fuente de investigación para lograr resultados que señalen cuáles son las interseccionalidades involucradas en estas perspectivas virtuales de amor (?). ¿Qué pedagogías son (o pueden ser) el resultado de estas trayectorias(?) Cómo y de qué manera se entienden y se entienden los cuerpos de las mujeres negras en estos espacios virtualizados(?). Como resultado, es posible señalar tres categorías analíticas principales: 1) Llamativa presencia de cuerpos que reflejan el deseo de quien busca: cuerpos sin marcar (blancos); no o poco racializados, al menos para relaciones más "serias". 2) Cuerpos de mujeres negras descuidados, como resultado del colorismo y 3) Cuerpos de mujeres negras hipersexualizados específicamente requeridos para fines sexuales (no duraderos).

Palabras-clave: Mujeres. Negrura. Interseccionalidad. Aplicaciones digitales. Pedagogías virtuales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Símbolos dos aplicativos digitais utilizados na pesquisa de campo.....	41
Imagem 2: Perfil Pesquisadora	46
Imagem 3: Funcionalidades dos aplicativos	50
Imagem 4: Postagens, comentários e publicações racistas.....	58
Imagem 5: Propaganda para Revista de Saúde.....	91
Imagem 6: Comentário de uma leitora referente à publicação da Revista quanto à escolha de uma das modelos de capa.....	91
Imagem 7: Reproduções e gravuras europeias sobre Sara Baartman.....	109
Imagem 8: Publicação de cunho racista e posicionamento contrário de uma seguidora.....	112
Imagem 9: Fotos e publicações de páginas em redes sociais.....	117
Imagem 10: Representações de Sara Baartman.....	128
Imagem 11: Sara Baatman em desenho europeu.....	129
Imagem 12: Sílvio de Almeida e a estrutura racista nos meios de comunicação.....	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação das entrevistadas e colaboradoras de pesquisa.....	63
Quadro 2: Questões de pesquisa e categorias de análises.....	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFRGS.....UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO

GRANDE DO SUL

LDB.....LEI DE DIRETRIZES E BASES DA

EDUCAÇÃO

CF.....CONSTITUIÇÃO FEDERAL

PCN's.....PARÂMETROS CURRICULARES

NACIONAIS

UEPA UNIVERSIDADE DO

ESTADO DO PARÁ.

APP APLICATIVO

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. DE GÊNERO E SEXUALIDADE À INTERSECCIONALIDADE: ESTRUTURANDO A QUESTÃO DE PESQUISA	29
2.1 Sobre “inspirações” e trajetórias	29
2.2 O tema e seus objetivos	35
2.3 Percursos metodológicos	39
3. UM OLHAR INTERSECCIONAL EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO: ARTICULANDO CONCEITOS	65
3.1 Deu <i>match</i> entre gênero, sexualidade e interseccionalidade	66
3.2 Branquitude, negritude, racismo e identidades raciais	77
3.3 Pedagogias e artefatos culturais	93
4. ENTRE <i>CRUSHES</i>, CURTIDAS OU <i>DISLIKES</i>: APLICATIVOS DE RELACIONAMENTOS COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO TEÓRICA? COMPARTILHANDO RESULTADOS E DISCUSSÕES	102

5. REFLEXÕES FINAIS	133
Referências	145
Apêndices	164
Anexos	177

1. INTRODUÇÃO

Desde a graduação, quando me iniciei no interesse e estudos nas temáticas aqui abordadas, não imaginava o quão presente elas estão do cotidiano e o quanto isso faria diferença em mim e na minha perspectiva profissional. Em comportamentos, escolhas, aparências e tudo mais que envolve o corpo, ser, existir e interagir, lá estão as percepções de gênero, sexualidades e afins.

Estudar, ler e refletir sobre marcadores sociais tão presentes, que estão diretamente vinculados às nossas experiências de vida, nos apresenta (e direciona) possibilidades de enfrentar e posicionar-se no mundo. É sobre saber mais sobre nós mesmas/os e, a partir disso, reconhecer-se, identificar-se e agir; é político, é social, histórico e cultural.

As convergências entre estudo, pesquisa e vida têm-se cada vez mais feito presente, impactando de forma direta posicionamentos pessoais e profissionais. E ainda bem que é assim. Ao longo da escrita de minha intenção de pesquisa, na seleção do mestrado, me via relativamente envolvida em dúvidas e questionamentos a respeito das mesmas questões que aqui estudo. Hoje, escrevendo essas linhas que representam a chegada do processo de mestrado, sinto-me situada, 'encontrada', e com as respostas que outrora necessitava. Maior exemplo disso você tem em mãos; este material partiu das experiências e inquietações no uso e trajetórias em aplicativos, redes e interações sociais midiáticas e tecnológicas. São aplicativos e artefatos que constantemente estão presentes em nossa realidade diária e que cada vez mais ganham espaço e aperfeiçoamentos para figurarem em nossas relações e, de algum modo, em nossas sociabilidades. Representando, demonstrando e/ou reproduzindo aspectos e categorias sociais os quais assumem caráter pedagógico e formativo, contribuindo (ou não) para perpetuação de estruturas racistas, coloniais e sexistas.

A educação, se encarada como contínua e processual, existente nos mais variados espaços e sob as mais diversificadas formas e acontecimentos, terá sempre o caráter emancipador e 'transgressor', como propõem Paulo Freire e bell hooks. Na melhor das interpretações e apontamentos, a leitura, o estudo,

a pesquisa, nos convidam à prática do auto entendimento e reconhecimento, à liberdade que este processo nos proporciona. Liberdade de ser e poder ser, num recorte especial referindo-me pontualmente às mulheres, sob uma indicação de gênero; o que ao longo da histórica e dos aspectos sociais foi subjugado. Ainda mais quando há a inclusão de aspectos que tratam sobre questões de identidade racial, falar sobre mulheres negras ou deixar que elas falem – conceder lugar e espaço de fala.

Entendo, e ouvi muito que eu estaria entrando em uma análise delicada (do estudo em gênero e sexualidade, especialmente pela minha caminhada no serviço comunitário) e que envolveria muito de mim, da minha vida e de fatos pessoais quando da troca de tema. São abordagens de temas complexos, questões sociais sensíveis e que requerem grande dedicação e cuidados de análises, justamente pelos aspectos apresentados; e por enfrentarem resistência sócio-cultural-histórica-política no debate, no entendimento, na magnitude que as formam. E da mesma forma tem sido para mulheres, para mulheres negras e pessoas negras/de cor, conviver cotidianamente com relações interseccionalizadas nos aspectos da identidade racial e do gênero. Conviver com aspectos que tratam do sexismo, machismo ou racismo nos mais variados meios e instituições, e por vezes formas veladas, sombreadas pelo aspecto cômico, hilário como tem sido conferido ao povo brasileiro.

Hoje, mais de uma década depois da defesa do meu TCC¹, sinto-me mais madura academicamente e consciente das escolhas de estudo e pesquisa, que tem influenciado diretamente em minhas posturas pessoais e profissionais. Neste ponto está a principal diferença no recorte a que me proponho pelas linhas que seguirão; as perguntas que me fiz quando da escrita do memorial para seleção de mestrado, hoje seguem recolhendo respostas. Respostas que refletem a realidade de uma infância, adolescência e até de um período da fase adulta de inquietações, e que hoje, são reconhecidas como sexismo, racismo e preconceito. Não são as melhores respostas, reconheço, nem as que qualquer outra pessoa gostaria de receber, ou dar a si mesma, mas são as reais e existentes. Ao menos, com elas pude seguir

¹ Trabalho de Conclusão Curso intitulado “*Infância, Sexualidade e Adolescência: uma relação para a vida toda*”, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA, 2010; que abordava sobre os entendimentos e aprendizagens de jovens a respeito de sexualidade e suas relações.

compreendendo e estudando para ajudar outras pessoas que comigo interajam e, por ventura, precisem do mesmo apoio; ter com quem contar e para quem contar faz muita diferença.

Nesta pequena introdução sobre minha trajetória inicial com os estudos nos temas à definição da temática de pesquisa, não gostaria de iniciar meu texto de uma forma triste ou dolorosa, mas durante os momentos que antecederam esta escrita final – e que por vezes fui resistente – percebi que este era um dos motivos. Evitar as lições retiradas dos estudos, das leituras e escritas; e destes, especiais, quase três anos imersos no mestrado, dedicados às questões diárias e cotidianas relacionadas à raça e ao gênero.

É difícil não iniciar escritas, pesquisas e outras possibilidades de estudos se elas não te causam algum efeito/reflexão direto/a, se elas não aconteceram com você. Pelo menos ainda não vi alguém contar a história de outro alguém – e não, não estou falando da história do racismo, escravidão - mas também não é impossível. O que quero dizer trata sobre escrever sobre pontos que causam àquela/e que escreve autorreflexão sobre experiências que o afetam direta ou indiretamente. É escrever sobre si, falando em primeira pessoa, contar, em medida decolonial, sobre nossas próprias histórias de pessoas negras (mulheres negras) e nossas experiências e trajetórias em ambientes virtuais. Pela análise, pesquisa participante ou experiências e trajetórias, de alguma forma estaremos envolvidos na escrita, e talvez por isso, tenha ouvido muito falar que ela é um processo solitário, e te causa o mesmo sentimento. Agora faz sentido, estar imerso nas relações que te causam reflexões e lembranças, causam novas formas de aprendizados e posicionamentos.

Digo, pois comigo foi, e tem sido. E percebo que em algumas crismandas², alunas e colegas próximas a mim também acontece, e que posso servir de ponto de “elucidação” de dúvidas sobre gênero, sexualidade e questões sobre as identidades raciais. Tópicos que causam expectativas e curiosidades e que estão presentes em todas as nossas relações, sociais, amorosas, profissionais; e que balizam, na maioria das vezes, os ‘resultados’ destas relações. Somos consideradas/os, tratadas/os, imaginadas/os a partir

² Como “alunas” de escola, similaridade de entendimento, mas de catequese, em trabalho voluntário realizado na Igreja Católica. Jovens em formação para recebimento do sacramento.

de nosso gênero, mas especialmente em função da identidade racial que representamos. As questões de identidade racial, especialmente, têm resultados diretos nos processos sociais de convivência, tratamento. São as ideias que temos (e concebemos ao longo da história) sobre “ser branca/o / “ser negra/o” que dimensionam nossas perspectivas sobre a/o outra/o. Mais ainda, são elas que formam nosso entendimento e estruturam as relações sociais em todos os espaços e conexões. Conexões que disparam em culturas tecnológicas cada vez mais conectadas que carregam sob a palma das mãos possibilidades e aplicativos múltiplas/os de interações. Aplicativos criados tanto para facilitar a vida e o cotidiano, mas que servem também como plataformas de disseminação de preconceitos e outras formas depreciativas. Aplicativos para relacionamentos amorosos, casuais, românticos ou mesmo interações sociais que acabam replicando e reproduzindo práticas discriminatórias em comentários, xingamentos e condutas vexatórias.

São possibilidades existentes no cotidiano, nas atividades diárias que estamos todas/os envolvidos, tanto quanto foi para a escolha dos temas de estudo aqui desenvolvido. Foi navegando por entre aplicativos e interações com outros usuários de aplicativos que vislumbrei uma problemática e uma pesquisa. O que poderia ter sido apenas mais uma experiência/distração/aventura por entre algoritmos, estruturou-se posteriormente como questão acadêmica interseccional de pesquisa (racismo, sexismo, estética). Mulheres negras, tanto quanto outras mulheres, têm a liberdade de figurar e tentar utilizar todos ambientes sociais aos quais existam, mas por qual motivo nós também passamos por situações constrangedoras sobre corpo, beleza, estética e padrão? Racismo. E muitas outras interseccionalidades que atravessam nossas experiências, nossa realidade e nossa condição de ser e estar; nos fazendo responder pela herança colonial que escravizou corpos e identidades.

Depois de algumas tentativas frustradas no uso dos aplicativos de relacionamentos, sem entendimento ou ideia do porquê e mesmo depois de ouvir de outras colegas o quanto eles serviam para ‘driblar a monotonia’ que por vezes nos assolam. Foram situações cotidianas que me trariam novamente

à reflexão sobre questionamentos em espaços/experiências sobre ser/não ser devida naqueles espaços virtuais ou de estar inadequada esteticamente (?).

Algumas leituras, apontamentos e indicações de colegas permitiram-me cada vez mais delimitar minha pesquisa e reflexões que cabem neste texto. Foram leituras como Grada Kilomba e sua perspectiva em raça, gênero e espaços de intelectualidade que me abriam horizontes.

E escrevo isto não necessariamente por vaidade, mas muito mais para lembrar da importância de um percurso de conscientização coletiva – pois uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial não permite que novas linguagens sejam criadas (p.13 e 14, 2020).

Também não pretendo vitimizar ou apresentar discursos sobre fragilidade da raça, ao contrário, parto do ponto em que deixamos de ser objetos para assumirmos o posto de quem fala e conta suas próprias histórias. Para tanto, conto ainda com outras referências como bell hooks, Lelia Gonzalez, por exemplo, que me direcionaram no caminho dos estudos enquanto mulher negra. Que me permitiram reconhecer e identificar-me nesta condição de gênero e raça e a partir dela, de ser, pertencer e conquistar. Não tomando a condição da raça pelo viés do diminutivo, ao contrário, é por ele – e pela negritude que me constitui - e representando quem eu sou, que posso apontar para direcionamentos positivos de pesquisa(r). Tornar sujeita ativa e principal outras mulheres que tem outras experiências para contar; experiências essas que tratam sobre subalternidades, hiperssexualização de corpos.

Meu gênero não me limita e minha raça não me defini. Tem sido por esta perspectiva que tenho avançado nos estudos das temáticas aqui propostas, sob o viés pedagógico de tantos meios – tecnológicos em destaque – que hoje nos acompanham. Quando na elaboração e imersão de pesquisa para o TCC e dado alguns resultados dela, ficou nitidamente exposta a necessidade da discussão sobre as relações de gênero, sexualidade na educação. Não a toa o título do referido trabalho³ aponta para uma relação ao longo da vida que temos com as questões, desde a infância e por perspectivas diferentes.

³ Infância, sexualidade e adolescência: uma relação para a vida toda (ANDERSON, 2010).

E ainda mais, por acréscimo de outros marcadores sociais que seguem e nos acompanham ao longo de experiências e espaços que podem, no que cabe especialmente às mulheres, inferiorizar, segregar e atribuir desvantagens sociais e políticas. Sexismo, machismo, racismo são apenas alguns dos exemplos, uns, inclusive, que são apresentados ao debate neste estudo sobre a perspectiva interseccional – atravessamentos simultâneos que acometem às mulheres negras, colaboradoras e sujeitas participantes deste estudo.

Nesses processos que firmo a base de minhas pesquisas ao longo de alguns anos e destacando a relevância da discussão no formato interseccional. Por entender que mulheres negras, no recorte aqui apresentado, têm cada vez mais sentido a pressão da herança colonial da formação da sociedade brasileira, especialmente. Onde a raça – aspecto exclusivo de análise da cor da pele – passa a ser justificativa da exploração, maus tratos e demais sofrimentos atribuídos a um povo negro. Heranças como os abusos sexuais às negras, *mulatas* e escravizadas na época colonial podem representar algo do que entendemos como a hiperssexualização da mulher negra. Que cada vez mais são observadas em razão da estética, do corpo, do prazer em exclusividade; dos apontamentos relativos à raça que as constituem.

E para exposição das temáticas aqui abordadas, a estrutura dessa dissertação está disposta pelo desenho da proposta de pesquisa e dos percursos que me permitiram fixá-la. Caminho e apresento algumas de minhas inspirações iniciais de estudo e desenvolvimento que direcionaram meu olhar às questões de gênero e sexualidade, e posteriormente, de raça e identidade racial.

São relatos que fundamentam as proposições teóricas de costura para essa dissertação, desde meu trabalho voluntário e catequético – descobertas iniciais no trabalho com a juventude. Passando pela escrita do meu TCC (2010), da pesquisa, da observação participante, das entrevistas com os jovens sobre seus entendimentos e históricos educativos a respeito do tema.

Esse tópico que estrutura a questão da pesquisa traz em seu último ponto o itinerário metodológico que me permitiu organizar nas próximas páginas minha dissertação. Foram longos períodos e processos de escolha

que culminaram nas melhores seleções de material de análise; contribuindo para a discussão teórica e científica do capítulo 4.

Foram algumas trocas metodológicas necessárias que contribuíram para as análises dos resultados com exclusão de procedimentos que pouco ou nada contribuíram para este fim. Estratégias dentro dos aplicativos que pudessem me direcionar de maneira articulada às entrevistas/conversas com usuários homens, inicialmente. E isso foi o que deu mais trabalho, adianto. Tentar manter um certo grau técnico-científico ao mesmo tempo que se procura deixar os entrevistados mais a vontade em ambientes virtuais criados para conversas nada científicas, não é tarefa muito fácil. Principalmente quando “o assunto (também) é sexo”; o roteiro criado as vezes se perde, a paciência acaba, o cansaço toma conta..e ainda tem o isolamento. Mas, tudo valeu a pena, foi útil.

Em sequência, no tópico “Deu *match!*” apresento o terceiro capítulo, que trata da análise articulada entre conceitos fundamentais e necessários à compreensão e debate crítico. São vinculações e abordagens entres raça, gênero, corpo, e interseccionalidades dispostas sobre a perspectiva do feminismo negro. Esta análise teórica é importante, por exemplo, para compreensão das percepções acerca das pedagogias culturais e de sexualidades atribuídas desde a infância e por várias instituições sociais narradas pelas interlocutoras deste estudo. Em outras palavras, diz respeito a lançar luz ao fato de crescermos acreditando e repetindo que padrões sexuais e de gênero são naturais ao invés de naturalizados (LOURO, 2001).

Nesta perspectiva, e vinculadas diretamente aos corpos, estão pertencentes estes padrões e possibilidades de ser homem ou mulher. Assim, cabem as percepções e representações sobre os corpos e as corporeidades performativas, como propõe Judith Butler (2019). São perspectivas referentes ao que conhecemos, entendemos e reproduzimos ao longo da vida, e para a análise crítica deste trabalho, compõem nossa visão e aceitação sobre aquilo ou aquelas pessoas que vemos na televisão, novelas, aplicativos digitais e outras formas midiáticas.

São percepções sobrepostas de uma realidade que nos acompanha ao longo de anos, inclusive na formação educacional e educativa e constituem nossos entendimentos sobre corpos, pessoas, gêneros e as sexualidades

ligadas a eles. São corpos predominantemente brancos, esbeltos – diretamente relacionados às questões de saúde e bem-estar, vinculados aos cuidados e a uma quase ‘obrigatoriedade’ excessiva de culto ao corpo, em uma perspectiva filosófica. Corpos que esbanjam saúde, beleza, curvas e perfeições dignas de serem expostas, especialmente e em destaque às colaboradoras deste estudo, as mulheres.

Na sequência, apresento apontamentos sobre *Branquitude, negritude, racismo e identidades raciais*. Conceitos fundamentais que norteiam o cerne de análise vinculado à apresentação das colaboradoras desse estudo. Ainda mais, mulheres que falam sobre si e que possuem autonomia e voz para falar em seu nome e sobre suas histórias e experiências. Desta forma, faz-se imperativo que sejam apresentadas algumas abordagens históricas acerca da negritude, da raça e da construção sociocultural destes processos ao longo da história de formação da sociedade brasileira, especialmente. Sobre como a constituição social da cor toma espaço e ocupa o imaginário e as práticas sociais, figurando em todas as possibilidades de existências e todos os espaços e relações.

Pensando na história (que nos foi contada), na escravização e no processo colonial de formação social, que cria o imaginário e dá a base para as relações sócio-históricas e culturais, temos a representação da negritude como subalternizada e negativada. Em contraponto ao entendimento de privilégio conferido à identidade racial branca – branquitude – e que segue por tempos naturalizada, não assumindo a qualidade de neutralidade ao debate racial que esse discurso confere.

Percepções de diferenças de cor que nos caracterizavam – pessoas negras – como indignas e não humanas justificam os tratamentos desumanos concedidos às/aos escravizadas/os. Desde a usurpação de suas condições humanas, suas crenças, seus entendimentos pessoais e culturais até suas vidas.

Cria-se então e a partir destas concepções as noções de identidades raciais que justificam um sistema impositivo baseado na cor da pele (aos negros), de desigualdades políticas, sociais. O preconceito de cor está arrigado nas ideias e ideais coloniais que até hoje perduram nas relações cotidianas brasileiras, e à *brasileira*. Desde o modo institucional e institucionalizado de

ocorrências racistas até a compreensão estrutural que esse sistema ocupa nas relações recreativas (racismo à brasileira, do riso e das piadas).

Percepção da cor da pele, assimilada em diversas sociedades modernas como dimensão trazida a primeiro plano para compor a singularização do indivíduo humano, é sobretudo uma percepção socialmente construída – uma peculiar forma de apreensão da realidade humana que possui origens e atualizações históricas bastante específicas (BARROS, p. 13. 2014).

Pela construção social de formas de tratamento desigual entre pessoas, baseada exclusivamente na cor da pele, tornaram povos e populações reféns de uma carga histórica e de sofrimento que perduram até os dias atuais. Sempre justificada pela cor da pele que você apresenta. Antes de qualquer questão, a raça, a negritude, os traços físicos que a constitui estão sempre ‘falando’ primeiro que o ser; e sendo referência para julgamentos e pré-julgamentos.

Diante destas apresentações, é imperativo que se traga algumas abordagens de como pretendo demonstrar estas questões em sentido prático. Do aspecto relacional das ideias e questões de corpo, gênero e sexualidade e de raça/negritude e das percepções e acontecimentos cotidianos midiáticos; o que apresento no tópico seguinte e tratam das *Pedagogias e artefatos culturais*. Discutindo sobre aspectos pedagógicos contidos em instrumentos culturais e sociais, que trazem ensinamentos e permitem apreensões sobre a realidade que estamos. Pensar assim sobre os corpos que são diariamente (permitidos) serem expostos e apresentados como ‘aprovados’ para exibição, demonstração. Ou quais corpos não são ou não devam ser? Brancos ou negros? Gordos ou magros? O que mais nos é apresentado em aplicativos, redes sociais e outros meios midiáticos? Quais corpos? Qual raça? “Se o livro não diz a cor do personagem na história qual cor você atribui?”. Pense um pouco.

É sobre a estrutura de uma sociedade heteronormativa de corpos brancos repetidamente exibidos e apresentados que formamos nossas percepções sobre ser e aparecer. O que diferir disto pode ser estranha e marginalmente recebido; sob muitos aspectos, como ser hipersexualizado pela

raça negra – exótico e desejável sexualmente – ou ser temido, ser morto, perseguido e identificado como abjeto.

Abordar sobre artefatos e suas pedagogias neste trabalho pressupõe o reconhecimento de que as sociedades contemporâneas cada vez mais tecnológicas sofrem influências, tanto quanto influenciam, nossos modos sociais. Que os meios tecnológicos são a representação de crenças e entendimentos sociais de diversos assuntos, são espaços onde circulam e coabitam processos de aprender-ensinar. São neles que, em tempos altamente informatizados como hoje – em função da pandemia especialmente – temos as marcações, por exemplo, sobre gêneros, sexualidades e raças. Sobre quem pode figurar e configurar estes espaços de alta visibilidade e exposição pública.

São circulações geracionais que aprendem, apreendem ou questionam (ou não) o que compõe os *feeds*, as *sugestões os status*. Aplicativos que cada vez mais têm se tornado presentes nas vidas modernas/cotidianas com a promessa de agilidade e eficiência.

Esse tópico pretende abarcar o processo pedagógico pela via tecnológica sobre as representações culturais constituídas e compostas nos artefatos, aqui representados pelos aplicativos de relacionamentos virtuais. Que estão carregados de percepções individuais sobre a/o outra/o, sobre quem ela/ele é ou o que penso a partir da cor que ela/ele tem.

Finalizando este capítulo teórico está a seção que trata sobre *Feminismos Negros*, pertinente nesta discussão sob a ótica da pluralidade dos feminismos, de suas lutas e conquistas. Já que este é um estudo dedicado às mulheres, nada menos necessário do que trazer uma seção específica sobre considerações da luta das mulheres e das mulheres negras. Da importância da trajetória que temos percorrido até o momento e do quanto ainda precisamos seguir caminhando e conquistando.

É necessário apresentar os aspectos que diferenciam de outras lutas feministas⁴, o que aponta para além da existência da pluralidade, a persistência das singularidades e necessidades de cada movimento, das mulheres.

⁴ Putafeminismo, Feminismo Lésbico, Transfeminismo, Feminismo Indígena, são alguns exemplos.

As lutas feministas são a melhor representação de questões sobre gênero – feminino – importam e são fundamentais para debate. São conquistas que geraram mudanças sociais, culturais e históricas e marcaram a pauta sobre a mulher enquanto ser social e cidadão. Não há o que negar. Foi a partir deste movimento que se instaurou a rede de luta pelas e das mulheres, e por nós. Rede esta que não pode ser considerada nem apresentada em singularidade, todas/os somos diferentes; por que o movimento não seria? Há a necessidade de identificar, reconhecer e apoiar outras possibilidades de lutas feministas. Redes pressupõe pluralidades, mulheres são essa representação, não há singularidade que defina.

As lutas das mulheres negras pelos feminismos plurais⁵ que destacamos é uma larga demonstração da diversidade de causas que mulheres enfrentam cotidianamente. Seja em função de sua classe social, sua raça, sua sexualidade, outras ou todas juntas – ao que Akotirene salienta como *insterseccionalidade* (coleção femininos plurais, 2019). São entrecruzamentos de perspectivas que estão acometidas às mulheres, especialmente às negras.

Adiante, logo na sequência, apresento os resultados conjuntamente às análises de pesquisa. Os resultados são frutos da trilha metodológica que dá suporte ao desenvolvimento deste trabalho ao longo de alguns meses; e que apresentam basicamente três categorias analíticas. A primeira aborda sobre corpos que desejam e corpos que são escolhidos e traz uma análise acerca dos perfis daquelas/es que figuram nos ambientes virtuais de relacionamentos, em grande maioria corpos de pessoas brancas. São estes (corpos) e estas (pessoas) que movimentam a ‘seleção’ das/os parceiras/os para relacionamentos, e ao menos os relacionamentos ditos como ‘duradouros’, mais duráveis, estáveis e sérios, os corpos que igualmente escolhem são os escolhidos: brancos e esteticamente padronizados.

Isto, nos leva à segunda categoria analítica deste estudo que discute sobre a preterição de corpos negros, corpos de mulheres negras –

⁵ Com coleção de mesmo nome organizado estruturado pela filósofa e escritora Djamila Ribeiro, traz uma série de livros e obras que contam um pouco das histórias, dos contextos e das lutas das mulheres negras ao longo dos tempos. Apresenta formas e existências do racismo, incluindo o racismo estrutural (Silvio de Almeida) da sociedade brasileira, que entranha e mistura às percepções sociais sobre relações. Alguns apontamentos sobre a discussão que fizemos sobre construção social da cor mais acima.

especialmente às esteticamente não ajustáveis e fora do padrão (por exemplo gordas). Nesta categoria discutiremos sobre as percepções acerca do colorismo e os entendimentos de raça e identidade racial – branquitude e negritude; que também servem de base para compreensão da categoria anterior. Em linhas gerais, o colorismo (subsidiado aqui pelos escritos de Alessandra Devulsky, 2019) representa uma forma de segregação interna na comunidade negra, atuando como fonte de fissura no movimento e tem por finalidade uma hierarquização do povo negro. Hierarquização pautada no tom de pele das pessoas negras, uma espécie de régua das cores, com dois extremos fundamentais: um branco e um preto. Quanto mais próximo de um deles mais ou menos o/a indivíduo/a gozará de tratamentos sociais diferenciados; se mais branca/o – poderá usufruir de espaços e/ou prerrogativas menos preconceituosas em função da pele mais clara – são as/os negras/os de pele clara; se mais preta/o – esta/e sofrerá as duras penalidades acometidas historicamente à população afro-brasileira – são as/os negras/os de pele escura.

O colorismo tem explicado e balizado muito de muitas relações sociais nas quais estamos inseridos e temos experienciado, as relações e os aplicativos digitais e virtuais são uma delas. Neles circulam percepções, entendimentos e comentários que fazem reproduzir essa ideia e esse ideal racista sobre pessoas negras; onde algumas pessoas (brancas em maioria) sentem-se autorizadas em associar a mulher negra ao estereótipo conferido à raça: animalizado, hiperssexualizado ou ‘naturalmente’ marginalizado.

E neste espaço de compartilhamento dos resultados e finalizando as categorias analíticas deste tópico, trago a ideia sobre a hiperssexualização dos corpos negros femininos. Depoimentos das colaboradoras que evidenciam o quanto nossos corpos sofrem a interseccionalidade do gênero, da raça e da estética/sexualidade (entre outras). O quanto pessoas brancas sentem-se liberadas para tocar em nossos corpos, nossos cabelos e fazer perguntas ofensivas à nossa sexualidade; e como se fôssemos obrigadas a não devolver uma resposta, a silenciar e aceitar.

Constantemente somos associadas a um desejo sexual desenfreado, fruto de um entendimento sobre ter ‘uma pele quente, ferosa’; ao pecado, fruto

proibido, ao impulso sexualizado. E, quase sempre, estes corpos não são escolhidos para relações não duradouras, e sim para encontros esporádicos, casuais; seja para matar uma “curiosidade” sexual ou mesmo pela falta de interesse ou vergonha do/a parceiro/a em ‘*assumir*’ uma mulher negra. Os corpos negros femininos são motivos de curiosidades pela exuberante beleza; são hipesssexualizados - quando conferem às percepções estéticas padronizadas impostas (magros e esbeltos) – mas nem sempre são os escolhidos para relações fixas, duradouras.

Finalizando o capítulo sobre as análises de resultados, tanto quanto a escrita desta dissertação, apresento algumas reflexões finais sobre o exposto ao longo destas páginas. Trago a importância de uma educação ampla, decolonial com vistas às percepções sobre identidades raciais e suas relações. Sobre a necessidade de histórias que apontem o povo negro sobre perspectivas diferentes, além das que vemos e lemos nos livros didáticos e/ou nas aulas de história, sobre sofrimento e escravidão.

Há a necessidade do trabalho com artefatos culturais presentes no dia-a-dia de todas/os e que são pedagógicos, que fazem aprendizados. Repensar sobre nossas práticas em casa, na rua, na escola e também nos ambientes virtuais; sobre os mais variados marcadores sociais e políticos.

Na sequência, deixo todas as referências que muito me ajudaram e serviram de suporte crítico para esta elaboração; são autoras, autores, textos, vídeos, links, entre outros materiais, que imperativamente permitiram a discussão nestas páginas. No mais, disponibilizo os materiais que foram criados para auxiliar o estudo e a escrita desta dissertação – eles estão dispostos nos apêndices; já nos anexos deixo outros materiais de consulta que igualmente serviram para esta construção, citados ao longo deste texto.

2. DE GÊNERO E SEXUALIDADE À INTERSECCIONALIDADE: CONSTRUINDO UMA QUESTÃO

2.1 Sobre “inspirações” e trajetórias de pesquisa

Esta dissertação apresenta um estudo sobre experiências de mulheres negras em aplicativos de relacionamento na Internet (*Tinder* e *Happn*),

desenvolvido no período de outubro de 2020 a março de 2022, com enfoque para a interseccionalidade. Para isso, busquei entender as experiências dessas mulheres nas referidas plataformas; o que buscam ao se inserir nelas, quais tipos de envolvimento têm/tiveram, que imagem compartilham de si e a percepção que têm sobre olhares e interesses afetivo-sexuais lançados a elas.

Parto da perspectiva da interseccionalidade, categoria analítica elaborada pelo feminismo negro que destaca que a vida de mulheres negras é atravessada, ao mesmo tempo, pelas categorias de gênero, raça e classe (Kimberlé W. Crenshaw, Angela Davis, Patricia H. Collins, bell hooks, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Joice Berth, Vilma Piedade).

Em linhas gerais, as referidas autoras destacam que a interseccionalidade representa uma aversão à ideia de universalidade que sustenta o sistema moderno capitalista. Bernardino-Costa et al mostram que o cientificismo europeu criou uma ideia de universalismo abstrato, que marca os diversos âmbitos da vida social: economia, política, estética, subjetividade, natureza. Na verdade, é um particularismo disfarçado de universal, que aniquila o outro.

Neste sentido, Ribeiro (2019) destaca que pensar o feminismo negro é localizá-lo a partir de uma estrutura de poder, rompendo com os conceitos sexistas e racistas. O arcabouço teórico-metodológico do feminismo negro contribui para a reflexão não apenas sobre as mulheres negras, mas também sobre as diversas formas de opressão e também que tipo de sociedade queremos construir.

Quando iniciei meus estudos sobre sexualidade (inicialmente apenas nesta categoria) não imaginava o quanto estava relacionado à minha vida pessoal. Minha relação com a catequese, com as/os crismandas/os - como chamamos os “aspirantes” a receber o sacramento; uma espécie de “aluno da igreja” e com entendimentos sobre religião tiveram relação direta e decisiva na escolha de linha de pesquisa, tanto quanto na minha vida de pesquisadora. Neste caminho, e em meu trabalho de conclusão de curso – TCC (ano de 2010) estudei o que as/os jovens da minha cidade de origem, Belém/PA, entendiam por sexualidade; e quais suas experiências e expectativas sobre

relacionamentos e com quem costumavam compartilhar suas dúvidas e interesses a respeito do tema (ANDERSON, 2010).

As/os jovens interlocutoras/es de minha pesquisa de TCC eram em maioria participantes de uma turma de ensinamento religioso, sob minha responsabilidade, na Igreja em que eu atuava à época⁶. Em minha atuação como catequista de Crisma (sacramento da Igreja Católica), tive a oportunidade de entrar em contato com dezenas de jovens, na faixa etária a partir dos 14 anos, e de tratar, nos encontros de crisma⁷, sobre os mais diversos assuntos. Com perspectivas religiosas, com relação à família, amizade, relacionamentos, namoro, por exemplo, relacionados à vida, aos entendimentos sobre ser e viver.

Por muitas vezes (até hoje) ainda percebo e recebo olhares desconfiados lançados sobre interrogações a uma “catequista⁸ que estuda gênero e *sexualidade*” (?). Mas foi justamente dentro de uma sala de encontro de catequese que tudo começou e minhas/meus crismandas/os me ajudaram a perceber. Pontuo sobre questões sensíveis que dizem respeito ao estudo da sexualidade ademais ao entendimento dos dogmas da Igreja, sobre compreensões individualizadas que representam exclusivamente interesses de quem fala e não proposições de amor e afeto da religiosidade.

Reconheço que desde cedo recebemos ensinamentos baseados em alguma perspectiva religiosa que aborda modelos e procedimentos de condutas que tem balizado nossas vidas. Pedagogias da sexualidade, como aponta Guacira Lopes, na indicação de instituições – especialmente as de ensino, a escola – como espaço de processos de ensinamentos sobre os ‘papéis’ sociais de ser homem/mulher; que cabem às compreensões sobre

⁶ Refiro-me aos encontros de catequese da Igreja Católica que trabalha em atividades dinâmicas com o público jovem as principais doutrinas, os princípios morais de conduta e religião, de modo a prepará-las/os para receber os sacramentos (batismo, primeira eucaristia, crisma) e vivenciar a vida cristã e em sociedade.

⁷ Os encontros de crisma correspondem ao dia da semana em que ocorrem a formação das/os jovens para receber o sacramento, geralmente, aos sábados. Neste processo preparatório, que pode durar de 1 a 2 anos a depender do curso formativo de cada paróquia, uma vez por semana, ocorre a exposição dialogada de um conteúdo referente à vida cristã, tendo como referências o Catecismo da Igreja Católica, Bíblia Sagrada, Livro de Formação de Jovens Cristãos. O formato geral dos encontros envolve acolhida, oração inicial, cantos, dinâmicas, exposição dialogada dos conteúdos, trabalhos em grupos e oração final.

⁸ Gerenciador/a, mediador/a responsável pela sala com os jovens, em apresentar o tema/assunto e conduzir as atividades. Como “professor/a”.

religião e sexualidade. Entendidos como divergentes, sexualidade e religião são temas abordados nos escritos religiosos (e entendimentos) como relações impossíveis e/ou questões exclusivas ao sacramento do matrimônio, por exemplo. Tratados exclusivamente, dependendo do ponto de análise e do olhar de quem o faz, como dogmas imperativos, limitantes e condicionantes, impostos a toda/o cristã/ão. Mas é preciso uma postura bem mais dedicada e concentrada a respeito do assunto; leituras e conhecimentos em prática para identificar que reduzir a esse tipo de ‘definição’ não corresponde ao real.

Quando jovens e adolescentes procuram uma pessoa fora do ambiente familiar, pertencente a um espaço que não do convívio diário para falar sobre sexualidade e relações entre pares, há de se atentar. Principalmente se analisarmos sob o ponto de vista geracional; são jovens/adolescentes que estão em desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e em formação de personalidade. Cabendo a todas/os – fazendo parte ou não do processo de ensino e aprendizagem formal – orientá-las/os nessa perspectiva. Sobre identidade, concepções físicas (para além do biológico) e sociais, e do pleno desenvolvimento humano, de ser e estar no mundo. Assim nasceu minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC), que tratou sobre as percepções e entendimentos juvenis em torno do conhecimento sobre *sexualidade*.

No mesmo período que realizei minha pesquisa de TCC, no ano de 2009, algumas discussões acerca das temáticas curriculares em gênero e sexualidade⁹ começaram a surgir, encabeçadas pelo trato sugestivo das temáticas em sala, alheios à proposta escolar planejada para o ano letivo; não contempladas na base curricular de maneira direta. Foi nesse período e pela forma superficial que passei a buscar informações escolares, pedagógicas e curriculares a respeito do tema da sexualidade, além da pesquisa como também ao trabalho pedagógico.

⁹ A exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são diretrizes do Governo Federal para a educação no país no início dos anos 2000, que preveem o trabalho de alguns temas específicos como medida pedagógica de forma transversal, não linear e indireta. Como estratégia escolar para o trato de temas não inclusos na matriz curricular, que tratam do tema *sexualidade* como tópico transversal, em capítulo intitulado “Orientação Sexual” esgotando-se no material as possibilidades, sem grandes aprofundamentos e/ou trabalhos. Cabia ao/a professor/a utilizar ou não o material em sala.

Fundamentalmente com vistas à elaboração de meu TCC, empenhei-me nesta busca para compreensão do acesso às informações sobre sexualidade e de conhecimento sobre a temática entre as/os jovens. Na tentativa de dar suporte à pesquisa que realizava e aos questionamentos que me fazia sobre ser procurada por aquelas/es jovens (entre meninos e meninas) a respeito do corpo, da sexualidade, da vida.

Neste contexto, identifiquei-me como ‘sujeita’ externo às relações cotidianas com os quais minhas/meus crismandas/os (como são chamados os jovens em preparação ao recebimento do sacramento da Crisma) tinham acesso¹⁰ diário (familiares, amigos próximos). Fui ‘selecionada’ para longas conversas e histórias sobre trajetórias pessoais delas/es para esclarecimento de dúvidas e/ou curiosidades, especialmente sobre questões sobre corpo e sexualidade (em sentido estrito). Mesmo pelas relações da religião que nos conectaram, elas/es não deixaram de expor suas interrogações sobre o corpo perfeito; provas de amor e sexo; relações amorosas; momento ‘certo’ para relações sexuais, e o próprio sexo.

“Tia, e se eu fizesse sexo no namoro?”

“Tia, prova de amor é errado? Como eu consigo saber?”

“Qual momento certo pra dormir com meu namorado?”

Daí e assim intensificou meu interesse de estudo pela temática da sexualidade e juventude. Mais ainda pelas curiosas respostas sobre processos de orientação e/ou mecanismos de conhecimento a respeito do tema, resultado de meu trabalho de conclusão de curso. De como as/os jovens obtinham alguma ou qualquer instrução sobre tópicos relacionados à sexualidade, seja na escola e/ou na família. E, sobre esses espaços, a resposta foi quase nula; como resultado de pesquisa de TCC, está a perspectiva de ambas instituições mencionadas tratam sobre este assunto de forma insatisfatória. No caso da instituição de ensino – escola, quando aborda, é sobre o aspecto biológico, percepções de ser padronizados no âmbito anatômico dos corpos.

¹⁰ Apesar de nossos encontros serem semanais, de mantermos contato frequente com eles (algumas/ns acabavam se transformando em amigas/os), ainda assim, não havia relação parental. Nosso contato não era constante, mas fui ‘eleita’ confidente entre tantos pares, conhecidos e familiares.

Com o passar dos anos, a dedicação nos estudos e os resultados obtidos, a perspectiva de gênero foi adicionada à análise. Tanto por aspectos técnicos, pois é quase indissociável trabalhar sexualidade e gênero; quanto pessoais, pois vivi e experienciei situações que colocaram e destacaram sempre o meu gênero como limitador ou definidor. Quando comecei a perceber e identificar situações que destacavam de maneira negativa e depreciativa meu gênero. O fato de ser mulher passou a ser referência de análise crítica e de observação. Marcas, símbolos histórica ou socialmente arraigados, 'carimbados' como padrão sexual e de gênero (feminino, aqui especificamente).

O empenho por articular as temáticas de sexualidade e gênero intensificou ainda mais quando algumas situações e experiências pessoais me colocaram em constante reflexão e questionamento sobre formas e padrões impostos aos corpos. Questionamentos que me fizeram (e fazem) pensar e discutir sobre o motivo de interessar tanto o jeito de viver a sexualidade? Porque devo seguir um 'padrão' fixado histórica, cultural e socialmente? E por que o fato de não o seguir como socialmente estruturado causa tanto estranhamento? Por que comportamentos de mulheres bem resolvidas (com o corpo, com seu gênero e sua sexualidade, entre outros pontos) como as cantoras *Beyoncé*, *Anitta* (seja em letras de músicas ou por suas declarações e/ou comportamentos) ou da atriz Cléo Pires (especificamente sobre sua sexualidade {em função do gênero}) parecem causar estranhamento? Pela raça e negritude da maioria delas? Pela postura afirmativa? Pela identidade de gênero/sexual? Pela postura de independência? São os por ques que me acompanham e iniciaram comigo a pesquisa.

Como aponta Chimamanda Adichie, "estereótipos limitam e formatam nosso pensamento" (2015, p.7), encerram possibilidades e inviabilizam oportunidades. Históricas ouvidas e repassadas sobre as mulheres o 'não lugar que elas ocupariam', o 'não ser' que elas seriam', e as oportunidades que nós não deveríamos ter. Ainda mais quando atrelada a essa percepção de gênero, está a questão de raça, do povo negro, que muita carga negativa já está associada, pensemos então na interseccionalidade da mulher negra.

Diante destes questionamentos algumas reflexões foram possíveis quanto aos entendimentos sócio-culturais a respeito da identidade de gênero e percepções sobre sexualidade. Percebi que posturas e comportamentos (dos gêneros, em especial o feminino) são ‘vigiados’ (e quase controlados) baseados na concepção da existência do ‘padrão’¹¹, dos marcadores de posturas de masculino e do feminino. Quebrar, aliás, tentar romper estas barreiras causa um total desconforto, um risco; “meninas precisam comportar-se como meninas” ou “coisas de mulher”. As observações referentes aos ‘desvios de padrão’ não são exclusividades apenas entre mulheres (‘olha como ela anda, nem parece mulher’; ‘por que mulher não fala assim’); homens também não poupam julgamentos e avaliações do que é tido como marcadamente masculino. Geralmente presentes em rodas de brincadeiras, piadas e outras formas explícitas.

Estas análises permitiram-me identificar, de forma interseccionalizada, as representações entre gênero e sexualidade, especialmente; recortes sociais necessários à discussão e presentes nas relações cotidianas. São abordagens sobre corpo, ser ‘homens’ e ‘mulheres’ ou o que se entende sobre isso imperativas ao debate, pensados e presentes nos mais diversificados meios. Somado a esta perspectiva analítica interseccional, ainda posso destacar – também fruto de observação desse estudo – os entendimentos sobre identidades raciais, para não falar apenas em negritude quando se trata do debate sobre ‘raças’. E sim da compreensão de que a identidade branca também pode/deve ser compreendida neste processo, permitindo outras fontes de análises (interseccionais), como o convite ao debate – político, por exemplo – sobre pertencimento e privilégio.

2.2 O tema e seus objetivos

A proposta inicial de pesquisa tinha por objetivo a continuidade do estudo sobre gênero e sexualidade e percepções juvenis sobre os temas.

¹¹ Aponto aqui sobre a noção do que foi/é instruído como ‘norma’ a ser seguida e buscada. Entendendo o padrão como a obrigatoriedade de seguir e acompanhar o que tem sido imposto e apresentado como regra, como por exemplo a ideia de sexualidade (única) baseada na *heteronormatividade*: a atração *exclusiva* de sexos opostos.

Contudo, sob o aspecto interseccional de análise, após estudos e reflexões sobre as identidades raciais, a categoria *raça* foi adicionada ao estudo. Partindo das perspectivas de interseccionalidade, o objetivo deste estudo inicial era compreender como as/os jovens falam/entendem de si (identidade) e de suas experiências afetivo-sexuais e suas trocas entre pares. Um trabalho de pesquisa que demandaria tempo e seria realizado de modo presencial e interativo, a partir do segundo semestre de 2020.

Entretanto, em março de 2020, o mundo é surpreendido com o anúncio – pela Organização Mundial de Saúde (OMS), da pandemia de Covid-19, uma doença infecciosa causada por um tipo de coronavírus (o SARS-CoV-2). A doença apresenta sintomas leves a moderados semelhantes a uma gripe comum, como febre, tosse e perda de olfato e/ou paladar; em indivíduos que desenvolvem a doença, que, em alguns casos, evolui para um quadro de síndrome respiratória aguda grave¹².

A partir do anúncio feito pela OMS em março de 2022, o mundo passou a assistir um aumento significativo do número de casos espalhando-se pelo mundo¹³. Medidas de *lockdown*¹⁴ foram anunciadas, ficando abertos apenas os serviços considerados essenciais, como hospitais, supermercados, farmácias e postos de combustíveis. Tais medidas de restrições sociais e a situação de saúde mundial pegaram a todos de assalto; a *quarentena*¹⁵, pensada para um período curto em média de 15 dias, acabou durando algumas semanas, vários meses.

Deste modo, o mundo quase ‘paralisou’, as vidas e o cotidiano ficaram comprometidos com a pandemia de Covid 19. A palavra da moda que passou a

¹² No site da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), há um retrospecto histórico sobre o início da pandemia aos dias atuais, disponível em Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde (paho.org), acessado em 28 de Junho de 2022.

¹³ No Brasil, a confirmação do primeiro caso aconteceu em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo. Era uma doença para a qual não se tinha algum tipo de medicação e nem vacina, e o comportamento do vírus no corpo humano precisava ser melhor investigado pelos cientistas. Mas possuía um rápido poder de evolução para casos graves e a OMS recomendou o combate ao vírus através de medidas de isolamento e distanciamento social.

¹⁴ Confinamento, em tradução livre. É um protocolo que restringe o trânsito de pessoas e cargas, impedindo a livre circulação e acesso aos lugares, geralmente usados como medidas de proteção sanitárias, medidas de urgência/emergência.

¹⁵ Período de reclusão de indivíduos ou animais sadios para tempo de incubação de uma doença, para acompanhamento e monitoramentos dos sintomas iniciais de alguma enfermidade.

ser noticiada pela mídia (programas de televisão e em anúncios do governo federal) era reinvenção ou “novo normal”; as pessoas precisaram aprender a se reinventar para viver em casa, em família, sozinhas; isoladas socialmente. As redes sociais, internet, serviço de *streaming* passaram a ser muito mais utilizadas no período de isolamento e distanciamento.

Pelo mencionado, algumas mudanças precisaram acontecer na proposta de estudo a que me propunha. As interações presenciais, por exemplo, estavam inviáveis, a pesquisa de campo com as/os jovens, em igual proporção, canceladas, era preciso pensar em outras estratégias.

Durante o período de isolamento social todos precisamos de meios de distrações e ‘companhias’ que ajudassem a passar por aquele momento delicado de saúde pública mundial. Lembrei dos aplicativos de conversas e relacionamentos que há algum tempo haviam sido pauta de bate-papos (antes da pandemia, quando éramos livres para circular) entre amigas também recém-chegadas em POA, final de 2019. Elegi-os, então, *aplicativos de ‘companhia’* para o momento de pandemia; uma conversa, uma distração online, à distância.

As conversas, os *matches*¹⁶, os perfis e suas descrição permitiram-me identificar o ponto de partida para uma (nova) proposta de pesquisa. Assim, o universo que antes servia como (tentativa) estratégia para driblar a monotonia entre a escrita, o estudo e o “novo normal” concedido pela pandemia, passou a figurar como lócus de estudo e desenvolvimento de análise e pesquisa. Por vezes cansativos e desconfortáveis pela frequência com que era preciso acessar e navegar por entre os aplicativos para conquista de aceites (combinações) de participações, quanto pelo conteúdo (ou falta dele) de algumas conversas.

Pelo escrito, o objetivo geral desta dissertação é compreender experiências afetivo-sexuais de mulheres negras em ambientes virtuais de relacionamentos, sob uma perspectiva interseccional, observando as pedagogias culturais presentes neste contexto.

Como objetivos específicos, busquei observar como as mulheres negras

¹⁶ Em tradução livre, “corresponder, combinar”. Acontece quando duas pessoas curtem simultaneamente uma à outra (perfis) em aplicativo de relacionamento virtual.

falam de suas experiências pessoais nos aplicativos de relacionamentos, com ênfase nas intersecções de gênero, sexualidade e raça no que diz respeito às parcerias que buscam e as que encontram. Ainda mais, procurei identificar quais pedagogias estão envolvidas em processos virtuais de raça/negritude/branquitude e preconceito que são acionadas nos cuidados para criar perfis nos aplicativos, nas imagens que ‘falam’ de si. Por fim, possibilitar percepções interseccionais afetivo-amorosas nas relações de gênero, sexualidade e raça no formato on-line.

Para quem, independente do recorte geracional, pense e acredite que os ambientes e aplicativos digitais de relacionamentos são espaços exclusivos de ‘pegação’ e relações sexuais, engana-se. Esta é a primeira observação que apresento e que aprendi nestes meses de imersão e estudo. Claro que esta pode ser uma consequência de trocas de mensagens, curtidas, telefones e outras redes sociais; mas, não tem o fim específico na relação sexual, propriamente dita. Conversar com tantas pessoas, escutar sobre experiências, pretensões em espaços de relacionamentos virtualizados me trouxe grandes aprendizados, especialmente pela intersecção de temáticas.

São espaços que recebem definições ou pré-julgamentos negativados, e que talvez até por isso, sombreem lócus de estudo tão rico e com grandes revelações. Não a toa algumas/alguns entrevistadas/os mostraram surpresa ou incredulidade quando iniciávamos as conversas e eu confirmava tratar-se exclusivamente de pesquisa. Algumas histórias de relacionamentos duradouros, casamentos e outras possibilidades positivas existem nesses espaços, apesar de não ser esse o foco de pesquisa, julguei interessante apontar.

Voltando ao que me proponho aqui, estudo de trajetórias afetivo-amorosas e interseccionais de mulheres negras em ambientes virtuais/digitais – os *aplicativos* de relacionamentos são criados *por* definições de trocas e interações sociais, geolocalização e convergência de interesses adicionados no ato do cadastro. Eles são abertos e públicos a todas/os que queiram e façam um registro com cadastro de dados e interesses pessoais; assim, todos e todas com internet e dispositivos móveis têm acesso às funcionalidades.

Nesta reflexão, aponto como marco inicial do interesse por esta pesquisa minhas experiências pessoais. Minha trajetória de navegação em aplicativos de relacionamentos virtuais como precursor metodológico, o *start* para a escolha desta proposta de dissertação e pesquisa de campo. A partir das conversas repetitivas, sequências de *matches* e do ‘roteiro’ que seguia, passei a observar de maneira mais crítica e analítica aquele ambiente virtual e as relações que aconteciam ali. Logo, me permiti indagar se outras mulheres, para além do meu círculo pessoal, faziam uso do recurso e como seriam as suas experiências neles.

Caminhei por uma série de recortes e redimensionamentos até chegar ao que apresento nestas páginas. Recortes necessários à adequação da metodologia, já que nem sempre as/os usuárias/os estão disponíveis para participação de pesquisa em ambientes onde procuram ‘encontros’. Logo abaixo, na sequência, apresento detalhadamente a trilha e os percursos da caminhada até a definição e escolha metodológica que auxiliaram na escrita e conclusão deste estudo.

2.3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

No capítulo que segue apresentarei algumas estratégias utilizadas para alcance dos dados de interesse deste estudo e que serão analisadas na sequência. Múltiplas estratégias foram aplicadas sempre com meta ao aporte crítico de análise e as que mais contribuíram de forma satisfatória permaneceram até a coleta de dados.

Dentre as quais, sinteticamente, adianto algumas metodologicamente fundamentais: 1. *Formulários diagnósticos* de levantamento de público interessado em participação voluntária para entrevistas, com perguntas sobre os temas de investigação deste trabalho (experiências afetivas de mulheres negras em ambientes virtuais de relacionamento). 2. *Recortes de notícias, entrevistas ou/ status*¹⁷ (de perfis abertos e públicos) de pessoas públicas – mulheres negras – a respeito de sua presença nos ambientes virtuais e comentários recebidos;

¹⁷ Em tradução livre, “estado”. Uma espécie de estado passageiro com postagens, imagens ou textos; aos quais usuários da rede social têm acesso para visualização rápida, disponível por 24h.

recorte de *perfis* de usuárias (mulheres) negras que trazem como referências questões abordadas neste estudo sobre raça, gênero e relações afetivas. Por fim, 3. *Entrevistas individualizadas* com mulheres voluntárias sobre suas trajetórias afetivas em ambientes virtuais de relacionamentos.

Com necessidade de organização dos fatos, ações e explicações, há imperatividade de algumas retomadas temporais iniciais. Dada a pandemia do coronavírus e a instauração do isolamento social, algumas mudanças se fizeram necessárias. Anteriormente estruturada em uma pesquisa participante de entrevistas presenciais e deslocamentos constantes pelo eixo norte-sul, o estudo previa atividades com jovens estudantes dos Institutos Federais das mencionadas capitais regionais, Belém/PA e POA/RS. E tratava, na perspectiva deste público, quanto às questões e entendimentos em gênero e sexualidade por elas/eles apreendidas ao logo da vida e de trocas realizadas entre os pares (idade/série/localização).

Nesta situação, os aplicativos foram formas ‘seguras’ de comunicação, distração e algum ‘contato’ social em período de distanciamento. Reinstalado¹⁸ no final de 2019, o **TINDER**¹⁹ foi o primeiro aplicativo ao qual tive acesso e manuseio e já o conhecia de outras tentativas, assim como a algumas de suas funcionalidades. Logo, não foi tão complicado: cadastro, algumas respostas de gostos e informações pessoais e desejos sobre o *match*²⁰ perfeito; “tudo pronto! Vamos começar”.

Em linhas gerais, é uma rede de relacionamentos afetivo-sexuais, em que a/o usuária/o – mediante instalação de aplicativo – preenche um cadastro com dados pessoais, foto, preferência sexual para relacionamentos (homem/mulher), faixa etária de interesse. As sugestões de perfis para análise serão direcionadas com base nestas escolhas, exemplo: mulher com interesse em homens na faixa etária dos 27 aos 35 anos de idade.

¹⁸ Já havia realizado uma tentativa (frustrada) no uso há anos, mas sem conhecimentos, intimidade ou experiências positivas, desisti e apaguei.

¹⁹ Plataforma de localização de pessoas geograficamente próximas para serviços de relacionamentos online, com cruzamento de informações e interesses cadastrados previamente.

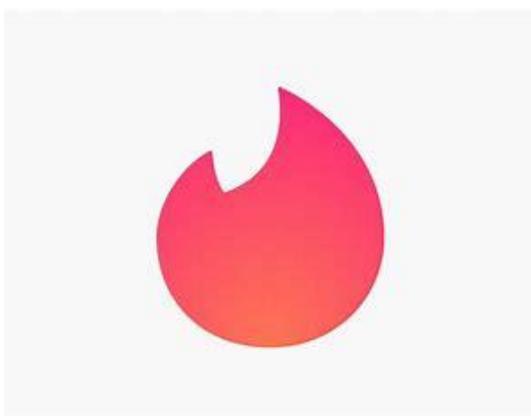
²⁰ Palavra em inglês que em tradução livre significa “combinar”. A expressão teria o sentido de combinação, formar um par, combinou (“dar match”). O termo se popularizou pelo uso do aplicativo de encontros.

Com base na localização cadastrada pela/o usuária/o o aplicativo apresenta algumas sugestões de escolhas de perfis: se deslizar a imagem/foto para a esquerda significa desinteresse (representado por um X em vermelho); se deslizada para direita sinaliza interesse (representado por um coração na cor verde) pela/o usuária/o da imagem em questão. Caso a demonstração de interesses entre perfis seja recíproca, aparece a mensagem *DEU MATCH* imediatamente na tela do celular para interação das/os usuárias/os.

Algumas semanas depois conheci o **HAPPN**²¹, por indicação de uma colega durante participação em um evento. As funcionalidades, basicamente, são as mesmas entre ambos: cadastro, gostos e informações pessoais vinculadas, fotos, localização geográfica – que baseia a busca pelos ‘pares’ em sugestão para escolha do perfil para análise das fotos. Poucas são as diferenciações entre eles tais como, configurações e disposições dentro do ambiente do aplicativo, layout, formas de deslize, que no *Happn* são baixo/cima, o que permite acesso as fotos, descrição e informações cadastradas no perfil.

Imagem 1: Símbolos dos aplicativos digitais utilizados na pesquisa de campo

TINDER



HAPPN



Fonte: Pesquisa Google, acesso em 15/07/2022

Em ambos os aplicativos, as escolhas de parceria/interesse, acontecem quase que da mesma forma: gostou? direita, ‘coração’; não gostou? esquerda, ‘X’. A primeira foto (de um máximo de 5), é a que ‘representará’ seu perfil

²¹ Aplicativo de busca social baseado em localização e proximidades que permite inclusão de fotos, descrição e curtidas baseadas em informações cadastradas pelos usuários.

quando exibido a algum/a outro/a usuário/a, como que uma foto de ‘capa de álbum’. Nesta primeira imagem/foto também constará um pequeno texto de ‘apresentação’ sobre a/o usuária/o que cadastra – informações que são preenchidas por ela/ele própria/o - que, caso interesse a quem ‘lê’, a um clique, abrirá o perfil completo para ‘análise’ e decisão de deslize para esquerda ou para direita. É uma troca de análises e escolhas mútuas, sempre sobre o olhar avaliativo e seletivo de quem observa a tela do celular, julgando a(s) fotos(s) à sua frente, e um pequeno texto escrito.

Após vários *matches* e algumas conversas sem sentido, notei um certo ‘padrão repetitivo’²², quase como uma conversa ensaiada, um ‘roteiro pós *match*’ que acontecia. O que começou a chamar minha atenção foi um comportamento repetitivo de “deu *match*/falar sobre sexo/vamos marcar pra transar” e quando esse “padrão” não se repetia, ou eu me sentia no direito de não querer seguir e fazer de outra forma, que pra mim parecia ‘normal’, mas que não era bem assim com os outros. Vale mais uma nota, uma pequena parada para esclarecimento: nada contra falar sobre sexo, sem problema algum, mas eu não conseguia entender por que uma conversa não poderia acontecer de maneira ‘normal’, fluida, antes/até chegar neste assunto. Era só a transa, o sexo que interessava, e parecia que não podia falar em outras coisas pois era ‘perda de tempo’.

Comecei a perceber que aquele “padrão” de conversas acontecia por além de ser mulher, num aplicativo de relacionamento (como se isso fosse auto explicável ou falasse por si) eu sou uma mulher negra. Com “sorriso largo”, “corpo sensual” (apesar de não ter fotos que expusessem meu corpo), “negra/*mulata*”, como muitas vezes lia e recebia nas mensagens que recebia. Eu tinha um “*quê*” que despertava desejo, enquanto uma mulher negra, morena, '*mulata*' num ‘catálogo’ de opções quase sempre lineares e simétricos representado no sul do Brasil por mulheres quase sempre brancas, loiras, nariz afinado.

Em especial por dois casos ocorridos que me despertam de maneira singular para questionamentos e interesses de pesquisa, nos aplicativos

²² Ainda que se tratasse de aplicativos de relacionamentos, em quase todas as conversas o assunto era sexo, um “vamos marcar pra transar”. E eu precisava corresponder aquelas diretas, sem negações ou meias palavras, pelo menos era o que eles (sempre) esperavam.

mencionados. O primeiro, foi o meu ‘caso’ mais rápido e de pouquíssimas palavras. Assim que o aplicativo identificou que ambos tivemos interesses mútuos pelo perfil um do outro, fomos conectados diretamente²³. Ambos recebemos imediatamente a mesma mensagem. Tempos depois, iniciamos uma conversa simples que se resumiu a ele me perguntar se eu tinha uma outra rede social chamada *Instagram*. Da minha confirmação, ele me revela ter me mandado um convite²⁴ e me pede para aceitar, assim ele teria acesso às minhas postagens. O que a época, era muito escasso, pois não era muito adepta a esta rotina de mídias sociais de postagens e/ou exposição. Enfim..não tinha muito o que ver no meu caso. Decepção pra ele, muito provavelmente.

No oposto, quando eu entrei no perfil social dele (um homem branco) do *Instagram*, que era aberto, sem necessidades de aceites ou liberações, havia não menos que mais que o dobro de registros de uma vida ‘muito bem vivida’. De alguém muito popular, de um corpo bonito e exposto – ele é *personal trainer*²⁵ – com muitas redes de contatos e amigos, festas, viagens, enfim..tudo que ele não encontrou no meu perfil. Mas, pra ele não interessou saber nada, ou mais nada; pois encerramos o contato assim. Dois cliques depois.

Sem mais, o segundo já durou um pouco mais. Resumindo, nosso *crush*²⁶ começou dois dias depois de ter chegado em minha cidade natal, Belém, para as festas de ano, o que me faria demorar pra retornar à Porto Alegre, eu havia avisado isso a ele; ainda assim, continuamos conversando. Uma conversa casual, mas que se direcionava quase sempre para as mesmas situações e pedidos de mais fotos e necessidade de visualização estética, corporal. Novamente voltamos a trocar contatos do *Instagram*.

Algumas solicitações de acesso, visualizações e curtidas depois, entre nossas últimas conversas a mensagem dele que ficou foi “*quando voltar, me chama pra gente fazer algo*”; então, retornei à POA (Porto Alegre). Entre as melhores partes deste ‘caso’, está a descrição do perfil dele que continha:

²³ A mensagem que recebemos é VOCÊ TEM UM NOVO CRUSH!

²⁴ O *Instagram* permite à/ao usuária/o proprietária/o ter uma conta pública – onde todas/os podem sempre ter acesso às publicações, ou uma conta privada – onde é preciso ‘permissão’ para visualizar e acessar as postagens realizadas. A permissão é/pode ser concedida mediante o envio de uma solicitação/um convite.

²⁵ Educador físico especializado.

²⁶ Gíria que, na tradução para o português, seria semelhante ao termo “quedinha” ou “paixonite”. Nas redes sociais são entendidas como ‘paixão passageira ou idealizada’.

“sou um cara à moda antiga, no primeiro encontro levo pra sair, conversar ou filme no cinema, se preferir. Só não seja chata, porque se quisesse mulher chata voltava com a ex”.

Tadeu, autodeclarado branco.

Achei bem sincero e interessante.

Quando voltamos a conversar com a informação de que eu já estava de volta à capital gaúcha, fiz (um pouco relutante, confesso) como combinado e mandei uma mensagem. Iniciei com a seguinte mensagem:

Estou na área, e agora, o que tem de bom por aqui?

Klaissa, autodeclarada negra/preta

Tem eu. Recebi resposta minutos depois.

Tadeu, autodeclarado branco

Quando começamos a combinar o que fazer para sairmos da zona do desconhecimento virtual e nos apresentarmos no real²⁷, ele (sempre) insistiu e levou a conversa para tons físicos, sexuais e eróticos. Não que eu me recusasse, mas nem tudo me era agradável e isso pareceu o contrariar. Quando perguntado qual seria sua sugestão de primeiro encontro, recebi a resposta

“ia te convidar pra vir aqui em casa, tomar umas cevas e depois a gente transava”

Tadeu, autodeclarado branco

Tudo certo. Lembrei, então, das referências no perfil e enviei como imagem perguntando:

“mas e isso?”

Klaissa, autodeclarada negra/preta

“SIM, é vdd, eu sou! a gente pode sair tb”

Tadeu, autodeclarado branco

Ficamos então entre conversas na tentativa de marcar um local de encontro, conversas, em sua maioria, com tons sexuais sempre iniciados por

²⁷ O período era janeiro de 2020 e a pandemia ainda não tinha sido deflagrada.

ele, o que não deixavam muito confortáveis. Entendi que esse era um direito que me cabia, mas ele não. Sentiu-se bem incomodado com as minhas negativas em suas insistências quase apelativas e encerramos contato.

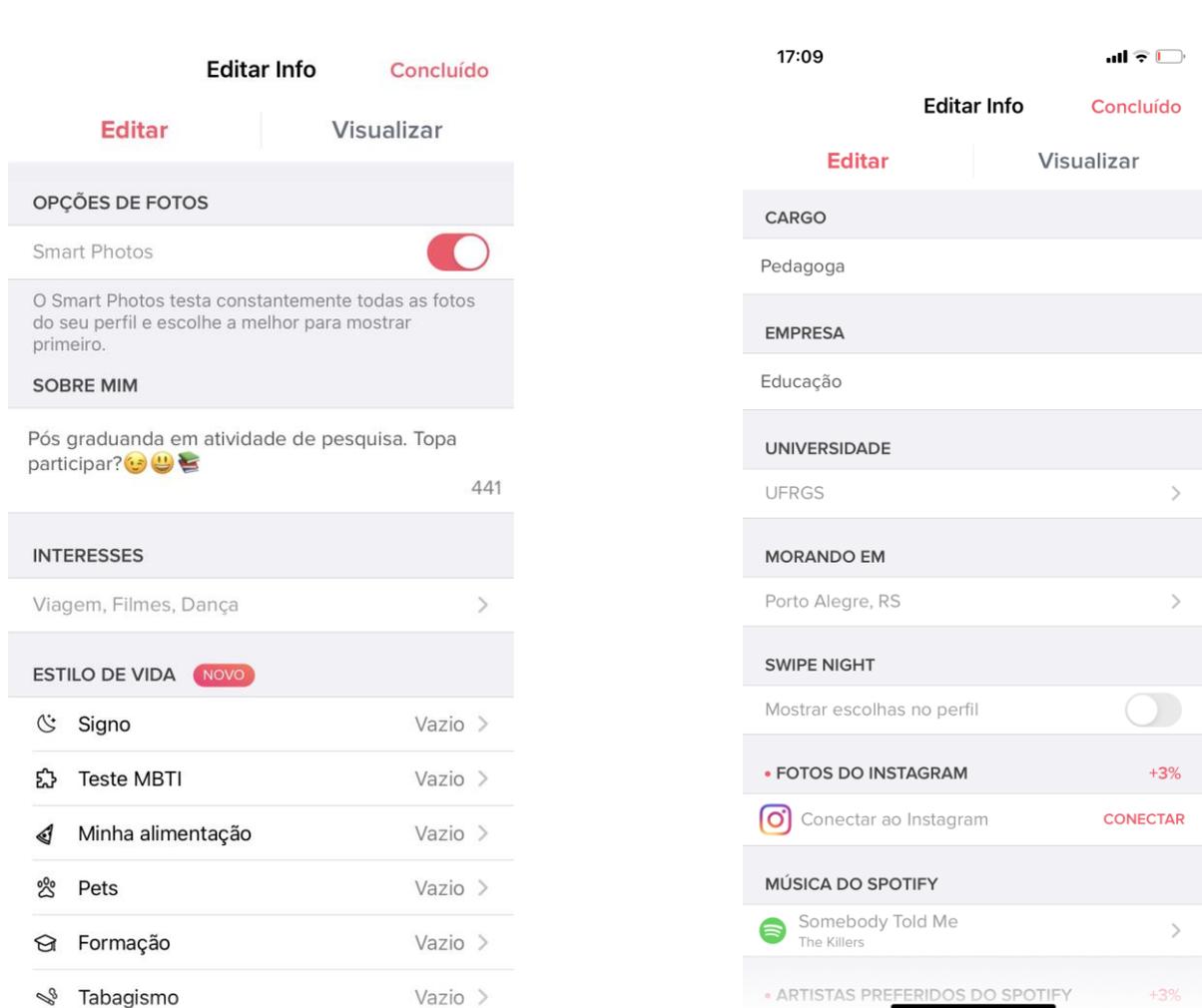
Alguns outros resultados e aplicativos mostram-se resultados bastantes significativos, como apontei acima em que as redes sociais, os aplicativos estão sempre e quase todos conectados. Um leva ao outro, um serve para conexões interpessoais de formas diferentes; mas essa análise deixarei para os próximos trabalhos ou artigos.

Diante destes acontecimentos e do uso dos aplicativos, alguns pontos de análise saltaram à minha visão de pesquisadora. Questões como: Quem sou eu quando me apresento e quem é aquela/e que 'me' analisa? O que levar em consideração neste julgamento? O que me causa interesse/desinteresse? Quem sou eu por traz de tantas informações, sem cliques? Quais corpos ou quais identidades raciais mais interessam? Há corpos e belezas mais desejadas? Amor ou sexo (?) e para quais corpos/pessoas/identidades raciais?

Assim, foi-se intensificando meu olhar crítico às categorias sociais de *gênero* – mulher; *sexualidade* e *raça* – negritude/branquitude por entre os *matches* e conversas em aplicativos virtuais de relacionamentos. O que contribuiu para minha nova proposição de pesquisa e atendia às especificações sanitárias de saúde e isolamento social: experiências de mulheres negras em ambientes virtuais de relacionamentos.

Excluí a conta de usuária e passei a navegar entre os aplicativos *TINDER* e *HAPPN* com perfil específico e identificado de *pesquisadora*; nominado e representado com imagens e fotos para este fim, de forma direta e objetiva.

Imagem 2: Perfil Pesquisadora



Fonte: diário de campo 2020/2021



Fonte: diário de campo 2020/2021

As especificações do meu perfil as quais os/as usuários/as que viam minhas imagens tinham acesso imediato apresentavam diretamente que o perfil era dedicado à pesquisa, exclusivamente. O que configurava pesquisa de campo nítida e esclarecida, realizada por estudante de pós-graduação. Sem margens para dúvidas ou quaisquer possibilidades de constrangimentos sob alegação de sombreamento/impossibilidade de informações. A mensagem:

“Olá! Aluna de pós-graduação em atividade de pesquisa. Topa participar?”

Neste ponto, sobre descrições e formação de perfil, gostaria de destacar algumas pedagogias capturadas sobre as formas de preenchimento dos mesmos, o uso de imagens e outras representações sobre “apresentar-se” nas redes e aplicativos. Refiro-me às fotos adicionadas no perfil e ao texto que está descrito na tela inicial (a primeira ‘base’ de informações), letras e palavras são quase que totalmente ignoradas pelas/os usuárias/os, em grande maioria. É impressionante o quanto se fala sobre si, e tenta auto apresentação, e não é em quase nada levado em consideração. As palavras não são tão apreciadas quanto as fotos, os corpos, a estética; muitos *matches* com meu perfil de pesquisa se quer leram o que eu havia escrito; ficavam curiosos com o meu nome de cadastro (*Pesquisadora*) e, enormemente, pensavam ser fetiche, brincadeira ou qualquer outra questão caricata de escolha aleatória.

Quando explicava que era de fato e exclusivamente pesquisa e que estava descrito tudo no perfil, a insatisfação era notada e a tristeza sentida por ser “apenas pesquisa”, como li algumas vezes. Logo, o que vale mais, nessa perspectiva, são as fotos (que nos apresentam), as escolhas que fazemos para figurar o perfil, elas “falam mais que palavras”. Nas redes sociais, nos aplicativos de relacionamentos estamos fazendo autopropaganda de corpos, sexos e gêneros por imagens; (des)escrever parece não ter grande relevância.

São os corpos que interessam à primeira vista, são os corpos que despertam o interesse, são eles que atraem, e estão eles carregados das mais variadas possibilidades sociais de representações-ações. Corporeidades inscritas nas histórias de corpos, das raças que os constituem; corpos políticos, culturais, históricos e sociais.

Após essas observações pertinentes sobre pedagogias das apresentações durante o uso dos aplicativos de relacionamentos virtuais, alguns comportamentos cada vez mais tornavam-se evidentes ao longo das conversas e *matches* que aconteciam. Dentre eles destaco a procura, a pergunta quase que frequente que recebia sobre/por sexo nos aplicativos. Isso despertou ainda mais minha atenção para o quase ‘ensaio’ programado que seguia:

“sexo”

Bernardo, autodeclarado branco

*“vem aqui pra casa, a gente bebe um vinho e depois te apresento
meu quarto”*

Gilson, autodeclarado branco

“eu quero sexo”

Robson, autodeclarado branco

Com as pedagogias da apresentação e representação de si nos aplicativos, destacadas acima, aprendi quais fotos *deveriam* ser colocadas no perfil, caso quisesse *matches*. O que mostrar, o que não revelar, o que deixar para um possível início de conversa. Nunca gostei ou fiz o tipo que se sentia a vontade de postar fotos pessoais, de corpo ou com poucas roupas, e essa era uma das lições que o aplicativo ensinou: *seu corpo fala por você, suas fotos corporais podem te dar matches, mostre-o*.

A depender da imagem que eu selecionava para compartilhar no perfil os *matches* aconteciam ou não; e eles foram aumentando à medida que as fotos foram mostrando mais de mim fisicamente. Com essas análises, optei por cancelar minha conta pessoal de usuária e seguir com o perfil *pesquisadora*. Já não fazia mais sentido algumas conversas se não fossem com interesse exclusivamente de pesquisa, de campo, de análise, e era necessário deixar essa questão explicada diretamente aos usuários que tivessem interesse (em mim e na participação na pesquisa).

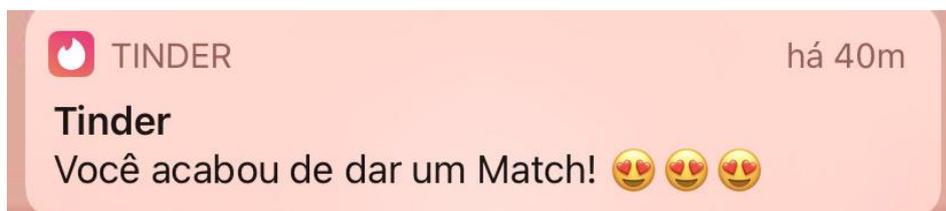
Excluído o perfil inicial cadastrado com meu nome e interesses pessoais sobre conversas, distrações e as possibilidades de bons papos para o isolamento social. No lugar o perfil de pesquisa ganhou todo o espaço, interessado em compreender como tem ocorrido as relações de gênero, sexualidade e raça nos ambientes virtuais de relacionamentos (*Tinder* e *Happn*). Dito isso, pontuo minha segunda ferramenta metodológica de pesquisa: *matches* e conversas nos aplicativos virtuais de relacionamentos.

Foram selecionados dois ambientes para pesquisa e investigação: *Tinder* e *Happn*. Nestes dois espaços, em especial, aconteceram as principais coletas de dados para análise; mas não apenas deles. O *Instagram*, o *whatsapp* e outros mecanismos tecnológicos – em aplicativos ou redes sociais – também apareceram entre os resultados de pesquisa, apesar de não serem diretamente reconhecidos como “aplicativos de relacionamentos”. Mas por intermédio deles

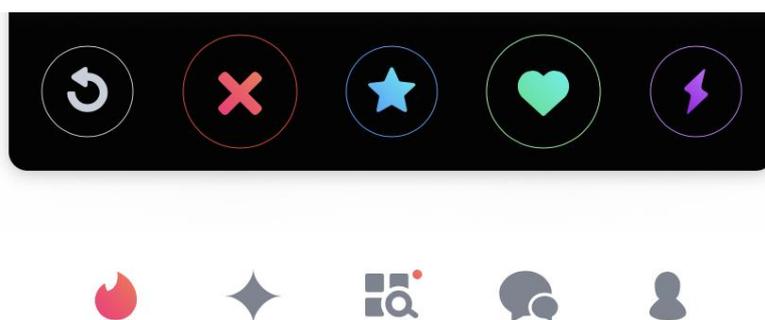
ou por eles propriamente dito também há de se considerar que interações e relações entre-pessoas aconteçam. São redes ou aplicativos de grande uso que permitem o contato on-line, direto e por isso cito-os com destaque relevante, mas deixo-os para outras análises e estudos posteriores. Essas redes sociais são mecanismos de trocas de mensagens que por vezes permitem o recebimento de comentários, curtidas ou *dislikes*²⁸ sobre aquilo que se compartilha.

Os aplicativos e as redes sociais permitem interações que perpassam diversas redes tecnológicas virtuais que facilitam o contato entre pessoas, de maneira direta ou não, identificada ou não. Os aplicativos de relacionamentos criados especificamente para este meio, apesar de preceder de um cadastro necessário com informações pessoais, não estão alheios ao anonimato ou falsas verdades de cadastros.

Imagem 3: Funcionalidades dos aplicativos



Fonte: diário de campo 2020/2021



Fonte: diário de campo 2020/2021

Para discorrer sobre essa ferramenta, faz-se necessário apresentar algumas trajetórias e seleções de *interesses* dentro dos aplicativos. Logo após

²⁸ Em tradução livre “desagrados”. Quando algo ou alguém não agrada, sentido oposto ao *like/gostar*.

o cadastro na plataforma comecei algumas conversas e *matches* exclusivamente com o público masculino. Até chegar no recorte de pesquisa em conversar apenas e exclusivamente com mulheres negras, um longo caminho percorri.

Depois de ativado o perfil de pesquisa(dora), modificada as fotos de apresentação e editado o texto, tomei como universo de conversa/pesquisa e interesse apenas homens na faixa etária dos 29 aos 36 anos, inicialmente. Heterossexuais autodeclarados nos aplicativos, de ambas as identidades raciais, sem preferência, na intenção investigativa de entender sobre possíveis preferências raciais e corpóreas/estéticas de interesse deles. O que ao longo de alguns meses, de conversa com esse público foi-se revelando não muito produtivo, pois alguns usuários não respondiam objetivamente às questões. Insistiam, ainda que eu já tivesse apresentado o aspecto exclusivo de pesquisa, em responder de maneira ‘galante’, sem objetividade, na tentativa de sedução.

Muitos homens tentavam não responder de maneira direta, principalmente por estarem falando com uma pesquisadora mulher. Era notório e perceptível que alguns não estavam utilizando de total sinceridade nas respostas, como se procurassem ‘a resposta certa’.

Em contrapartida, outros não faziam nem uma objeção em assumir que para as questões sexuais, relacionamentos físicos, preferiam as *negras*. Porque, segundo as respostas, “elas pareciam mais quentes, o sexo seria melhor; elas têm mais fogo”. Neste rumo passei a selecionar, destacar e arquivar pontos e conversas que tivessem relação direta com esse estudo, baseado nas respostas como essa anterior.

A intencionalidade inicial da escolha em conversas com homens deu-se em função das experiências pessoais e na perspectiva diagnóstica sobre interesses afetivo-amorosos e sexuais deles nos ambientes virtuais de relacionamentos. Entender se havia especificação de raça para escolha dos *matches*, preferência das escolhas raciais e o motivo, caso houvesse. Como a pesquisa não envolvia identificação ou quaisquer formas de apontamentos pessoais, entendi que eles seriam sinceros, objetivos e diretos em suas respostas. Mas o contrário disso aconteceu, poucos foram aqueles que de fato

pareciam a vontade em confessar seus interesses e intenções, mesmo no anonimato. Ainda mais por estarem falando com uma mulher negra.

No final do primeiro semestre de 2020 avaliei a necessidade de ajustes e alterações metodológicas na seleção dos gêneros/sexos para *matches* dentro do aplicativo²⁹. Optei por ampliar a busca para conversas também com mulheres, na mesma faixa etária mencionada, e também sem preferência de identidade racial. Com alguns meses de *matches* e conversas, finalmente delimito minha pesquisa e meus sujeitos de pesquisa: mulheres negras em ambientes virtuais de relacionamentos.

Desta forma poderia perguntar e saber diretamente das mulheres como aconteciam tais relações (gênero e sexualidade nos ambientes virtuais); e assim foi-se estruturando o perfil dos sujeitos desta pesquisa: *elas – as sujeitas, mulheres*.

É digno de nota que com esta seleção de interesse “afetivo/amoroso” dentro do aplicativo para ambos gêneros/sexos, passaram a aparecer também sugestões de casais (perfil único de *homem+mulher*) interessados em outra mulher³⁰. E a grande preferência para essa *terceira* pessoa (na parceria/relação sexual) era por mulheres; homens não eram opção de escolha, como os próprios casais relataram ao longo de nossas conversas.

À medida que as conversas aconteciam e das análises das respostas, defini (meados do segundo semestre de 2020) apenas *mulheres* na barra de interesses do aplicativo para a pesquisa, desativando os *matches* e interesses na opção *homens*. As mulheres contaram sobre seus percursos e trajetórias em conversas e *matches* nos ambientes virtuais, sobre as perspectivas do sexismo, racismo e outras interseccionalidades que inter cruzaram suas experiências. Fazendo-as por vezes cancelar ou reativar o uso dos aplicativos.

Neste processo, uma nova inclusão metodológica aconteceu conjuntamente às conversas e *matches* dentro dos aplicativos. Discorro sobre a terceira ferramenta metodológica: os formulários diagnósticos e de levantamento de dados para a pesquisa. A ideia do formulário inicial surgiu ao

²⁹ Alterei ‘a busca de interesse’ na aba de interesses pessoais do aplicativo para homens e mulheres”, na mesma faixa etária anteriormente apresentada.

³⁰ Ao que denominavam e via muito nas respostas de *trisal*. Relação amorosa/sexual com três pessoas.

longo dos primeiros *matches* com homens e de algumas conversas sem sucesso³¹ que tive. O inicial – formulário 1 (F1, como apontarei daqui para frente) tratou de maneira mais abrangente de estratégias e temas que servissem de suporte para delimitação de pesquisa e ficou disponível pelas duas semanas iniciais do mês de setembro.

Foram temas que versaram sobre situações de sexismo, preconceito, discriminação e racismo em plataformas/aplicativos virtuais, tendo como público *as mulheres*, novamente sem definição de identidade racial, com delimitação de gênero. Ampliado ainda para todas as formas de identificação de mulher, não apenas as cisgênero e biologicamente apontadas. A especificação de gênero foi o primeiro apontamento de pesquisa que realizei, servindo de suporte para os outros que viriam em seguida, auxiliados pelos formulários diagnósticos.

F1 serviu de base e entendimento para as perspectivas de pesquisa que eu gostaria de seguir, já que até o momento nem tudo estava muito bem delimitado ou com poucos enfoques metodológicos. Na análise do F1³² foi possível apontar mais uma variável de pesquisa, além do recorte de gênero; os resultados apontaram uma questão muito válida (que há época não conseguia reconhecer desta forma) sobre a esmagadora diferença envolvendo o critério raça/gênero (mulher branca/mulher negra) e suas experiências em ambientes virtuais.

Como o F1 não fazia especificação de raça, foi perguntado, em linhas gerais, às mulheres respondentes e usuárias de *apps*³³ se já haviam passado por alguma situação de sexismo, racismo ou preconceito nesses *softwares*. E a grande maioria – mulheres brancas – respondeu negativamente; em

³¹ Sobre algumas respostas sem conteúdo, sem objetividade ou mesmo informações que contribuíssem à pesquisa. Eram homens que geralmente demoravam muito para responder e quando apareciam não mantinham algum tipo de conversa e limitavam-se a encaminhar o endereço de outra rede social para eu entrar em contato. O que atrasava ainda mais algum tipo de resultado consistente.

³² Que ficou apenas uma semana no ar, navegando e ganhando respostas no formato online, devido a quantidade exponencial de retorno – graças à rede de apoio que constitui e pude contar. Nas primeiras horas os acessos foram surpreendentes, com dezenas de participações. Totalizando quase 150 respostas ao final do período. Agradeço a todas/es/os que me ajudaram nessa!

³³ Abreviação da palavra aplicativo, que é um programa de software presente em dispositivos móveis, como celulares e tablets, ou no computador e em smart TVs). Fonte: pesquisa Microsoft Bing.

contrapartida de análise, as mulheres negras respondentes confirmaram as situações discriminatórias sofridas. E com exemplos similares entre si decorrentes da raça ou da *metonímia da negritude*³⁴ (cabelos, boca). Por vezes hipersexualizada ou racista, do tipo:

“Simplesmente por ser uma mulher negra não agradou me conhecer”

Maia, autodeclarada negra/preta

“Por ser uma mulher preta, bonita e ainda estar solteira”

Samy, autodeclarada negra/preta

“Quando existe rejeição, negra feia é a primeira ofensa”

Estela, autodeclarada negra/preta

Com esses resultados pude delimitar e especificar ainda mais os percursos de investigação e pesquisa. Eles, juntamente com os resultados de conversas e *matches* que aconteciam em conjunto, proporcionaram dados suficientes para a elaboração de um segundo formulário, o F2, mais conciso e objetivo. O F2, também de preenchimento e participação on-line, me auxiliou de maneira concreta na definição da temática da pesquisa aqui desenvolvida. As perguntas que nele continham estavam totalmente direcionadas às mulheres negras e suas experiências nos ambientes e *apps* virtuais de relacionamento, com espaço dedicado para um breve relato, se assim elas se sentissem a vontade para preencher.

Com a proposta de pesquisa com recorte e público especificados, o F2 foi direcionado às mulheres negras que fazem uso de aplicativos virtuais de relacionamentos. Apontamentos que constavam no título do formulário. Com base nele, pude entrar em contato com algumas colaboradoras e respondentes

³⁴ Utilizo esta expressão para caracterizar o que identifiquei nos longos meses de estudo, pesquisa e interação com outras pessoas a respeito do tema da raça e negritude. De como nós – pessoas negras – somos na maioria dos casos apontados por questões pontuais de representações coloniais, tais como na figura de linguagem *metonímia (uma parte pelo todo)*. “Partes” específicas da negritude: cabelo crespo, nariz largo, lábios grossos; uma “parte” – as características, pelo “todo” – grupo racial, negritude. E assim somos constituídos sujeitos pertencentes à identidade racial negra. Podendo ainda ampliar o entendimento da expressão para *metonímia da raça* – partindo do pressuposto que branco também trata de uma identidade racial. Comporta compreensões sobre olhos claros, cabelos lisos, cabelo ‘bom’, atribuídos exclusivamente à esta identidade racial; como se não houvesse a identidade racial negra – negritude – não pudesse gozar das mesmas características ou vice-versa.

para participação voluntária em entrevista de maneira um pouco mais detalhada sobre as questões aqui abordadas. Diretamente voltado às mulheres negras e seus percursos em apps de relacionamento online, o F2³⁵ trouxe questionamentos do tipo

“Você já passou algum tipo de discriminação ou preconceito em redes ou aplicativos digitais?”

Pesquisa de campo 2020/2021

“Já sofreu racismo ou sexismo nos ambientes virtuais de relacionamentos? Em caso positivo, poderia relatar brevemente a respeito?”³⁶

Pesquisa de campo 2020/2021

O planejamento desse formulário, as perguntas abordadas e a intencionalidade estavam pautadas na soma de resultados acumulados de outras ferramentas metodológica de pesquisa. Desta forma, foi possível utilizá-lo como fundamental para a seleção das colaboradoras para as entrevistas; proporcionando que elas próprias – conhecendo mais sobre os propósitos de pesquisa e estudo – se dispusessem e manifestassem voluntariamente à participação³⁷.

Com as análises das respostas (mais de 50 participações) selecionei nesta fase algumas colaboradoras em potencial para entrevistas, que também se dispuseram voluntariamente. Foram participações e colaborações objetivas e significativas que contribuíram com as perspectivas de estudo aqui destacadas: sexismo, racismo e sexualidades sob a ótica dos ambientes virtuais de relacionamentos. Combinadas a outros resultados e fontes metodológicas utilizadas como formulários, conversas e *matches* de conversas de pesquisa, recortes de notícias e depoimentos pessoais de outras mulheres – figuras públicas – negras a respeito das análises desta pesquisa, finalmente possuía material suficiente para análise e debate crítico.

³⁵ O formulário está disposto íntegra nos apêndices logo abaixo.

³⁶ As perguntas bem como os roteiros utilizados estão na íntegra na aba dos apêndices - *formulários*, ao final da dissertação.

³⁷ Havia um campo destinado dentro do formulário para este fim específico, com indicação de contatos para que pudesse agendar uma entrevista, a quem se interessasse.

Neste ponto, cabe uma atualização da trilha metodológica quanto às conversas e ao perfil de pesquisa criado exclusivamente para este fim. Com a publicização do F2, boa participação e alguns resultados coletados ao longo do início da pesquisa, finalizei as conversas e *matches* dentro dos aplicativos de relacionamentos *Tinder* e *Happn*, encerrando também a conta. Todas/os que contribuíram comigo dentro do aplicativo foram informadas/os adequadamente, e atenciosamente agradei a participação, desfiz os *matches/crushes* que ainda restavam e apaguei a conta.

Na sequência, foi preciso muita dedicação, atenção e cautela para prosseguir à análise, seleção e escolha do material que hoje compartilho com vocês. Leituras, reanálises e orientações me permitiram desembaraçar a visão e perceber a quantidade de informações que já possuía; reconhecendo a grandiosidade dos materiais que havia coletado, diferentemente do que pensava no início da pesquisa. Eram muitos dados, suficientes para análise e debate que teremos nas próximas linhas e parágrafos.

Restando algumas análises de respostas dos formulários 1 e 2; seleção dos perfis dos *matches* e conversas nos aplicativos e entrevistas, lancei mão às leituras e referenciais técnicos e teóricos sobre os temas abordados. Dada todas as pesquisas de levantamento que fiz até a delimitação do objeto de pesquisa e contando ainda com as questões algorítmicas de busca e pesquisa de dados³⁸ – que tratam sobre o arquivamento e sugestão de busca realizadas – passei a receber notificações sugestivas em algumas plataformas e redes digitais/sociais.

Essas notificações – dentro de outra plataforma digital (*Instagram*) favorecem encontros e relacionamentos no formato digital/virtual, apesar de não ter sua programação para este fim específico – apresentavam dados relevantes à pesquisa. Elas tratavam sobre manifestações de mulheres negras – figuras e perfis públicos e abertos – a respeito de situações dentro da referida rede social quanto à sua imagem. Compartilhamento/postagem de fotos, do corpo, de posicionamentos e tudo mais que fizesse relação ao seu corpo, sua

³⁸Que, em uma combinação de técnica de comandos, salva suas pesquisas, dados cadastrados e por elas passa a encaminhar/direcionar assuntos relacionados como sugestão de leitura e entretenimento à/ao usuária/o.

corporeidade, sexualidade e negritude; não apenas de homens e nem sempre sob o aspecto afetivo.

Esse material – ao qual nomeio de *recortes e fragmentos* – também servirá de suporte e ferramenta metodológica aqui apresentados pela relevância do conteúdo. Os recortes são referências diretas de mulheres negras que expõem, contam/desabafam sobre comentários que receberam quanto às fotos, imagens, e questões corporais postadas em suas redes sociais pessoais. São pontualidades que abordam de maneira objetiva e não velada sobre posturas preconceituosas e dizeres de usuárias/os que tem acesso à rede social³⁹, podendo comentar, curtir e compartilhar com outras/os usuárias/os, disseminando tais comportamentos e percepções discriminatórias.

Possibilitando a troca e disseminação das imagens em grande acesso entre cadastradas/os; o que pode apresentar a grande quantidade de comentários, participações e interações entre usuárias/os conectados em rede. Os comentários trazem conteúdo racista, preconceituoso e sexista no rol das respostas; potencializando a disseminação histórica e cultural atribuída às questões de raça e negritude. Servindo ainda como instrumento pedagógico desse pensamento negativo conferido à raça e hiperssexualizado atribuído às mulheres negras, especialmente.

³⁹ Como são perfis públicos e abertos, basta ter cadastro de usuário para acessar os diversos conteúdos e outros perfis que lá existam e que também sejam abertos e disponíveis a todos.

Imagem 4: Postagens, comentários e publicações racistas

Jojo Todynho rebate críticas após expor plano de engravidar: "Sou gostosa"



Fonte: Rede social pública, acesso em 2022

Isso é Bombril / isso é um cabelão lindo seu racista



Fonte: Rede social pública, acesso em 2022

Estas são/foram algumas demonstrações e sugestões que recebi dos algoritmos da rede social *Instagram* relativa às minhas buscas pelos temas de sexismo, racismo e gênero dentro dos ambientes virtuais. Serviu ainda para demonstrar e explicitar o quanto as redes sociais, os aplicativos e outros mecanismos tecnológicos podem estar *conectados* sob a ótica discriminatória.

Sob o quanto esses dispositivos proporcionam aprendizados, entendimentos e apreensões sobre sujeitos/as, raças e outras questões sociais necessárias ao debate. São dispositivos sempre à palma da mão, de livre

acesso em grande parte ligando pessoas, nações e percepções da realidade (positivas ou negativas); com alcance imensurável. Infere-se sobre corpos, como a imagem acima, de mulheres negras que fogem à regra estética da beleza sofrem. Pela presença num mundo em que norma e a normatividade imposta aos corpos pelo senso de estética e beleza faz com que outros corpos não correspondentes a ele sofram, acrescido à noção de raça negra – passem por processos racistas. São mulheres (cisgênero⁴⁰) e seus corpos que – por condição biológica – podem gerar filhos, mas que pela condição estética fora do padrão ficam sujeitos às explicações e representações do proibido, do censurado. É preciso que estas mulheres em seus corpos justifiquem uma condição que lhes cabem, ou melhor, é cobrado isto delas, pela regra que rege e assola as relações sociais, políticas e culturais, em especial.

A segunda imagem revela uma outra forma racista existente ao que chamo de *metonímia da raça* – quando nós pessoas negras somos analisadas e avaliadas em função de alguma característica específica correspondente à raça negra, aos afro-brasileiros (destaque ao cabelo, nariz, tom de pele) e isto, separadamente, acaba por nos definir pertencentes àquela identidade racial. Tal qual a língua portuguesa em sua gramática que aponta a figura de linguagem *metonímia* como “uma parte pelo todo” – uma parte de análise que corresponde ao todo, que traz/faz relação; assim aponto a metonímia da raça⁴¹ que relaciona uma pessoa com cabelo *black* às condições afro-brasileiras. E por conseguinte, nesta relação, ao que não é bom, ao negativo, como a imagem da cantora Jojo Maronttini retrata, e o comentário da seguidora ilustra.

Esse entendimento permitiu-me integrar os *recortes e fragmentos* ao enredo de estudo aqui proposto, compondo o percurso metodológico que apresento nestas linhas. A relação entre os dispositivos, a intersecção das temáticas que estão em discussão dentro deles, seja nos comentários ou nas perspectivas analíticas, também têm espaço de contribuição.

Nesse segmento, apresento a relevância e aplicabilidade dos *recortes e fragmentos* nas análises que seguem, contribuindo ativamente no suporte crítico que embasa este estudo. Tanto quanto algumas matérias e entrevistas

⁴⁰ Mulher cuja identidade pessoal e de gênero corresponde ao gênero biológico, de nascimento.

⁴¹ Em futuros trabalhos pretendo dar mais atenção e referências à questão.

de outras fontes que tratam da mesma temática aqui discorrida com mulheres negras e ambientes virtuais. São proposições que apresentam discursos e relatos de mulheres negras em suas trajetórias, conversas e *matches* que desenrolaram depois/com d/o uso de aplicativo(s). Do que passaram em algumas de suas experiências nos ambientes de relacionamentos virtualizados ou que tenham virado encontros presenciais; como perguntas e curiosidades referentes à sexualidade da mulher negra como generalizada e ‘avassaladora’ pelo desejo sexual, por exemplo.

“É verdade que vocês são quentes e fogosas?”

Hugo, autodeclarado branco

“A pele de vocês está sempre querendo sexo ou é só no carnaval?”

Beto, autodeclarado pardo

Os fragmentos apontam e reiteram a necessidade do debate acerca da educação para as relações etnicorraciais com foco à educação antirracista, no combate às variadas formas de preconceitos e nos mais diversificados espaços. No que tange aos entendimentos de raça, negritude, gênero, sexismo e educação, há a necessidade urgente da atualização curricular que verse além da transversalidade de conceitos, entendimentos ou apontamentos históricos. Principalmente se analisarmos o enfoque educativo e pedagógico presente nos diversos espaços e sob as mais variadas possibilidades, com destaque pontual à evolução e constante aperfeiçoamento tecnológico/midiático.

A educação e o processo educativo não estão e nem podem ser alheios às tendências tecnológicas e às compreensões destas no processo de ensino-aprendizagem, ao contrário. Há a necessidade de reestruturação pedagógica e de ensino para inclusão das potencialidades tecnológicas discursivas, sendo preciso reconhecer os mais diferentes artefatos culturais como colaboradores no processo de conhecimento. Potencialidades que também podem corroborar para práticas sociais e históricas arraigadas em preconceito e discriminação ou para proposições críticas de ser e formar sujeitas/os conscientes e cidadãs/os comprometidas/os com temas sócio culturais.

Finalizando a trilha metodológica utilizada neste estudo, discorro sobre o processo das *entrevistas*. Processo subsequente às análises dos resultados do formulário 2 e que tiveram respostas significativas com relatos de experiências diretamente relacionados aos temas aqui apontados. Foram mulheres respondentes e colaboradoras que se dispuseram à participação mais individualizada em contato para entrevista em profundidade, com uma conversa virtual e previamente agendada.

Alguns critérios como de gênero e raça (mulheres negras) foram estabelecidos para seleção das entrevistadas. Bem como alguns relatos breves de experiência acerca das questões sobre sexismo, preconceito, racismo, foram prioridade na escolha das voluntárias para entrevistas. Os perfis das mulheres negras entrevistadas estão com faixa etária entre os 20 e 40 anos; são/estão residentes pelas regiões sul e nordeste (em maioria), e foram selecionadas pelas respostas e destaques que colocaram em seus formulários. Demonstrando interesse, conhecimento e disposição à participação de maneira mais individual e direta; com experiências de histórias vinculadas aos temas desta pesquisa. Essa disposição e interesse fizeram total diferença no critério para escolha, tornando o processo de entrevista fluido, objetivo e produtivo.

As entrevistas serviram para, de maneira mais individualizada, ouvir e conversar com as mulheres sobre suas trajetórias e histórias nos ambientes virtuais e/ou redes sociais. Proporcionando assim maior contato para relato de suas experiências em casos que tenham passado por algum tipo de preconceito em função da raça ou do gênero ou mesmo outra categoria social de forma interseccional.

Foram selecionadas entrevistadas pelas respostas diretamente relacionadas às questões de investigação desta dissertação. Não foram entrevistas longas ou exaustivas, costumava mais apresentá-las como conversas ou um bate-papo sobre *nossas* experiências já que também falei sobre situações que aconteceram comigo. Isso tornava a conversa mais fluida, dinâmica e menos com caráter 'científico'; o que contribuiu bastante para o desenrolar do momento, que as vezes se tornava um pouco desconfortável em função de algumas lembranças negativas pelo peso do preconceito existente nas lembranças/histórias. Deixando-as (às entrevistadas) mais a vontade em

conversar com a 'pesquisadora', dando lugar à uma conversa entre colegas, descontraída, sobre trajetórias e experiências virtuais. Atribuindo, desta forma, como proposição de trabalho, o caráter decolonial sobre a possibilidade da escuta, do desamarrar e deixar falar; da liberdade de contar sobre o ponto de vista de quem vive/viveu.

Pelo exposto e apresentado, abaixo demonstro em quadro o perfil das entrevistadas e colaboradoras que contribuíram ao longo destes meses de estudo e trabalho de campo. Foram trocas e partilhas enriquecedoras, conversas sinceras e tristes, em certo ponto; mas produtivas e que muito apresentaram sobre *nossas* experiências em aplicativos de relacionamentos. O que muitas vezes guardamos silenciosamente depois de um bloqueio ou clique; contribuindo para encerrar a conta, excluir "o" usuário, no sentido de cadastro. E isso também se torna dado de pesquisa.

São informações básicas, porém fundamentais e que agregam aos dados de análise. Vale ressaltar que todos os nomes utilizados foram atribuídos de forma fictícia e sem identificação de quaisquer entrevistadas; todas foram informadas disto; incluindo envio prévio, leitura e consentimento mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Quadro 1: Relação das entrevistadas e colaboradoras de pesquisa

NOME⁴²	IDADE	AUTODECLARAÇÃO DE RAÇA	FORMAÇÃO
Vanessa	23	Autodeclarada negra/preta	Superior incompleto
Valéria	25	Autodeclarada negra/preta	Superior incompleto
Andressa	20	Autodeclarada negra/preta	Superior incompleto
Jéssica	40	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Mila	38	Autodeclarada negra/parda	Superior completo
Jasmim	39	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Gil	22	Autodeclarada negra/parda	Superior incompleto
Teresa	38	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Estela	30	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Lola	35	Autodeclarada negra/parda	Superior completo
Dida	36	Autodeclarada negra/parda	Superior completo
Maia	39	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Luma	33	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Samy	31	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Úrsula	29	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Raquel	40	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Wanda	36	Autodeclarada negra/parda	Superior completo
Bia	34	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Carmem	37	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Flora	28	Autodeclarada negra/preta	Superior completo
Bela	30	Autodeclarada negra/preta	Superior completo

Estudo de campo, 2020/2021/2022

O agendamento das entrevistas talvez tenha sido o mais complicado em função das nossas atividades pessoais e profissionais, mas com jeitinho e paciência as coisas aos poucos foram acontecendo. Foram entrevistas curtas, entre 30 e 45 minutos, com temas variados relacionados às respostas dadas no F2 aliada a um roteiro diretivo de suporte que balizasse a sequência da conversa. Todas as entrevistas aconteceram no formato on-line devido a

⁴² Todos nomes fictícios, atribuídos especificamente para este trabalho.

situação de saúde coletiva e às questões geográficas de localização, com mulheres nas variadas regiões do Brasil.

Adiante apresentarei os resultados e as análises deste período de imersão e pesquisa conjuntamente aos percursos metodológicos apresentados no que se refere: 1. aos aplicativos – partindo do resultado de algumas experiências individuais enquanto usuária, despertando o interesse pelo objeto de estudo. E posterior alteração para perfil de pesquisa, nominado *Pesquisadora* e devidamente identificado, navegando por entre *matches* e conversas a respeito dos temas de análise. 2. Resultados e respostas dos formulários 1 e 2 (F1 e F2) mediante respostas que mais contribuíram para as análises dos temas aqui retratados. 3. Recortes e fragmentos sobre expressões públicas em perfis igualmente públicos e abertos de mulheres negras figuras públicas a respeito do uso de redes sociais, apresentação de corpos, formas e negritude. Matérias e relatos de mulheres negras quanto às temáticas do racismo e outras heranças coloniais. E por fim 4. Entrevistas individualizadas em potencial com mulheres negras a respeito de suas trajetórias nos aplicativos e ambientes virtuais de relacionamentos.

O período de coleta de dados nos ambientes virtuais de relacionamentos aconteceu de outubro de 2020 a novembro de 2021. Com recortes e definições de perfis de usuárias/os que abordassem de maneira direta questões relacionadas aos temas de interesse aqui propostos. As conversas de maneira identificada e especificada em perfil exclusivo de pesquisa quanto ao interesse de trabalho seguiram concomitantemente ao período de coletas.

O período de junho a setembro de 2021 seguiu com recortes e serviu para triagem de conversas minhas (enquanto pesquisadora devidamente identificada) com outros usuários dentro dos ambientes virtuais. Usuários e usuárias. Conversei tanto com homens quanto com mulheres sobre as perspectivas e experiências de gênero, relações afetivas e racialidade (e outras interseccionalidades que despontaram ao longo das entrevistas).

A coleta de dados – fase da aplicação⁴³ do *Formulário Diagnóstico* e de Levantamento de dados – aconteceu no período de setembro de a dezembro

⁴³ Entenda-se como divulgação do link de acesso via plataforma *google forms* já que ainda estávamos em período de pandemia e constante isolamento social. O questionário foi criado e o link foi compartilhado entre colegas com solicitação de divulgação em todas suas redes

de 2021, no formato on-line com link de acesso público. Foram estruturadas 13 perguntas; algumas com possibilidade de respostas de escolhas múltiplas e outras com opção de parágrafo único para escrita.

As perguntas versavam sobre as categorias de análises interseccionais deste estudo: escolhas/preferências para parceiros amorosos; questionamentos acerca da possibilidade de ocorrências de situações de racismos nos meios digitais; breve relato descritivo sobre a situação de racismo; identificação de quais aplicativos a respondente fazia uso, entre outras.

Por volta de 200 respostas foram capturadas ao longo do período de aplicação⁴⁴. As análises e leituras das respostas e seleção para as entrevistas em profundidade seguiram nos meses de janeiro e fevereiro de 2022.

As entrevistas foram agendadas (com alguma dificuldade devido a vida agitada e compromissos pessoais tanto das entrevistadas quanto da pesquisadora) ao longo dos meses de março e abril de 2022.

As análises e estruturação das respostas, tópicos e diagramação dos resultados seguiram pelos meses de abril e maio juntamente com as observações técnicas e teóricas de pesquisa.

3. UM OLHAR INTERSECCIONAL EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTOS: ARTICULANDO CONCEITOS

No capítulo que segue apresento apontamentos necessários e imperativos à compreensão e ao debate técnico aqui apresentado. São tópicos referentes às abordagens teóricas sobre as perspectivas de gênero como categoria de análise – como aponta Joan Scott, 1995, e de fundamental relevância para as análises e entendimentos sobre as mulheres negras, recorte

sociais e com quem mais pudessem. Como este trabalho trata sobre redes sociais e relacionamentos, também fiz uso de aplicativos e de minha rede de relações e contatos para suporte de divulgação. Desta forma, o alcance já nos primeiros minutos de liberação, foi surpreendente. Em menos de 24 horas já havia dezenas de respostas. É o poder da rede e da internet.

⁴⁴ Pelas análises das respostas e os relatos recebidos, resolvi deixar o link ainda em movimento, aberto para recebimento de outras/mais respostas. Esta dissertação se encerra na defesa, mas a temática de estudo não; então seguirei acompanhando as respostas até o onde o link alcançar; esteja a vontade se quiser participar. Está convidada! Para responder, acesse: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSefvUzPMbG6Yj4n_X75PwmRtZ9bRVNzQsgyE15Zg3429i2A_Q/viewform?usp=sf_link

que aqui proponho. Pensar e estudar essa categoria pressupõe abordagens referentes aos construtos sociais e culturais que vêm sendo aplicados aos entendimentos de ser homem/mulher, especialmente a essas últimas.

Trato ainda, não indistintamente, sobre os aspectos relacionais à sexualidade, intrinsecamente ligados às perspectivas daquilo que se pressupõe sobre os *gêneros*. Disto, podemos inferir que os conceitos em destaque se vinculam necessariamente em linha analítica deste estudo. Ao pensar no modelo que tem sido ostensivamente apresentado (e quase massificado, com apontamentos pedagógicos dos artefatos culturais e seus endereçamentos [ELLSWORTH, 2017]), de corpos em grande maioria brancos e curvilíneos⁴⁵, há de se considerar um apagamento de outras possibilidades de entendimentos e reconhecimentos estéticos para compartilhamento.

Esta interseccionalidade a que me proponho, aponta justamente o enfoque dado neste trabalho sobre o ponto de vista da identidade racial dentro dos aplicativos de relacionamentos. Tratam de análises de uma herança colonial aplicada aos corpos e às sujeitas “de cor”, mulheres negras, especialmente nos recortes dos relacionamentos das redes. Aponta tanto para o porquê de uma solidão da mulher negra, análise que apresento em seguida, sobre os resultados encontrados da trilha metodológica.

Articulo a partir de agora os conceitos fundamentais que serão abordados e estruturados analiticamente no tópico dos resultados. Eles são imperativos e urgentes para o alicerce sólido de discussão, onde teço minhas análises. Apresentando, inclusive, um lugar talvez um pouco delicado, ao tratar sobre identidade racial, apontando lugares e momentos de privilégios brancos – da branquitude – a contar, por exemplo, dos espaços virtuais.

3.1 Deu *match* entre gênero, sexualidade e interseccionalidade

Na conversa dos aplicativos digitais de relacionamentos, receber a mensagem “*Deu match!*” carrega algum sentido de vitória, conquista. A mensagem nos dá (nós usuárias/os) a sensação de ser atraente, de retorno, de

⁴⁵ Em revistas, novelas, sites e páginas de propagandas online e impressos que por longo tempo apresentaram exclusivamente modelos/mulheres brancas e loiras, com traços europeus; e quase – arrisco-me em não generalizar – invisibilizando outros corpos, outras raças e pessoas.

que fomos desejadas/os por alguém e despertamos interesses. (Isso, quando conseguimos receber – mas essa é conversa para linhas adiantes).

Na sociedade conectada e interligada por aplicativos que viabilizam uma facilidade de estar, parecer e interagir, *dar match*, especialmente no universo dos relacionamentos tem grande significado. Carrega simbologias de trocas de vontades e ‘prazeres’ sem o tato, apenas por análises físicas de fotos e imagens.

Abordo então sobre a conexão existente entre as percepções de gênero – mulher, com uma questão inicial sobre o termo enquanto categoria, depois partindo para o debate sobre as pedagogias sexualidades e outras interseccionalidades. Pensar e apresentar essas categorias teóricas adicionam grande relevância ao estudo. É preciso apresentar quais foram/são as perspectivas que fundamentaram e fundamentam nosso imaginário e entendimento a respeito de gênero, sexualidades, corpos e corporeidade. Incluindo, o porquê de corporeidades, especialmente no subtópico abaixo.

Precisei de algum tempo e muitas leituras para reconhecer e entrecruzar esses conceitos. Talvez eles estejam tão *naturalizados* em nossas percepções que isso nos faz tê-los como naturais, ditos e não discutidos. Mas é preciso bem mais.

Para os entendimentos sobre gênero e pedagogias da sexualidade, Guacira Louro e suas abordagens contemporâneas em educação, corpo, sexualidades aponta concepções e inferências que recebem nossos corpos desde pequenas notícias midiáticas. E diante dessas experiências formam-se composições para entendimento de identidade e compreensão de processos que nos qualificam segundo formações biológica dos seres.

Conceber estas análises dentro do estudo de corpos, raça e sexualidade diretamente relacionadas ao gênero (às mulheres negras), direcionam para concepções formativas e práticas de significações e simbologias sobre relações de poder que envolvem a dimensão de corpo feminino. Demonstrando que “as representações de corpo feminino veiculadas nas revistas, tanto para meninas quanto para mulheres, constroem posições de sujeitos, diferenças e identidades” (LOURO, 2013, p. 112).

Representações que frequentemente são expostas em mídias e/ou artefatos culturais midiáticos, virtuais e físicos, reproduzem modelos corporais tidos como perfeitos a serem seguidos e guiados. Identidade, ou formação de identidades não negras pela ausência de corpos e representações raciais, em sua maioria.

Corpos e relações de poder vinculadas às normas sociais apresentam a noção do imaginário social à ideia de ‘corpo perfeito’, um corpo ideal para ser exposto, apresentado e publicado em fotos nas redes. Corpos que expõem pretensões de poder e de saúde, de raça (predominante) e superioridade e o que dele não se aproximar ou não corresponder, não seria digno de exposição. Relações de poder que são implementadas e percebidas indiretamente sobre quais corpos não podem ou são não esperados para serem apresentados; formas de biopoder que disciplinam, aprisionam. E que nos faz, enquanto mulheres por exemplo, esconder o que não corresponda esteticamente ao belo, bonito e aceito.

Neste sentido, o autor Alvaro Jarrín (2017), em *A biopolítica da beleza*, apresenta análises sobre modificações corporais, com gênero e raça em perspectiva, por identificar mulheres negras como principais sujeitas nesse processo de mudanças estéticas. Compreender estas temáticas em meio a um grande cenário de demonstração do que foi dito (ou não dito) belo tem me ajudado na interpretação de corpos e da exposição do “eu” em plataformas e aplicativos digitais. Corpos negros, de mulheres negras que modificam sua aparência, suas formas na tentativa e busca do aprimoramento estético (ou *padronização* – grifo meu) – cada vez mais aproximado à beleza europeizada de rostos, narizes e traços finos. Que tem apresentadas as formas tidas e ditas como perfeitas – rostos e corpos de mulheres brancas – e seguem nesta ilusão, desejo, anseio. Na tentativa da desconfiguração de seus traços negróides, sua estética afro e suas estruturas naturais, as mulheres negras adeptas aos procedimentos estão em busca do que foi apresentado como referência; muito na esperança de serem aceitas, na perspectiva da exposição e aceitação, do comentário positivo, da curtida. Desconfigurando seus traços negróides, sua estética afro, suas estruturas naturais em busca do que foi apresentado como referência.

O caminho aqui é indicar interseccionalidades transversais que ocorrem quando o estudo envolve mulheres e raça – mulheres negras. Também apontados nos escritos de feminismos plurais que entendem as variedades e ocorrência que abarcam o cotidiano das sujeitas aqui em evidência, como questões sociais, econômicas e políticas, por exemplo.

Escrevo sobre percepções de raça/racismo e formação de identidades raciais e feminismos contemporâneos, do cotidiano, para além de lugar de fala como locus de pesquisa ou situação, mas ambiente de encontro, encontro de situações e experiências interseccionais. Percepções que apresentamos como proposição de estudos para entendimentos plurais, de combate e enfrentamento racista e sexista; narrados pelas próprias mulheres negras, sujeitas/colaboradoras neste trabalho – e não objeto dele. Enfatizando o discurso de não se tratar como exemplos absolutos da realidade, nas palavras de Djamila Ribeiro: “o propósito aqui não é impor uma epistemologia de verdade, mas contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas” (2019, p.14).

Sobre o lugar de fala que ocupam, assim como eu, outras mulheres negras que fazem uso de aplicativos digitais; para explicar o discurso, é preciso conhecer as condições de constituição do grupo no qual ele funciona. (AMARAL, 2005, p. 104). Apresento histórias e experiências de mulheres em ambientes virtuais exatamente por sermos mulheres negras, em consonância, pela relação entre estes sentidos e significados políticos, sociais e culturais que estão entrelaçados. É exatamente na representação de ambas associadas (mas não só) neste trabalho que repouso minha análise: “tendências à tecnologização do amor e do corpo perfeito: as expectativas de beleza são predominantemente disseminadas por imagens” (BAKAS, 2011, p. 113).

3.1.1 A interseccionalidade entre gênero, corpo e sexualidade

Apresento pesquisas e fontes teóricas acerca do estudo do gênero e dos corpos como construtos sociais de formação dos seres humanos. Para tanto, faz-se interessante apresentar algumas análises relevantes sobre gênero enquanto categoria de estudo histórico, pontuado por Joan Scott (1989).

A referida autora apresenta que pessoas e palavras têm história; que gênero tem sua história inicialmente aliada aos estudos referentes ao *feminismo* – a isso, muitas associações aconteciam para estudos de mulheres, do feminino, apenas. O termo em destaque foi utilizado pelo movimento feminista para explorar “uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1995, p.2).

Para além do apontamento de perspectivas sobre mulheres e/ou o universo feminino, *gênero* adquiriu conotações sobre análises interrelacionais entre os sexos, compreensão de simbolismos sexuais; desatrelando o significado do termo das apreensões unilaterais. (Aqui percebemos a importância epistemológica do feminismo negro, pois rompe com uma leitura universal de mulher e homem, imposta pela sociedade capitalista patriarcal).

Assim, o entendimento de gênero em medida histórica de análise nos permite a percepção entre experiências e práticas das relações (e papéis) sexuais/sociais históricos entre homens e mulheres, do passado para o presente. Desta forma, atribui significado aos estudos e contextos de análise sobre o patriarcado – que tem o homem como centro e principal referência social/sexual – indo de encontro às teorias que o cercam.

Sob a ótica contemporânea, perceber a categoria envolvida e entrelaçada em diversas dimensões sociais de relacionamentos e práticas sociais (bem como somado a outros, nem sempre isolado, como sexualidade, raça, classe) nos permite a compreensão dos sentidos (e críticas) que são atribuídos (as) ou esperados (as) de comportamentos de homens e mulheres, normativos e que envolvem relações de poder. “O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 23).

O entendimento feminista, em todas os seus momentos, foi de grande contribuição para atendimento e estudos sobre processos feministas, de atenção às condições e situações de mulheres; necessários à mudança em que nos encontrávamos. Somos muitas, em muitos lugares, vivendo de maneiras diferenciadas e construindo de maneira ímpar nossas possibilidades de ser e aparecer. Vemos desta forma, cada vez mais, a disseminação do movimento e suas pluralidades que atendam às demais necessidades

multifacetadas e heterogêneas de mulheres. Cabe neste projeto a contribuição do pensamento feminista no atendimento às visibilidades das causas de mulheres, de mulheres enquanto seres ativos, participantes e sujeitas – e são assujeitadas, de si, donas e responsáveis. O crescimento do movimento contribuiu e correspondeu aos vários reposicionamentos em lutas e diretos para as mulheres.

Mas somos pensadas, visualizadas, orientadas de muitas perspectivas e intersecções. E uma destas intersecções que nos constituem e diferenciam, enquanto mulheres, é a raça; negra, branca, indígena. Vivemos experiências completamente diferentes umas das outras, mesmo dentro de nossas mesmas esferas raciais – mulher negra/mulher negra – e reconhecer estas pluralidades de ser e perceber só trará benefícios. Não é separação de movimentos nem enfraquecimento de causa, mas respeito ao diverso, à diversidade em atenção ao múltiplo. Guacira Louro refere-se ao conceito de gênero como

“(..)um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximarmos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação (2013, p.20).”

Nesta análise, as percepções de gênero que trago nesta dissertação apontam para amplitude de conceitos e normas, sobre relações de gênero, relações entre homens e mulheres em ambientes virtuais de relacionamentos, curtidas, *crushes* e *matches*. Sobre ser educada como mulher e fundamentalmente apresentar comportamentos estruturadas dentro deste conceito, em ser, vestir, se comportar. De corpos (e pessoas) que foram criados (na escola ou/e família) baseados em padrões a seguir e que precisamos seguir cartilhas de comportamentos ou posicionamentos em função do gênero que nos apresenta. Sobre o que se pode ser ou falar, comentar em redes sociais, aplicativos por mulher; pelas fotos, pelas roupas, pelas críticas.

Diante disto, a ligação entre gênero-corpo-sexo está cada vez mais destacada, tornado imperativo a necessidade de algumas considerações a respeito de corpo – como ponto de análise e estudo – especialmente para o

estudo a que me proponho. Acredito que se faça necessário, por estar diretamente vinculado às representações sociais e culturais.

Dialogar sobre gênero, inevitavelmente, nos remete às questões sobre marcas vinculadas às noções de corpo, para além da materialidade, do físico, do exposto, do visual, como apresenta Judith Butler, 1999. É neste corpo que estão inscritos as performances genderificadas e estigmatizadas; corpos que configuram e predisposicionam imagens e escrituras sobre o que é conhecido (dito, imposto) sobre entendimentos de masculino e/ou feminino.

Compreendo que em sua materialidade, corpo também apresenta relações de poder, externas e internas, e que vivemos rodeados de processos e pedagogias que apresentam formas e possibilidades corporais de ser ou se fazer homem/mulher. E ainda muito além disso; nos corpos e nas expressões de corporeidades têm marcas, *espaços* onde histórias, experiências, lutas e representações estão marcadas e inscritas; e que são/podem ser exibidas ou silenciadas. Modos de se comportar, vestir (como cores, símbolos, roupas), falar, sempre vinculados aos corpos e tentam nos conduzir para convivências e(m) relações sociais. Vistas e apreendidas desde a escola, com formação de atividades separadas pelo gênero, sexo, ou/e em casa, pelas formas que apreendemos atividades domésticas, posicionamentos.

Por esta análise, percebo o corpo como lugar (DAÓLIO, 1995), expressão e forma para muito além das métricas estéticas ou materialidades (BUTLER, 2003) às quais estamos e fomos acostumadas/os a visualizar, em limites e extensões; carrega e expressa valores e normas de sociedades, culturas e tempos (histórico-social). Representa, desta forma, (primeiro) contato com possibilidades, percepções, ambientes e pessoas que dele ou com ele fazem encontro; são formas de comunicações (visuais) com o mundo, nosso corpo fala, representa e apresenta. Assim, pensar e estudar com corpos negros, de mulheres negras especialmente, muito trazem das percepções e entendimentos sobre processos de formação da sociedade brasileira e sobre o que aprendemos e desenvolvemos ao longo da vida sobre raça, negritude em aspectos colonizados e históricos.

O corpo, desta forma (ou para além dela), está inscrito, concebido em processos múltiplos de corporeidades, em formas de apresentar-se e ser visto, em ser e aparecer.

O corpo é também lugar de dúvidas, inseguranças e medos. Podemos dizer que essa construção negativa é resultado do que absorvemos dos ambientes que frequentamos. Como inferem Barbosa, Matos e Costa (2011), aprendemos a avaliar nossos corpos através da interação com o ambiente e com os outros. Assim, nossa imagem corporal é desenvolvida e reavaliada continuamente durante toda a vida (PINTO e CUTRIM, 2021, p. 6).

No(s) corpo (s) infere(m)-se histórias, sentidos e criação, sendo e apresentando-se, destacadamente como lugar de linguagem e precisa ser considerado e trabalhado nesta perspectiva, como produtor de autoconhecimento e representante singular de conhecimentos e significados, entendimentos (NÓBREGA, 2003 e MERLEAU-PONTY, 1996).

As experiências sociais estão também popularizando-se neste meio, como sociedades da transparência que cresce sempre mais na necessidade de apresentar-se, expor e publicar (HAN, 2017). São corpos que perpassam estes processos e deles fazem parte, sempre, a todo momento; significa estarem inseridos nas relações diárias, em um mundo carregado de significados e significações.

É inegável, nesta altura, atribuir e admitir que o corpo também está inscrito, carregado e esquadrihado em relações de poder, e que a ele são atribuídas e/ou retiradas, conforme expressões e corporeidades. Microestruturas de poder (FOUCAULT, 1987) para limitações e proibições, biopoder para esquadrihar e recompor. Nas palavras do autor

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. [...] A disciplina aumenta as forças do corpo em termos econômicos de utilidade e diminui essas mesmas forças em termos políticos de obediência (FOUCAULT, 1987, p. 127).

E, tratando-se de poder e disciplina nos/dos corpos, o corpo feminino sempre foi o que sofreu mais opressão, sendo o usado como objeto para procriação, com inúmeras gestações, como se fosse um corpo com apenas essa função (NASCIMENTO, 2021, p. 9). Pensando nesta linha, corpos

femininos, é justo lembrar sobre os corpos femininos negros, escravizados, que serviam para satisfação sexual dos senhores, iniciação sexual dos seus filhos. Corpos maltratados e desconsiderados, colonizados e desrespeitados, apenas importando para serviços domésticos, abusos sexuais e como ama que alimentava crianças brancas.

O corpo tem sido cada vez mais objeto de interesse (além de poder) contemporâneo, ele configura processos de intervenções (estéticas e culturais), correções, uso de drogas e medicamentos, cirurgias, controle; dado pela representação e apresentação de formas normativas expositivas de ser e perceber o 'ideal'. Como tal, ele precisa ser reconhecido como construção social, cultural, com marcas sociais que nos diferenciam e apresentam, que estão inscritas em nossos corpos, nossa cor, nossa raça; elas nos constituem e identificam, e por vezes, classificam. A sociedade é um dispositivo de poder/saber em relação aos nossos corpos (PINTO e CUTRIM, 2021, p. 26).

E, tratando-se de corpos em análise cabe como inevitável discorrer sobre as perspectivas concernentes à sexualidade que os compõem. A sexualidade envolve aspectos humanos em ampla medida, que englobam o sexo. Envolve ainda, identidades, modos de ser e se perceber, corpo, posições sociais, percepções sexuais, gênero, diferença. Envolve muitos fatores de orientação, educação e identificação, sem padrões nem normas. Sexualidade é sentido, é relação comigo e com o outro; é como nos fazemos sujeitos e sujeitas de nós. Trago alguns resultados de minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso – TCC que apontaram para

“a existência de uma concepção de sexualidade (...) ligada ao corpo, (em sua maioria [visão] biológica, do ensino escolar, que mostra o corpo anatomicamente); [à] estética (de cuidados pessoais com o corpo para estar e parecer bem e para que os outros o vejam bem, o que garante além da inserção em determinados grupos 'sociais' a satisfação pessoal de se ver bem – saúde) [e às] questões relacionadas ao gênero, onde o corpo bonito significa formas de atração entre os sexos (ANDERSON, 2010. p.32).

Nesta análise, as estruturas de corpo, saúde e estética ainda estão ligadas diretamente ao entendimento de sexualidade. São formas e possibilidades de se pensar, fazer e sentir mulher ou homem, por apresentações (construtos) sociais historicamente reguladas e normatizadas.

Identidades sociais que ganham sentido pelas representações e transformações, são processos plurais e culturais.

Estas observações apresentadas por minhas/meus interlocutoras/es de pesquisa (ANDERSON, 2010) sobre uma sexualidade que marca em corpos e 'estética de gêneros', constituem o sentido social atribuído a eles, moldadas pelas redes de poder de uma sociedade e definidas por relações sociais (LOURO, 2001). Identidades sociais culturais e historicamente abrangentes, que contam com mecanismos, dispositivos que operam, seja pelo dito ou pelo não dito (FOUCAULT, 1993).

Tal como aponta Guacira Louro, alguns resultados de pesquisa de campo de 2010, exibidos pelos estudantes/adolescentes, apresentou que a sexualidade, ou o processo escolarização do corpo pedagogias de ser masculino e/ou feminino, vêm da escola ou família (ANDERSON, 2010). De maneira direta ou indireta, estes agentes sociais que compõem o meio de trânsito dos jovens produzem formas de elaboração desta perspectiva normativa.

Comportamentos, posturas, falas, roupas, cores, muito era apresentado como mecanismo de condutas de gênero e sexualidade; o que gerava um auto disciplinamento, controle em nós mesmos, tornando-nos nossos próprios carcereiros, carrascos. Auto disciplinamento sobre atendimento às condutas, posturas sociais padronizadas e esperadas para gêneros em sexualidade.

Jeffrey Weeks, a esse respeito, comenta que "a sexualidade é, entretanto, além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosas" (2001, p. 39). Possibilidades e formas de poder que giram em torno e utilizam o dispositivo da sexualidade, não de maneira simples ou isolada, mas associada a outras potencialidades tais como raça, classe e gênero para produzirem dominações e subordinações (bem como resistências e oposições), visões e percepções interseccionais de biopoder. A exemplo do uso dos projetos colonizadores estruturação e composição da política e do comportamento sexual à imagem da classe dominante/burguesa, ao que aponta Foucault, diferenciando-se da – considerada – imoral e promiscua classe inferior (WEEKS, p. 55).

O modelo hierarquizado, mas de sexo único, certamente interpretava o corpo feminino como uma versão inferior e invertida do masculino, mas enfatizava, não obstante, a importância do papel feminino no prazer sexual, especialmente no processo de reprodução, até o século XVIII (WEEKS, p. 57).

São entendimentos verticalizados sobre corpos e suas importâncias dadas de maneira hierarquizada, tendo, este modelo, sido substituído no século XIX, pela existência de dois corpos diferentes; sugerindo a diferença absoluta de homens e mulheres, corpos singulares; dois, masculino e feminino (WEEKS, p. 57).

Mais um importante elemento histórico necessário à esta análise crítica, mais que isso, fundamental, trata sobre as percepções e aspectos concedidos à raça, tido e apresentado como ameaça, principalmente ao que se refere às questões sexuais. Eram corpos de cor que representavam ‘maus’ exemplos aos costumes, corpos, homens e mulheres brancas.

A mulher negra brasileira carrega uma carga histórica em seu corpo. Há muitos séculos escuta que seu papel é o de mulata, hipersexualizada. É vítima de uma hostilidade de raízes seculares. Durante o período escravocrata eram obrigadas a manter relações sexuais com seus senhores e outros homens que faziam parte do círculo da escravidão. A herança desse período ainda resiste por meio da extrema sexualização e violência contra o corpo negro (SILVA, 2016, p. 152).

São veiculações estigmatizadas sobre corpo, sexualização e violência, muitas vezes, normalizadas e em reproduções (constantes). O corpo negro é tido como exótico, pecaminoso, “da cor do pecado”, diferente, ligado ao sexo e ao racismo, que classifica a mulher negra como não apta para relacionamentos monogâmicos ou para o matrimônio (SILVA, p. 157).

Sexualidade e corpo são aspectos diretamente relacionados e interligados, um representa e apresenta o outro, inscreve relações e percepções histórica, social e culturalmente constituídas e estabelecidas, a exemplo da raça, do racismo, da sexualização (em larga escala) vinculado ao corpo da mulher negra. Pensemos, neste entendimento, na ideia que foi

formada e vinculada na mídia, na televisão, no imaginário, nas casas, no entendimento das pessoas sobre carnaval, Brasil e samba: mulata⁴⁶.

Corpos, *seminus*, de mulheres que representam um país, e para esta imagem, nesta representação, a personagem que desfilou por muitos anos nas televisões brasileiras, tendo o corpo pintado, e apenas isso, brilhante e cintilante na época mais festiva do ano. Onde tudo parece ser e estar liberado, e é ‘só alegria e diversão’, e que a sexualização esta acentuada em suas curvas, silhueta e sorriso largo, solto; você já deve ter dito, é claro, a *globeleza*⁴⁷. Foi, e ainda o é, (mesmo que) simbolicamente umas das principais ligações e representações do corpo negro referenciado, idealizado e destacado; ela – ou elas, as globelezas, em suas várias representações de mulheres negras de corpos perfeitos (e padronizados, na maioria) – não desfilam mais, sambam ou rodopiam na televisão ao som de algum hino destaque de escola de samba ou trilha especialmente criada para este fim, mas vive, mora e toma conta deste “papel” na cabeça da maioria dos brasileiros. Para muitos, ou a maioria, pensar em samba, carnaval é pensar em globeleza, corpo negro *seminu*, pintado, colorido, feliz.

3.2 Branquitude, negritude, racismo e identidades raciais

Raça: substantivo feminino. Construto social geralmente utilizado para diferenciar pessoas ou grupos por marcas físicas e causar hierarquizações sociais.

Não raro alguém lança pesquisas nas redes sobre os mais variados e diversificados assuntos; e no ano de 2020 por grandes apontes sobre casos de racismos evidenciados mundialmente foram pesquisas relativas às questões de raça. Cabe destacar que no referido ano, especialmente a partir do segundo semestre, tiveram grandes destaques e debates questões raciais e racismo.

⁴⁶ Nas palavras da intelectual negra Lélia Gonzalez: “a mulata foi criada pela ideologia de embranquecimento. Nós sempre somos vistas como corpos: ou como um corpo que trabalha, que é burro de carga, que trabalha e ganha pouco, ou como um corpo explorado sexualmente, que é o caso da mulata, símbolo dessa ideologia” (RIOS e LIMA, 2020, p. 286)

⁴⁷ Representou por longos anos a ‘expressão’ do carnaval nas curvas e no corpo de uma mulher negra esbelta. Ela aparecia sempre sorridente, com o corpo todo pintado e *seminua* sambando ao som de uma vinheta do carnaval; a dançarina Valéria Valenssa foi um dos principais nomes, e que por 14 anos desempenhou essa ‘função’ na TV Globo e ficou conhecida como *Mulata Globeleza*.

Por episódios de preconceito⁴⁸, discriminação – em cenário nacional e internacional – que, lamentavelmente, ocasionaram na morte de pessoas negras. Desta forma, além do debate gerado e das discussões e protestos, não obstante a busca pelo tema teve seu aumento.

Cabe, então, algumas análises sobre a formação da sociedade brasileira, ponto essencial para análise sobre *raça* e os desdobramentos que conhecemos até hoje referentes às noções de desigualdades e diferenças. Muito podemos entender e apresentar sobre diferenças e desigualdades entre raças, desde o período colonial – essencial para a construção da base social brasileira.

Estas buscas em rede podem apontar para a necessidade de entendimento e compreensão dessa formação social. Por que tantas pessoas da raça negra têm sofrido brutais agressões? Por que a cor, a raça de alguém chama tanta atenção, chegando a falar até primeiro que o próprio indivíduo?

Entender as questões da construção social da cor no Brasil, em especial, que apresentam pontos sobre hierarquia, diferenças, superioridade e inferioridade tem muito a explicar. Ser pessoa *de cor* remete ao período colonial de escravização, padecimento e sofrimento tatuados socialmente nos descendentes colonizados. Carregar traços negróides e ter a pele escura simboliza aspectos negativos e subjugados, e a história das diferenças data do período colonial, das incorporações feitas e arrastadas desde então, de superioridade e hierarquização de raças. Em que grupos sociais de cor negra são diminuídos por sua raça, suposta inferioridade escrava negra. A esse respeito, José D´Assunção Barros argumenta que

“...ninguém nasce negro ou branco, aprende-se a ser negro ou branco no seio de determinadas sociedades que, através de indelévels e complexos processos culturais, terminaram por implantar esta forma de percepção na mente de cada um dos indivíduos que a constitui (2014, p. 11).”

⁴⁸ Caso George Floyd: violência policial nos EUA ocasionando falecimento de um homem negro. Caso Miguel: criança de 5 anos que morreu ao cair do nono andar de um prédio de luxo no Centro do Recife, por descuido da patroa da mãe do menino que saiu para passear com o cachorro. Caso Carrefour: homem negro morre após ser espancado por seguranças de uma loja na cidade de Porto Alegre/RS. Estes são apenas alguns casos que receberam grande destaque na mídia.

Reforçando a ideia de que são conhecimentos, entendimentos e percepções construídas socialmente ao longo da história que nos aprisiona a este conceito falho. Reproduzidos e repetidos durante gerações, incorporados aos sistemas de sujeição e domínio presentes na sociedade racializada. A base para os principais discursos coloniais de supremacia, importância e objetificação entre os seres, era a cor. A cor da pele os diferenciava antes de qualquer outro ponto. Vista e apontada pelo colonizador para diferenciação entre aqueles que mandavam e aqueles que obedeciam.

“(...)complexa história da construção e percepção social de diferenças relacionadas à cor da pele, foi incorporada a princípio como elemento fundamental no interior de um cruel sistema de sujeição e domínio sobre todas uma parcela da humanidade, e como, em contrapartida, a mesma “construção social da cor” começou a ser incorporada concomitantemente aos mecanismos formadores de identidade (Barros, 2014. p. 14 e 15).”

Igualdade, diferenças e desigualdades estão desde sempre alicerçadas às histórias e construções sociais humanas colonizadamente sobre o aspecto da cor, ser negro (preto), ser branco. Estas formas de classificação, digno de nota, não tratam sobre como pessoas negras se identificavam, mas de como fizeram delas (homem branco), as faziam acreditar serem. Uma sociedade que exalta e exulta o “ser branco”, a pele clara.

Sobre a ideologia de superioridade de raça – a branca, seleção natural, teorias do evolucionismo – caracterizou-se pelo pensamento da hierarquização entre raças e conseqüentemente entre as pessoas, grupos de pessoas que pertencessem aos grupos distintos. Negros, brancos, amarelos, entre outros, foram ‘catalogados’ em disposições de traços físicos, mentais, genéticos, psicológicos, estéticos morais (e muitos mais) para classificação em maior ou menor grau de importância de escala avaliativa, em meados do século XIX. Que, ainda hoje servem para direcionar e redimensionar; perceber e organizar funções sociais, econômicas, políticas.

Classificações que orientam e servem de suporte para estratificações raciais, reafirmação de estereótipos e discriminações baseadas exclusivamente na cor da pele, em traços fenotípicos (GONÇALVES, 2018). Ideologias racistas que permeiam o imaginário e, por conseguinte, a prática social cotidiana. Que ora eram apresentadas como um mito da democracia racial existente no Brasil,

onde todos viviam bem e sem choques de experiências ou discordância de natureza étnica/racial. E ora explodiram como uma quebra à percepção de convivência pacata, livre de sofrimentos psicológicos de negação da essência negra e sua negritude. Gilberto Freyre, principal nome da representação do mito democrático de raça, em *Casa Grande e Senzala* (47a ed. 2003, 1a ed. 1933), apresenta o Brasil como paraíso das raças, da convivência entre elas, entre todos. Fantasia harmônica de convivência entre negros, brancos, índios, com um quase apagamento dos registros da história colonial.

Políticas/ideologias de branqueamento funcionam como um apagamento da identidade negra e toda negritude de um corpo; que gera autonegação em função da política de tornar o país menos negro e mais “bem frequentado”, uma espécie de tortura psicológica. Que envergonha ou faz envergonhar ao perceber traços tidos e identificados como inconvenientemente negros/pretos. Externas e internas que ainda seguem exercendo perversamente em corpos negros um processo de negação e não aceitação da subjetividade, ou, que não faz perceber.

À ideologia de hierarquização das raças ou de uma suposta superioridade atualmente nada têm de associados aos conceitos e/ou preceitos biológicos. Há apenas a raça *humana*, na qual todos pertencemos, independente de fenótipos; no entanto, a mentalidade discriminatória que justifica suas práticas de preconceitos raciais ainda utiliza daqueles conceitos coloniais em ações e práticas contemporâneas. Neste caminho, Munanga (2003, p. 16) apresenta que “o conceito de raça, tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação”.

Percepções sociais sobre diferenças culturais apresentam raça neste pensamento, projetando em grupos humanos negros um racismo baseado na classificação e hierarquização do indivíduo em função de sua cor, diferenças físicas. Sem perder o caráter violento e cruel que ainda hoje emprega, o racismo persiste, na vida cotidiana, nas atividades diárias, hora percebido diretamente, ora passando sem ser notado (ou não), nos mais diversos ramos ou espaços políticos, culturais, sociais de interação e interatividade.

A análise de raça e construção social de cor assumem direta relação com as proposições de minha pesquisa no que tange o entendimento desta associação às ideias de racismo e negritude no Brasil, especialmente. O imaginário criado e trabalhado sobre estas ideias estão de encontro em como a população negra – e a raça – é tratada e retratada sócio-histórica e culturalmente. Entender esses processos de assimilações coloniais me dão suporte para apresentar e trabalhar sobre racismo, por exemplo; não há como se falar em racismo sem apresentar as percepções de raça e entendimentos sobre formação da sociedade brasileira, especialmente ao que concerne ao racismo aqui apresentado. Racismo que é praticado com base visual, estética, de cor da pele, traços negróides (cabelo, boca – ‘*metonímia da raça*’) e diretamente ligado às descendências afro-brasileiras.

Assim, apresento análises em raça e racismo e estudos nas perspectivas que necessitam de aportes teóricos desta associação e abordagem e nelas se baseiam, na compreensão de raça - inferioridade/negra e superioridade/branca vinculados ao racismo.

Como todo ser social inserido em realidades e experiências de vida de contextos sócio-históricos culturais, sujeitas/os-cidadã/ões devem ser estudadas/os. Ao que nos conta e apresenta a história do Brasil, sobre a formação da sociedade, a construção social do que se pensa sobre cor, raça, desigualdade e diferença; pessoas negras têm situações sociais, histórico-culturais desfavoráveis sobre análise e vida. Estas análises trazem prejuízos para emancipação psicológica, por exemplo, como aponta Maria Gonçalves, 2018.

Nesta perspectiva e vinculado às noções de raça e negritude, o racismo trata sobre práticas discriminatórias e preconceituosas a um determinado grupo social: das/os negras/os. Trata de ações de ordem social que pressupõem hierarquia e *suposta* superioridade da raça (branca). Joel Rufino Santos apresenta racismo como um sistema que afirma a superioridade racial de um grupo sobre outros, pregando, em particular, o confinamento dos inferiores numa parte do país - segregação racial (1985. p.10).

Associados ou ramificados neste modelo da prática racista, podemos pensar ainda em outras abordagens estruturais vinculadas – *Racismo*

Estrutural, apresentado por Silvio de Almeida. Tatuado às outras estruturas sociais, como por exemplo a ideia de que negras/os não merecem lugares de destaque em qualquer que seja o ambiente ou de que pessoas negras sempre são associadas ao negativo, à comparações animalizadas [*mulatas/os (mula), macaca/o*]. O autor apresenta racismo estrutural não como um tipo de racismo; ele diz que é o racismo que sustenta as estruturas da sociedade moderna capitalista, seja na economia, sociedade, política, cultura.

Com notas necessárias, cabe destacar que o racismo estrutural faz parte e se associa aos demais modos de se perceber racismo, integrado a todas as organizações sociais existentes. Práticas que formam a sociedade, e fazem parte de toda a estrutura social, econômica, política, histórica. “Trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutidos em nossos costumes e que promove, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial” (ALMEIDA, p. 13, 2018).

Pensando nessas práticas, especialmente no território brasileiro, que tem como fundamental característica o *bom humor*, a gíngua, e o espírito alegre, espontâneo/divertido; o autor Adilson Moreira analisa criticamente a relação entre humor e racismo. Análise em histórias ou contos que tem por ‘intenção’ a piada, o divertimento de outrem (que não pessoas negras), a gargalhada; mas que trazem o negro em piores situações e/ou comparações animalizadas. Piadas que expõem pessoas negras a situações e momentos desconfortáveis, mas que, para quem conta, “é apenas uma piada” (racista).

Cabe, nesta análise, incluir observações sobre comentários que tragam aspectos dessa combinação recreativa de racismo nas mídias tecnológicas; em fotos ou conversas das entrevistadas nos aplicativos de relacionamentos. Um comentário maldoso e irônico sobre partes específicas do corpo em comparações a animais recebidas e presentes em práticas discriminatórias. Ou o constante apontamento sexual sobre aspectos estéticos de mulheres negras com intuito de exposição e destaques de cunho sexualizado. Esses são alguns exemplos aplicáveis às formas de racismos recreativos que ocorrem em mídias e aplicativos, destaques específicos da raça que incorrem em racismo recreativo.

Formas de violências, práticas de desigualdade e/ou discriminações, estereótipos são caracterizadas pelo racismo; nas palavras de Silvio Almeida “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (p.15. 2019). Por estas características estruturadas e estruturantes, o racismo incorpora cada vez mais diferenças sociais acentuadas, formas de ser e se comportar, ser tratado e tratar pessoas, grupos sociais; seja no coletivo ou em relações institucionais/institucionalizadas, do pensamento individual às interrelações.

Em primeira análise, o *racismo institucional* tem ganhado espaço de discussão e debate acadêmicos e políticos no final da década de 90, em defesa da luta antirracista e combate à desigualdade racial e seu enfrentamento de maneira institucionalizada. Instituições políticas e econômicas são, em sua maioria, grandes reprodutoras, mantenedoras de práticas e formas discriminatórias de marginalização social das/os sujeitas/os (negros, mulheres). O ambiente organizacional/institucional, é palco frequente de exposição, classificação ou/e quaisquer outras formas de julgamentos ou hierarquização com base na cor, negra; direta ou indiretamente.

Tratamentos diferenciados entre pessoas de raças ou cor são expressões do racismo institucional; negar, impedir, atrapalhar acesso ou movimentações profissionais baseadas em características fenotípicas, dissimuladamente ou não. Quase sempre silencioso, o racismo institucional acontece entre atividades cotidianas da vida social, passando, *talvez*, despercebido, como fracassos que são atribuídos ao indivíduo.

Racismo Individual, nem sempre de natureza política é caracterizado por ações pessoais que trazem como motivação concepções de superioridade, autoritarismo, manifestado por estereótipos e comportamentos considerados patológicos. Como diz Silvio de Almeida, “seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados, ou ainda a uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico”. (p. 28, 2019). A este ponto, em destaque, sobre as análises aqui expostas, baseadas em uma expressão do racismo que se desencadeia, especialmente, mas não exclusivamente, por aspectos da pele, de traços físicos. São proposições

expostas em rede na divulgação de fotos, imagens e/ou perfis pessoais de mulheres negras que se lançam às ‘análises’ da escolha, da beleza estética (padronizada).

O racismo toma reproduções de concepções coloniais, culturais e sociais pela crença na inferioridade do ser negro, da subjetividade negra e das representações de negritude; justificadas exclusivamente no interesse pessoal, e no ódio pela raça. E neste entendimento repousam as trajetórias e experiências que circulam em rede, nas mídias e nos perfis que deslizam entre “direita e esquerda” nos aplicativos de relacionamentos, nas redes sociais. Carregados destas percepções usuárias/os transitam por artefatos tecnológicos e pedagógicos disseminando o *conhecimento* apreendido e reproduzido sobre corpos, estética, beleza e identidades; deixando exalar quais seriam os atributos, pessoas (raças) e corpos mais desejados e aqueles preteridos, especialmente quando falamos em relações duradouras/fixas ou passageiras/sexuais.

Por entre compreensões do racismo individual e/ou institucional, há de se inferir que a sociedade carrega a estrutura racista nas relações sociais, históricas e culturais, que influencia nas relações interpessoais nas instituições onde frequentam, transitam; fazendo-as reflexo de seus comportamentos e práticas cotidianas racista. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2018, p.36).

O racismo à *brasileira* trata em aspecto peculiar sobre as questões – tendo como referência a construção social e negativa da cor preta e da sociedade brasileira – da miscigenação, pretendida como base para embranquecimento (considerado positivo) da sociedade. Contexto de um fenômeno biológico com aspectos e intenções políticas e sociais para a construção da identidade nacional predominantemente branca (ou menos preta/negra). E as marcas que esse contexto deixou, a mentalidade de ‘homogeneização’ das raças com a necessidade do apagamento do negro, mestiço e do índio, até hoje repercutem em todas as esferas (social, cultural, política, econômica).

A inferiorização da raça negra (e tudo/todos/todas que a compõe) tendo em contrapartida a exaltação dos aspectos identitários brancos – até então não

vinculados ao entendimento de raça, que era conferida exclusivamente ao *outro/negro* justamente pela carga negativada que ela representa – afetaram diretamente nas representações, imaginário e nas relações até o presente. Quase como tatuagem nos corpos negros que carregam a marca do que foi imposto pelo outros a nós, impositivamente; destacando em especial, num aspecto direto e ao mesmo tempo invisível, a superioridade da/o branca/o e seus privilégios (naturalizados) e a inferioridade da/o negra/o. Tudo expresso/impresso na cor ou no tom da pele; e sob o aspecto interseccional de análise, deixa-a ainda mais complexa quando acrescida às percepções sobre gênero – mulher negra). Nas palavras de Maria Aparecida Silva Bento

“A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado” (2016, p. 28).

Em se tratando do trabalho interseccional que envolve mulheres negras, racismo e outras questões em perspectiva, cabe apropriado apresentar algumas visões analíticas acerca dos Femininos Negros. Teoria de fundamental contribuição aos entendimentos sobre a pluralidade diretamente relacionada às mulheres e as interseccionalidades que as constitui.

Mais a frente, especialmente no que tange as análises e resultados de pesquisa, a ser apresentado no tópico seguinte, o quarto, voltarei a debater e os entendimentos sobre branquitude e privilégios. Aponto esta como discussão de fundamental destaque para meu estudo interseccional aqui desenvolvido e apresentado; especialmente por tratar sobre categorias sociais que sofrem influencias diretas dela. Gênero e raça são imperativos nesta análise pois quase que de imediato quando se refere a elas, talvez você pense em homem-branco (ainda que a ideia de gênero esteja estritamente ligada à ideia de *mulher*). No entanto o imaginário social e político, em maioria, ainda está representado e ocupados por imagens do homem branco, classe média, heterossexual.

Assim, neste tópico teórico apresentei as principais discussões sobre a abordagem de minha análise que facilitasse a leitura e entendimento de

pesquisa. Voltarei a tratar em medida analítica sobre elas e ainda outras igualmente relevantes neste universo de estudo interseccional.

3.2.1 Considerações sobre Feminismos Negros

Pesquisar sobre relações de gênero, raça e sexualidades, trata de um convite quase que absoluto para a proposta de um estudo em feminismos negros. Pois este, bem como outros estudos feministas específicos, trabalha aspectos relevantes e não associadas aos estudos feministas tradicionais: a situação, experiências de mulheres negras no âmbito político, social. Versa sobre um movimento de gênero, raça e a luta específica de mulheres negras e suas condições e direitos sociais, históricos, culturais. Contrariando o que tem sido posto sobre *um* feminismo, o projeto feminista negro, desde sua fundação, trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios de classe e cisheteronormatividades articuladas em nível global (AKOTIRENE, 2019, p. 16).

Enquanto algumas pautas (em sua maioria) do *feminismo*⁴⁹ tradicional conhecido desde a primeira e segunda ondas que tinham como maiores protagonistas mulheres brancas de classe média (alta) reivindicando direitos e igualdades; mulheres negras de classe baixa, viam-se de fora da pauta. Sojourner Truth, um dos grandes nomes conhecidos da causa negra feminista em seu discurso “*E eu não sou uma mulher*”⁵⁰, sobre as diferenças de direitos e pautas em que lutavam mulheres negras e brancas; sobre as diferenças em experiências e realidades nas quais ambas estavam inseridas contesta e dá os primeiros passos ao que entendemos hoje como feminismos negro. Sojourner

⁴⁹ Grifo no singular pois é como tem-se apresentado em grande maioria quando se trata e se retrata estudos sobre a teoria feminista que não agrega a perspectiva de raça às análises; diferentemente do feminismo negro que é apresentado como plural, tal qual Djamila Ribeiro apresenta em série que leva o mesmo nome na coleção de livros.

⁵⁰ Sojourner Truth, de 1797 a 1883, foi uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres. O referido discurso foi proferido em uma reunião onde se tratavam dos direitos da mulher branca; Sojourner levantou-se para falar que as mulheres negras deveriam ter os mesmos direitos que as mulheres brancas que ali discutiam sobre direitos em formato desigual. Questionou sobre o fato de não ser uma mulher já que estes ‘direitos’ estavam sendo negados a ela e tinham o apontamento racial branco como merecedor. Disponível em (233) E EU NÃO SOU UMA MULHER? - SOJOURNER TRUTH, em LIBRAS| Anne Magalhães - YouTube e E não sou uma mulher? – Sojourner Truth (geledes.org.br) .

reivindica condições que atendam às demandas de mulheres como ela, negra, empregada, trabalhadora, não atendidas pelo movimento nascente a época.

Faltavam questões específicas que tratassem de mulheres e raça, de classe econômica mais baixa e dos cuidados com os filhos destas mulheres; mulheres negras que não usufruíam dos mesmos privilégios e condições do feminismo que eclodia. Sojourner foi de fundamental importância para essas ligações, não apenas seu discurso, mas sua voz, sua postura, suas palavras que ecoaram e ainda ecoam. Ela permitiu a inserção de mulheres negras e das intersecções que as acometiam.

A teoria feminista (branca tradicional) atribuiu reconhecimento às conquistas e lutas de direitos, emancipação quanto aos ‘papéis’ de – ou o que se põe a entender sobre as significações entre – gênero. Trata necessariamente sobre o exercício da reivindicação e emancipação feminina, da mulher, das mulheres; sobre apresentar em espaço público inquietações e problemáticas que faziam parte apenas do espaço privado (casamentos e violência, desigualdade em oportunidades, funções e espaços de ocupação) que a partir do movimento político feminista ganha voz e vez para debates.

Compartilho alguns entendimentos sobre *feminino* – no singular, por não alcançar as especificações e a compreensão acerca do estudo de gênero, sobre a pluralidade das mulheres; mas é necessário à contribuição dele para o reconhecimento das particularidades relativas ao gênero. Partindo disso, trabalhar com a perspectiva de estudos em femininos – no plural, muito tem a contribuir para análise de pluralidades de conceitos e experiências de mulheres – também no plural, em sua diversidade de trocas, espaços e contato.

Adiante, sobre as apresentações de estudos e conquistas de lutas feministas, executada no plural, vivenciadas nas mais diversas categorias e atravessadas por intersecções simultâneas de análise (a exemplo de classe, gênero, raça); destaco as abordagens políticas do feminismo negro. Da percepção que estes cruzamentos são desenvolvidos e de maneiras diferenciadas socialmente, por mulheres, meios e espaços múltiplos; apreendendo a percepção de mulheres negras e suas experiências, narradas em primeira pessoa. Com atravessamentos de muitas outras questões sociais não hierarquicamente posicionadas em análise, nem escolha (ser mulher negra

(?) pobre (?) – classe, raça e gênero); ao que aprendemos de Interseccionalidades.

Reporto-me às palavras da filósofa e ativista do feminismo negro Djamila Ribeiro (2018), ao apresentar a importância da existência de um movimento que verse de forma específica aos preconceitos e discriminações sofridas por mulheres negras; tomando por análise a marca racial hegemonicamente branca de sociedade onde o movimento feminista acaba por ser integrado à compreensão.

O Feminismo Negro é sobre poder falar do lugar social que se ocupa. Ele se projeta sobre a vertente interseccional de gênero, raça, classe, em destaque; mas não apenas. São pesos em cruzamentos que acometem mulheres negras diariamente em suas vivências, sem hierarquizações ou potencialidades de acontecimentos. O termo define um posicionamento do feminismo negro frente às opressões da nossa sociedade cisheteropatriarcal branca e de base europeia, desfazendo a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única (RIBEIRO, 2019, p. 11). Carla Akotirene apresenta que

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (2019, p.14).

Trabalhar com diálogos de experiências de mulheres negras, revivendo, lembrando e narrativas de suas trajetórias passadas e ainda atuais são imperativos à apresentação de discursos e aportes de bell hooks e Djamila Ribeiro sobre um movimento que trabalhe especificamente preconceitos e discriminações do universo feminino negro. Como todas nós – incluo-me pois foi assim que surgiu o interesse pela pesquisa, por trajetórias e experiências pessoais que me impulsionaram à reflexão – nos percebemos neste cenário de problemáticas interseccionais.

Experiências que podem (ou não) ser resultados de processos racistas diretos ou indiretos, simbólicos, que por vezes passam atrelados ao gênero e à raça, que diminui, restringe e tenta limitar. Generaliza por questões estéticas

coloniais de “bunda grande”, “peito farto”, corpos femininos (negros) que estão, em sua grande maioria sendo os principais motivos dos assuntos sexistas. Intersecções presentes diariamente e não hierarquizadas.

Feminismos negros necessários para abordagens antirracistas de apresentação das colaboradoras/sujeitas que narram, mulheres negras que falam e não são objetos de estudo. Um movimento que traz em perspectiva feminismos plurais, de mulheres plurais; mulheres negras que têm direito de fala e de apresentação de suas histórias e experiências, com/em seus corpos e experiências em rede.

Ainda há muito o que se pesquisar, estudar para contribuição à pesquisa em estudos interseccionais; outras autoras, escritoras negras, e sobre o movimento negro e a luta antirracista de mulheres negras. Contribuições da intelectual negra Lélia Gonzalez e as perspectivas do feminismo afrolatinoamericano e seu pioneirismo nos estudos da cultura no Brasil. Em análises sobre as mulheres negras – denúncias do sexismo e racismo - e o quanto estes processos estão diretamente atravessados como formas de violência que subalternizam as mulheres negras. E ao argumentar sobre as condições do povo negro, sua situação e as formas de pensar sobre tal, Gonzales apresenta que “o longo processo de marginalização do povo negro, imposto pelas práticas discriminatórias de uma sociedade marcada pelo autoritarismo, relegou-nos à condição de setor mais oprimido e explorado da população brasileira” (RIOS e LIMA, 2020, p. 174). E, em decorrência, ‘ser mulher e negra (ou negra e mulher?) implica ser objeto de um duplo efeito de desigualdade muito bem articulado e manipulado pelo sistema que aí está’ (p. 175); com atravessamentos (ou atropelamentos) que a acomete de maneira simultânea.

Percebe-se, inclusive pelo mito da democracia racial há tempos instaurado, a ideia ou negação da existência do racismo no Brasil, mas o que se reconhece é que, como diz Lélia Gonzalez (2018), o racismo no Brasil é profundamente disfarçado. Na divisão racial e sexual do trabalho a mulher negra sofre as duas discriminações (RIOS e LIMA, 2020, p. 281). Em relações pessoais, reais, não virtuais, estas análises causam algum tipo de ruído quanto ao entendimento sobre a intencionalidade da matéria e do ator causador, o

sujeito que pratica; então, pensemos o quando esta análise é apreciada nas relações, ou relacionamentos virtuais. De aplicativos (de encontros ou não apenas); nas redes sociais em meio às publicações e posts de fotos pessoais, em rede que recebem milhares de acessos e cada vez mais tendem a aumentar o número de usuários.

Perfis, usuários, muitas vezes (ou quase sempre) sem identificação, criados, e com finalidades de apenas espionar, visualizar ou mesmo incitar algum movimento. Criar perfis em redes ou aplicativos não causam grandes dificuldades ou necessitam de muitas informações, fotos nem sempre são necessárias para identificações de usuários, mas podem ser facilmente retiradas de outras portas virtuais com acesso fácil, assumindo identidades múltiplas. Logo, a criação de perfis para uso e/ou propagação de deslocamentos sociais, racismo ou sexismo em comentários e fotos passam a ser opções⁵¹.

Nesta linha de acessos, curtidas e publicações que cada vez mais crescem e ganham adeptos, pensar na manipulação deste meio de comunicação e exposição torna-se evidente, principalmente quando há questões padronizadas sobre corpos (idealizados), mito da democracia racial e mulheres negras. Há alguns anos (meados de 2016), quando realizei alguns trabalhos iniciais nos estudos da educação para relações etnicorraciais⁵², deparei-me com um material (um artefato cultural sobre beleza e moda feminina) impresso, uma revista feminina⁵³ que trazia a cantora Gaby Amarantos⁵⁴ na capa, em destaque. A cantora usou uma de suas redes sociais

⁵¹ Os crimes virtuais são aqueles cometidos via internet e podem ser enquadrados no nosso código penal, onde terá punições de acordo com cada caso. Tais crimes começaram a aparecer, pois o aumento de usuários na internet foi crescendo cada vez mais. No Brasil, há duas leis que estabelecem diretrizes de bom uso e protegem os direitos dos internautas. A primeira dela é o Marco Civil da Internet, criado em 2014, que estabelece a utilização da internet no Brasil, indicando os direitos e deveres dos internautas e das entidades que fornecem serviços virtuais. Aliado ao Marco Civil, a lei Carolina Dieckmann, criada em 2012, proíbe a tomada de dispositivo de outra pessoa para ter, mudar ou eliminar dados do proprietário do dispositivo

⁵² Trabalho de Conclusão de Curso - TCC de Especialização em Educação para as Relações Etnicorraciais – ERER/IFPA Campus Belém.

⁵³ Revista *BOA FORMA*, que trazia com o título de capa “*#amominhaboaforma*” como fala destaque da cantora Gaby. Edição de julho/2016.

⁵⁴ Nome artístico de Gabriela Amaral dos Santos, mais conhecida como *Gaby Amarantos*, que é cantora, compositora, apresentadora e atriz brasileira, natural de Belém/Pa.

a época para fazer a divulgação do trabalho (imagem 1), e logo abaixo uma leitora publica o seguinte comentário (imagem 2):

Imagem 5: Propaganda para Revista de Saúde

Gaby foi uma das famosas escolhidas para estampar capa da "Boa Forma" de dezembro



Instagram - Gaby foi uma das famosas escolhidas para estampar capa da "Boa Forma" de dezembro

Fonte: Capa da Revista BOA FORMA, 2016

Imagem 6: Comentário de uma leitora referente à publicação da Revista quanto à escolha de uma das modelos de capa.

“Gaby, nada contra você, mas você é moreninha e morena não merece estar no Brasil, merece estar na África porque lá é lugar de pretos. Você é neguinha e tem o cabelo cacheado. #ForaPretos!”, escreveu uma seguidora identificada apenas como Ingrid Ferreira.

Fonte: Rede Social, via página de acesso online da revista Boa Forma.
Acesso dia 08.11.2016

Posteriormente, este mesmo perfil postou outro comentário similar em fotos de outras personagens públicas⁵⁵, sempre referindo-se às questões raciais e a não adequação para os padrões raciais brasileiros, mas o destaque está no uso das redes sociais para tal ataque às questões de negritude, corpo e feminino. Como se algo proibisse corpos negros (principalmente aqueles que não correspondam aos padrões normalizadores) de se mostrarem, terem suas fotos publicadas.

Observações e análises aos corpos que negam ou negligenciam a história que os corpos negros trazem, mas que neles são impostas e descarregadas cargas racistas e sexistas colonizadas, debruçadas sobre a cor que representa. Comentários como este e posturas como estas, evidenciam que corpos negros (julgados) devam ter lugares e espaços específicos para ser e estar – segregados e ‘com os seus’ – e que não deveriam ocupar outros não idealizados para eles, seus corpos e suas histórias. Padrões e normas comportamentais aplicadas às pessoas negras (em sua maioria pela branquitude), de maneira direta ou indiretamente inculcadas como normas sociais e de boas condutas.

E para arcabouço destas e de outras análises em sequência, lanço mãos às leituras e investigações em estudos de outros textos de Lélia Gonzalez como *Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira* e a coletânea *Primavera Para Rosas Negras*, de 2018, especialmente, para aquisição destas finalidades de suporte a este projeto (entre outros). As observações e concepções da autora sobre a nacionalidade brasileira fundamentada na identidade negra, suas colocações sobre as condições da mulher negra, no Brasil em especial, necessitam atenção e dedicação por se fazerem imperativas à esta análise. Para a autora, o racismo era uma construção ideológica com benefícios sociais e econômicos (GONZALEZ, 2018, p. 23), e ainda o é, em diversos setores e ambientes sociais de socialização e sociabilidade, interações. Marcas e heranças coloniais que geram ramificações

⁵⁵ O perfil não está mais em atividade na rede social *Instagram*, teve sua sessão (aparentemente) encerrada. O segundo caso em destaque que ganhou *hashtag* (“#”) de protestos aos comentários racistas, foi da publicação na foto da atriz e apresentadora Giovana Ewbank, sobre a adoção de sua filha mais velha, Titi. Referia-se ao fato da criança ser negra e não “loira de olhos azuis para combinar com os pais”, em seguida há comparação da criança a imagem animalizada, como racistas comumente o fazem.

e desdobramentos de ampla magnitude, de maneira interseccional, tratando-se de mulheres negras.

3.3 Pedagogias e artefatos culturais

Tendo processos educativos formais de referência na conjuntura tecnológica das relações, cabe refletir sobre quais percepções e segmentos são/estão sendo apreendidos a respeito de corpos e cultura negra. Sobre a história da formação social da cor no Brasil, sobre quais percepções estão e/ou são vinculados ou veiculados à negritude ou à exposição, publicação de corpos negros femininos(?).

Na perspectiva da agilidade e constante mudança, estamos utilizando ferramentas digitais para trabalhar, comer, nos locomover, comprar, entre tantas outras formas, inclusive de se relacionar. Mídias digitais são possibilidades de relacionamentos e conexões entre pessoas; e a chamada sociedade contemporânea tem cada vez mais aumentado suas possibilidades tecnológicas e modernizado suas formas de relacionamentos.

Pensando nesta sociedade altamente modernizada e na sua constante evolução tecnológica, ambientes virtuais têm ganhado espaços em relações e/ou relacionamentos virtuais. Aplicativos de relacionamentos têm conquistado números cada vez maior de cadastros e usuárias/os, ganhando fama, repercussão e visibilidade. Vemos também relacionamentos sérios acontecerem e casamentos serem anunciados depois de relações virtuais. Algumas/ns usuárias/os desses aplicativos tomam como 'profissões' e/ou ocupações com geração renda nas plataformas midiáticas.

Hoje tudo passa pelas tecnologias: a religião, a indústria, a ciência, a educação, entre outros campos da atividade humana, estão utilizando intensamente as redes de comunicação, a informação computadorizada e a humanidade está marcada pelos desafios políticos, econômicos e sociais decorrentes das tecnologias [...]. Os artistas oferecem situações sensíveis com tecnologias, pois percebem que as relações do homem com o mundo não são mais as mesmas depois que a revolução da informática e das comunicações nos coloca diante do numérico, da inteligência artificial, da realidade virtual, da robótica e de outros inventos que vêm irrompendo no cenário das últimas décadas do século XX (DOMINGUES, 199, p 17).

A autora Diana Domingues expõe sobre o quanto as tecnologias estão cada vez mais tomando conta em grandes proporções de atividades, espaços e ações das configurações sociais, ao que denomina de *revolução da informática*. Não obstante, criações tecnológicas que facilitem as comunicações e implementem as relações, como os aplicativos, vêm ganhando e conquistando cada vez mais espaço nos celulares e *smarthphones*.

A esse respeito Sandra dos Santos apresenta que “a conotação de “pedagogia cultural” engloba a educação e o ato mesmo de ensinar em um leque bastante amplo de áreas do social e do cultural. Áreas que incluem a escola, mas não se fixam nem se encerram nela, e que “o corpo é um construto social, cultural, político e historicamente construído” (ANDRADE, p.111).

Ambientes virtuais têm sido frequentes para processos de sociabilidades, interações e socializações, e esse processo de trocas e relacionamentos, são de grande importância para esta pesquisa. Os ambientes e as redes virtuais são espaços que permitem contatos diversos interpessoais (on-line), com intenções de relacionamentos amorosos ou não; mas que estão acessíveis para ver e ser visto – ou não totalmente. São possibilidades de exposições pessoais dinâmicas a que as/os usuárias/os estão suscetíveis diariamente. Apresentam-se como um universo de relações e conectividades híbridas que permitem experiências interligadas, ferramentas pedagógicas que podem ser utilizadas caso bem administrada. Mas que também podem causar prejuízos, caindo em exposições e preconceitos, racismos, julgamentos.

Processos de ambientações virtuais e sociabilidades a que faço referência nesta análise ainda me são caras, demandaram atenção de pesquisa e investigação, especialmente por tratar de processos e trajetórias pessoais. E também são constituintes de processos de formações sociais das/os usuárias/os que das redes fazem frequência de uso, constituindo fontes de relações e aprendizados, experiências individuais narradas pelas próprias colaboradoras.

Além de contar e identificar ambientes virtuais como espaços de socialização e sociabilidade em potencial crescimento, cabe salientar o quanto eles ainda podem ser reconhecidos como lugares onde transitam formas e proposições de ser e perceber, de pedagogias de corpos, comportamentos e

percepções de si e da/o outra/o (incluindo grupos sociais). Compõem pedagogias culturais e artefatos digitais em ambientes virtualizados e/ou cyberespaços onde circulam ‘conceitos’ e modelos (de corpos, processos e estilos de vida, alimentação, moda, negócios), como lugares de aprendizagens.

Indícios apontam ter sido a partir da aproximação entre Estudos Culturais e Educação que as análises inserindo a pedagogia dentro de uma rede de significações relacionada com cultura, política e poder encontraram embasamento teórico. Foi neste cenário que o conceito de pedagogias culturais surgiu como uma produtiva ferramenta teórica acionada para discutir a relação entre artefatos da cultura e processos educativos (COSTA e ANDRADE, 2015, p. 49).

Desta forma, entendo a educação como processo amplo e que se desenvolve nos mais diversos e diversificados espaços de socialização e interação, proporcionando possibilidades e métodos de aprendizagens e ensinamentos, tão logo se perceba ou não. Neste caminho, alcançar e reconhecer os processos pedagógicos de ensino-aprendizagem e de se fazer pedagogia estão muito além de salas de aulas, escolas e/ou modelos formais de ensino. Steinberg (1997) afirma a esse respeito que locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exerce, são processos, meios, lugares pedagógicos que ensinam sobre muitas questões que compõem o mundo e a vida (apud COSTA e ANDRADE, 2015, p.51).

Aqui destacadas e em análise de estudo, as mídias, os ambientes virtuais, aplicativos e as redes sociais de relacionamentos virtuais também assumem esta perspectiva conceitual de pedagogias culturais, complexos midiáticos pedagógicos em que circulam formas e posições sobre subjetividades. A pedagogia desses espaços virtualizados provoca movimentos, sensações e efeitos que fazem com que os corpos e as mentes das/os sujeitas/os realizem aprendizagens tanto em relação a si mesmos, quanto em relação aos outros e ao mundo (ELLSWORTH, 2005).

Uma ferramenta que permite mostrar quais e como outros espaços, para além da escola, produzem ações do sujeito, o subjetivam e o conduzem; um processo também entendido como educativo, mas cujos objetivos são distintos daqueles da educação promovida mediante o desenvolvimento de experiências curriculares na escola (COSTA e ANDRADE, 2015, p. 56).

Tomazzoni (2009) também destaca o quão produtivo pode ser o espaço midiático como dispositivo pedagógico, acionando pedagogias culturais com imenso potencial para formatar sujeitos e subjetividades (apud COSTA e ANDRADE, 2015, p.57). Bem como reproduzir conceitos, padrões e normas sociais, que seguem caracterizadas em comentários, ironias, e outras formas de se fazer recreativamente estigmas e/ou racismo, sexismo, a exemplo.

Compreendo este processo como recomposições pedagógicas que ocorrem pelo engajamento de diversas/os sujeitas/os em redes (sociais) e em aplicativos de interações. Praticando e fazendo pedagogia, posicionando-se e apresentando valores, opiniões e vontades em arranjos sociais e artefatos culturais de produção de dominação e subjugações.

Na perspectiva de pedagogias e processos educacionais (possibilidades de aprender e ensinar) temos como referências alguns mecanismos e práticas que vão além da sala de aula. Entre os quais, cito processos de repetições, educação formal de sala de aula; ensinamentos de povos tradicionais específicos de uma comunidade (quilombolas, ribeirinhas) que contribuem de forma significativa e objetiva para a formação do indivíduo. São processos que corroboram para além do material didático de sala de aula ou outros equipamentos pedagógicos escolares; são artefatos e possibilidades que também carregam configurações de aprendizado em mensagens, letras e canções, as quais estamos diariamente expostos.

E sob a perspectiva de processos múltiplos de educação, aponto ainda para a variedade de existência/ocorrência dela. Sob a influência crescente do uso e possibilidades digitais, reitero como artefato cultural e pedagógico, os ambientes virtuais de interações. Especialmente os aplicativos de relacionamentos afetivo-amorosos; agregados aos modos e sentidos que eles carregam, disseminam e compartilham mediante as/os usuárias/os que dele fazem parte. Nesse sentido, e sob o olhar de uma sociedade com acesso crescente à tecnologia, há de se considerar a frequente possibilidade de aprendizados.

Falando em configurações e representações, Stuart Hall, 2016, direciona nosso olhar para as imagens, objetos e outros mecanismos culturais dispostos e expostos cotidianamente e que funcionam como 'produtores' e formadores

pedagógicos. A ideia central do autor dos estudos sobre as representações pertence a um processo associativo de apreensão (processo de assimilação) à medida que nos permitem entender o funcionamento do mundo mediante identidades, valores e realidades.

Stuart Hall “tomou seu lugar na tradição dos estudos que analisam os efeitos da mídia nas sociedades e constitui o que chamou de política da imagem, os questionamentos e as disputas sobre o que as imagens representam” (2009, p. 5). Para as proposições do estudo aqui proposto, lanço mão às teorias sobre representações do autor como base para o reconhecimento e aspirações de entendimento sobre mensagens e significados contidos nas experiências de mulheres negras e no uso dos aplicativos e redes sociais sobre raça/racismo e gênero.

Os artefatos culturais são apontados por Joanalira Corpes Magalhães como a existência educativa nos mais variados espaços e produtos culturais (p.122, 2017). A autora problematiza a respeito de questões relacionadas ao gênero, a sexualidade e suas reproduções em meios e artefatos contemporâneos, cotidianos, culturais e de ampla difusão; e às pedagogias relacionais aos processos de subjetivações (produções de identidades).

Analisar proposições baseadas em artefatos culturais indica a ampliação do entendimento e reconhecimento de educação, e sobre o quanto vida-educação estão/são envolvidas e relacionadas. É interpretar sobre como nossos processos educativos envolvem além de processos formalizados de escola ou sala de aula, ao que conhecemos como educação formal.

O trabalho com artefatos culturais trata sobre a potência de outras configurações educacionais eficientes, e carregadas de significados e intencionalidades, que nos permitem processos pedagógicos. Principalmente quando trata de meios, ferramentas de domínio público, com alcance popular; há de se dedicar especial atenção. E ainda, quando envolve gerações, culturas e fortes influências sociais justamente pela carga significativa ideológica adicionadas; juventude e questões sociais (de gênero, sexualidade e/ou outras).

Para se falar em mecanismos e modos pedagógicos é necessário destacar a identidade dos sujeitos (da contemporaneidade). Sujeitos que fazem

parte e absorvem - ao mesmo tempo que produzem - essas possibilidades pedagógicas. Viviane Camozzato (2014) destaca que pedagogias se organizam e funcionam num processo de atualização e reconfiguração constantes. As pedagogias parecem atuar para forjar as/os sujeitas/os do presente (p. 573).

Sujeitas/os são formados pelo tempo que vivem, pertencentes e imbricados no processo pedagógico (que envolvem um conjunto de saberes e práticas em diversas possibilidades) do espaço que estão presentes. Estas/es sujeitas/os contam com auxílio de tecnologias e tendências informatizadas que podem contribuir para vida e atividades diárias. Desta forma, há de se considerar que as/os sujeitas/os do presente contam e utilizam ferramentas variadas em processos em que estão aprendendo-participando, a tomar como análise a constante evolução tecnológica e midiática contemporânea. Logo, penso e me refiro aqui aos aplicativos, ao acesso rápido à rede de internet, (tecnologia em sentido amplo); transformações sobre entendimentos e representações sobre pedagogias em articulações com as transformações culturais (CAMOZZATO, 2014, p. 575). E ainda

Creio que a pulsante cultura contemporânea precisa ser salientada como um importante instrumento de multiplicação dos nomes e lugares em que se ancoram as pedagogias; potente multiplicação dos modos de olhar e ser olhado, de falar e ser falado, implicando numa multiplicação mesma das diferenças (CAMOZZATO, 2014, p. 574).

Destaco, dessa forma, as potencialidades educativas em perspectivas e processos do cotidiano, das experiências diárias nas quais estamos em contato. Processos que envolvem aprendizagens e produção (ou reprodução) de conceitos, entendimentos e comportamentos; percebendo os processos pedagógicos de ensino aprendizagem e de educação para muito além de salas de aulas, escolas e/ou modelos formais de ensino.

A conectividade e a internet têm sido presentes em processos de sociabilidades, interações e socializações; são redes que possibilitam engajamentos virtuais e permitem contatos interpessoais diversos. Configuram espaços em que circulam conectividades híbridas que consentem experiências interligadas e ferramentas pedagógicas em potencial. São espaços onde

constantemente transitam jovens que, identificados e correlacionados, se percebem e reconhecem em gostos, trocas, percepções; em comunidade.

Nessa análise de pedagogias culturais, os aplicativos compõem, circulam, conquistam espaços, adeptos e educam (ou deseducam) (em) gerações, raça, corpos, gêneros e sexualidades. Não apenas os aplicativos têm grande relevância pedagógica, mas especialmente o que e quem circula por eles – com todos e tantos arcaísmos e experiências individuais que encontram tantas outras. Estão presentes representações de raça (usuárias negras), gênero (mulheres em ambientes de exposição, contrariamente ao que se tem pensado sobre o ‘papal’ da mulher – calma, quieta e dócil) e sexualidades (orientações sexuais diversas presentes). São corpos (negros e femininos) diferentes daqueles costumeiramente vistos (da ideia europeizada de beleza padrão) ocupando lugares de representatividade e destaque/escolha/seleção/exposição. São corpos negros desviados dos padrões sociais historicamente dispostos em novelas, filmes, clipes de destaque – *os brancos e esteticamente perfeitos* - que figuram variedades em raças, sexualidades, gêneros, corpos negros, altos, baixos, gordos.

Regulações implícitas (ou não) que são frequentemente mostradas (em outros artefatos como filmes e novelas, por exemplo) sobre quais corpos são aceitos, como e de que maneira devem ser. Sobre posturas e aceitações, especialmente ao universo feminino, que – via de regra – é quase sempre submetido às ditaduras de ser e se comportar. Configuram e representam pedagogias das sexualidades, dos corpos e de modos sociais sobre os gêneros (LOURO, 2001).

Assim, o entendimento de gênero, em medida histórica de análise, nos permite a percepção entre experiências e práticas das relações (e papéis) sexuais/sociais/históricos entre homens e mulheres, do passado para o presente. E, desta forma, estudos de gênero e artefatos possibilitam significados aos estudos e contextos de análise sobre o patriarcado – que tem o homem como centro e principal referência social/sexual – indo de encontro às teorias que o cercam. Que apresentam a mulher como objeto (não sujeito) em relação ao sujeito homem, organizador e ator principal.

Nesta percepção sobre gênero e pedagogias culturais, AMARAL, CASEIRA e MAGALHÃES inferem que

entendemos que as pedagogias culturais produzem sujeitos e interpelam a construção de suas identidades, uma vez que disseminam práticas e discursos que acarretam condutas. Assim, é importante pensarmos sobre as pedagogias culturais presentes nos mais variados artefatos culturais - as quais, conforme afirmamos, ensinam determinadas formas de ser e viver na atualidade (2017. p. 122).

Neste estudo ajuízo sobre as potencialidades de pesquisa à palma da mão e com alguns simples toques na tela para escolha; deslizando para direita ou esquerda, seja no ônibus, na rua, em casa ou em qualquer outro lugar. A presença/existência de aplicativos e das relações que acontecem neles está presente, fazendo história, criando conceitos, fortalecendo ideias, reproduzindo padrões ou quebrando existentes. Conferindo representatividade sobre corpos que estão sendo vistos e que ocupam cenas; com mulheres *negras* que podem e vão falar sobre si, suas experiências, suas vidas e expectativas.

Perceber gênero e contemporaneidade envolvidas e imbricadas nas diversas dimensões sociais (enquanto artefatos pedagógicos e culturais) de relacionamentos e práticas sociais nos permite a compreensão dos sentidos e críticas.

Os artefatos culturais não são produções “inocentes”, ou mesmo que se resumem apenas na comercialização de produtos ou informações. Eles também nos educam. Assim, é preciso ampliarmos o entendimento de educação para além dos muros da escola e compreender que não somos educados e educadas apenas nas instituições escolares, mas que os conteúdos que circulam nos artefatos culturais também nos ensinam maneiras de nos posicionarmos na sociedade, nas construções de entendimentos de si e dos outros sujeitos (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Há a necessidade de reconhecer pedagogia em diversos momentos, tempos, espaços e modos, em suas múltiplas representações, possibilidades e produções, transmitindo (e ecoando) sobre os sujeitos, culturas e realidades presentes; disseminando identidades. Diante do exposto, pensar em representações sociais e educação requer inferir que

Artefatos culturais, entendidos em seu caráter pedagógico, nos ensinam; e, ao fazer isso, eles produzem sujeitos de determinadas maneiras. Em outros termos, compreendemos que os artefatos, por meio de suas pedagogias culturais, produzem significados que

interpelam os sujeitos, pois neles propagam valores, costumes, verdades de uma sociedade (AMARAL, CASEIRA e MAGALHÃES. 2017. p. 126).

Percepções e apontamentos interrelacionados entre gênero e artefatos nos constituem sujeitos, compõem o que somos (e fomos e até quem pretendemos ser). Pertencem ao somatório de representações culturais das quais estamos envolvidos diariamente: músicas, filmes, programas de televisão, comerciais, propagandas, novelas, poemas, revistas, a lista é vasta.

A sociedade nos apresenta, pelos mais variados circuitos pedagógicos culturais cotidianos, como ser, o que falar, vestir e nos comportar; como locais pedagógicos (GOELLNER, 2007), com mensagens que nos fazem pensar, reproduzir, nada inocentes ou despropositados. Daí a urgência na contextualização acadêmica destes espaços midiáticos e relacionais/relacionados ao prazer, lazer e diversão; que são em absoluto e acima de tudo pedagógicos em essência.

Como, recordando de alguns resultados de pesquisa, foi apresentado e questionado por interlocutoras/es deste trabalho, colaboradoras/es que demonstraram algum estranhamento inicial quando eu apresentava a intenção de pesquisa: “É sério? Você está mesmo estudando..aqui?”. Ainda que entendendo perfeitamente o espanto já que se trata de redes exclusivas de ‘azaração’⁵⁶, e eu parecia atrapalhar o momento do *match*, procurando me estender o menor tempo possível e necessários; algumas/ns mantinham-se pela curiosidade. Especialmente as mulheres pela necessidade de falar sobre suas experiências ‘desastrosas’ (para começar dizendo o mínimo) e por sentirem-se a vontade com/por isso, claro que dentro do possível já que as situações não retratavam as mais belas; ao contrário. E também pelo fato de algumas parecerem, finalmente, aliviadas por estarem contando e ter quem as possa ouvir – um desabafo entre ‘irmãs’ pretas.

Esses espaços de ‘azaração’ e curtição, onde pessoas podem se conectar, conversar e conhecer umas as outras; e que recebem alguma carga negativa e pejorativa – incluindo as/os adeptas/os a ela - são lugares ricos de análise, estudo e pesquisa. São ambientes pedagógicos em que circulam

⁵⁶ Na falta de palavra melhor que descreva estes ambientes que nem sempre são ou estão exclusivos para sexo ou relações sexuais, mas que desempenham papel pontual no entendimento de *relações-entre-pessoas*.

entendimentos, percepções e concepções dos mais variados assuntos e questões sociais; e onde são/serão reproduzidas, praticadas e disseminadas. Mas também podem ser espaços pedagógicos educativos e de valor às percepções decoloniais da/o sujeita/o, das sexualidades e dos gêneros; depende especialmente de quem transita e desliza entre direita e esquerda.

Desta forma, e cada vez mais, ainda que tivesse começado de um jeito não muito eficiente ou receptivo, ia tento a certeza da escolha do lócus de desenvolvimento e aplicabilidade desta pesquisa. Não foi simples nem fácil, mas necessário e carregado de lições. A *todas* vocês, mulheres *negras* em especial, que me ajudaram, minha total gratidão!

Daqui em diante, então, começaremos a apreciar os resultados e as análises frutos da imersão de alguns meses nos ambientes virtuais e aplicativos em rede. Foram produções trabalhosas e intensas, que por vezes quase me fizeram deslizar para a esquerda – em linguagem dos aplicativos – para cancelar e recusar continuar essa missão. Entre *matches* e curtidas, compartilho os principais com vocês, mas não salvaram-se todos/as.

4. ENTRE *CRUSHES*, CURTIDAS OU *DISLIKES*: APLICATIVOS DE RELACIONAMENTOS COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO TEÓRICA? COMPARTILHANDO RESULTADOS E DISCUSSÕES.

Pergunta: Procura mais para relacionamentos pessoas de que tipo?

Acho que nenhuma é não desejável, a pessoa sendo uma pessoa bacana, pode rolar sim.

Andressa, autodeclarada negra/preta.

Pergunta: E quais seriam as características mais desejáveis para um match?

Branca, cabelo escuro, ter um papo legal.

Andressa, autodeclarada negra/preta.

Quando defini minha área e tema de pesquisa, me vi recapitulando e repassando experiências pessoais para este trabalho, que talvez, antes, não tivesse parado para pensar/analisar. Antes de todos esses anos, de todas as leituras e dos debates que participei não conseguia imaginar que muito do que vivia estava diretamente ligado às questões de raça e gênero, ao ser *mulher negra*. Tendo esse se tornado meu ponto de partida do estudo aqui

apresentado e em perspectiva decolonial, narrativas de *nós* mulheres negras quanto às situações diárias/cotidianas no uso de aplicativos e ambientes virtuais de relacionamentos.

Resolvi por destacar inicialmente este trecho de uma das entrevistadas, Andressa, por identificá-lo como significativo diante das análises que seguirão. No Brasil, especialmente, quando perguntado “você se considera ou você se acha racista?” a grande maioria das respostas tende ao negativo; no entanto, quando o questionamento muda para “você acha que existe racismo no Brasil?”, as respostas são esmagadoramente afirmativas. Se formos parar (ou tentar) entender, acaba sendo um raciocínio que não se completa (“se ninguém é racista, da onde vem o racismo?”); do mesmo modo quando Andressa diz que não há características desejáveis, *mas* que para escolhas amorosas, tem preferências por pessoas brancas e com características específicas ditas por ela.

Especialmente neste ponto teço algumas observações sobre os resultados que seguirão, muitos deles são apresentados por elas como preconceitos/discriminações recebidas, ao passo que também são praticados em certa medida. Há escolhas, desejos e aspectos físicos desejáveis e não desejáveis para escolhas afetivas, como altura (baixo/alto), peso (gordo/magro) e raça (preto/branco); questões posicionamentos políticos também apareceram entre os resultados.

As narrativas aqui compartilhadas mostram o quanto os resultados em foco são/estão constantemente presentes, especialmente em ambientes tecnológicos e virtuais de relacionamentos; que têm se tornado em medida lócus de interação e (múltiplas) sociabilidades. Resultados que apontam, por exemplo, motivos de algumas mulheres negras não se sentirem a vontade no uso dos referidos artefatos midiáticos ou mesmo do cancelamento e apagamento deles; como revelou o F1. Quando perguntado o motivo pelo qual àquelas mulheres não utilizarem os serviços de relacionamentos virtuais:

Pergunta: Caso negativo, poderia dizer alguns motivos para você não utilizar aplicativos de relacionamentos?

Já me relacionei com pessoas que conheci nas redes, mas nunca fui levada à sério.

Úrsula e Raquel, mulheres autodeclaradas negras/pretas.

Deixei de utilizar redes sociais por não me sentir a vontade nelas, não poder ser eu mesma, sem que alguém se achasse no direito de opinar sobre a minha vida ou minha maneira de ser.

Wanda, autodeclarada negra/parda.

O formulário F1, a época, ainda não especificava totalmente meu público de pesquisa em raça e gênero, e ficou aberto a todas identidades raciais - pessoas brancas e negras; tanto quanto sexualidade, cis/não-binário/mulher ou homem trans/gay/lésbica. Ele apontou, em linhas gerais, que grande parte de mulheres – brancas – não havia sentido, percebido ou experienciado algum tipo de discriminação ou preconceito nos aplicativos ou redes sociais. Enquanto outra parcela, que confirmou experiências discriminatórias, apontaram ser relacionadas ao gênero ('ser mulher') ou estético (corpo, peso, atributos físicos). Já as respondentes que se autodeclararam negras (pretas ou pardas), expuseram discriminações e preconceitos nestas mesmas esferas, além da racial, política e sexual. Disto, infere-se então a perspectiva interseccional aqui proposta, pelos atravessamentos a que mulheres negras estão, destacadamente, sujeitadas.

A depender do tom da pele, do seu exercício e posicionamento político, suas crenças e estado civil – ou da junção de tudo isso - a mulher negra terá um julgamento e reposicionamento social. Seja por questões afetivas/amorosas – sobre escolher ou ser escolhida para relacionamentos, ou por sua presença nos espaços sociais. São estruturas e compreensões fixadas no imaginário social sobre identidades (raciais e sociais), de ser e pertencer, que ditam quem ou onde sujeitas/os devem estar ou quais espaços podem ser ocupados.

Pessoas brancas, em esmagadora maioria, não sofrem preconceitos ou problemas relativos à identidade racial. Pessoas brancas passam por situações pontuais apontadas nas repostas por discriminações relativas ao *padrão* estético aplicado aos corpos (peso, altura, corpos). Logo, ser branca/o – estudos sobre a *branquitude* – tem muito mais relação direta também com posição social, espaço e representação (sociocultural e espacial); para além do entendimento pele, cor de pele, traços estéticos.

Os entendimentos sobre branquitude também repousam na discussão sobre estruturas sociais de poder, especialmente no trato sobre as

desigualdades raciais estabelecidas (SHUCKMAN, p. 61), com referências às questões sobre privilégios/naturalizações e discriminação/preconceito, e seus efeitos.

A observação destes resultados e suas análises permitiram-me traçar as estratégias para elaboração do F2, delimitando, então, meu público de pesquisa com as mulheres negras. Neste ponto, ressalto ainda o destaque de algumas das entrevistadas sobre a ausência de pessoas negras nestes espaços virtualizados. Mantendo também alguma apresentação quanto à solidão da mulher negra, em destaque, no que se pensa sobre relacionamentos amorosos. Há uma solidão sobre relações e escolhas de mulheres negras em espaços virtualizados e/ou presenciais, onde corpos específicos ainda são preferidos para este fim: os esteticamente desenhados/curvilíneos, brancos e mais próximos do perfil europeizado possível.

Apesar das distinções acadêmicas separarem os marcadores de raça, classe e gênero em categorias isoladas, sabemos que a experiência de qualquer sujeito no mundo não é vivida fragmentariamente. E, considerados em conjunto, os marcadores do corpo como raça e gênero agem uns sobre os outros de maneiras diferentes, por isso “as masculinidades e feminilidades brancas e negras não são construídas como simples pares binários” (Ware, 2004, p. 285); elas operam em relações sistêmicas e assimétricas umas com as outras. (in SHUCKMAN, 2020. p. 82).

Pelo apresentado e baseado na coleta de dados e na diagramação dos resultados da trilha metodológica foi possível elencar, com destaque, três principais referências dispostas e definidas na última coluna do quadro abaixo. Estas referências serão utilizadas como categorias analíticas centrais de apreciação e discussão dos resultados de dados aqui pesquisados e surgiram face a 3 blocos de perguntas e problemas fundantes que me guiaram ao longo destes meses de pesquisa.

Quadro 2: Questões de pesquisa e categorias de análises

QUESTÕES CENTRAIS DE INVESTIGAÇÃO		REFERÊNCIAS ANALÍTICAS
PERGUNTAS	RESPOSTAS	
Sofreu/sofre mais preconceito ou discriminação em aplicativos ou redes sociais de pessoas	Branças	Presença marcante de corpos que refletem o desejo daqueles (em maioria) que procuram: corpos <i>não</i> marcados, não ou pouco racializados, ao menos para relacionamentos mais “sérios”.
Procura mais para relacionamentos pessoas	Negras	
Principais tipos de preconceitos/discriminações vivenciadas	Racial (sexual, política) Estética Gênero	Corpos negros femininos preteridos
Quais seriam as características físicas ou estéticas mais desejáveis para um 'match'?	Estética (peso, altura, e outras características físicas)	
Existem características físicas, estéticas, cor da pele que mais agrada na escolha dos perfis?	Racial (brancos, especialmente)	
Pensando no contrário, existem características não desejáveis? Caso sim, quais seriam elas?	Posicionamento político	
Já sofreu qual tipo de preconceito ou discriminação em conversas nos aplicativos ou nas redes sociais?	Estética Racial Sexual Política	Corpos negros femininos hipersexualizados e requeridos especificamente para fim sexual.
Outros relatos	Racistas Hipersexualização	
Algo mais	Aprendizados e opiniões	

Estudo de campo 2020/2021/2022

A compilação dos dados em forma de quadro surgiu como utilidade prática e pedagógica de demonstração geral das questões norteadoras deste trabalho, tanto quanto dos resultados que elas alcançaram. Foram condicionados as principais fontes e os principais resultados de todo processo metodológico de alguns meses de intenso trabalho de campo, o que não foi

tarefa fácil. Alguns dados, não relacionados diretamente a este estudo, mas com grande relevância analítica ficaram de fora à espera de outras produções científicas (que virão).

Todas as referências (coluna três, quadro 2) serão apresentadas e debatidas individualmente na sequência abaixo, com relevante destaque às falas das colaboradoras nesta pesquisa, recortes de matérias com relação direta às temáticas e as demais ferramentas metodológicas apresentadas no capítulo específico.

4.1. PRESENÇA MARCANTE DE CORPOS QUE REFLETEM O DESEJO DAQUELES (EM MAIORIA) QUE PROCURAM: CORPOS NÃO MARCADOS, NÃO OU POUCO RACIALIZADOS, AO MENOS PARA RELACIONAMENTOS MAIS “SÉRIOS”

Pergunta: Você se sente a vontade postando fotos pessoais em redes sociais ou aplicativos de relacionamentos?

Mais ou menos, eu ainda sou muito insegura, tipo, será que eu realmente tô bonita nessa foto? Eu também não gosto muito do meu corpo, então eu evito postar fotos de corpo inteiro”.

Vanessa, autodeclarada negra/preta.

Sim, desde que eu não me amostre tanto, pra mim tá ótimo”.

Valéria, autodeclarada negra/preta.

Raramente posto. NÃO me sinto a vontade de expor.

Jéssica, autodeclarada negra/preta.

Essa categoria apresenta um debate a respeito da preferência maciça e quase esmagadora de corpos no estilo europeu: brancos, loiros, com olhos e cabelos *claros*. Trago uma abordagem sobre o entendimento das identidades raciais (branca e negra), com especial destaque à noção de branquitude e seus privilégios.

Para isso destaco a fala de três entrevistadas que apontaram incomodo quanto à publicação de fotos e/ou imagens pessoais, especialmente dos seus corpos. Tanto nas redes sociais quanto em ambientes virtuais de relacionamentos, especialmente nestes últimos em que somos (digo em primeira pessoa por também ter sido usuária, o que gerou o desenvolvimento deste trabalho) analisadas e avaliadas visualmente, pela aparência e fotos;

possibilitando o resultado da escolha. A aparência, as fotos, os corpos são e estão constantemente em observação e comparação, e o processo racial atrelado e aliado a eles também.

Padrões sociais (pré) estabelecidos histórica e culturalmente têm se reproduzido e vem persistindo ao longo dos tempos e dos processos tecnológicos. Traços estéticos, finos, marcadamente brancos e europeizados tem cada vez mais tomado conta de espaços públicos e de exposição; beleza e padrão; especialmente do branco tem sido expresso e exposto.

Lia Vainer Schucman, em *Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*, de 2020, discorre sobre as perspectivas sobre estética, privilégio e reconhecimento pela branquitude.

A partir da análise sobre as relações de poder hierarquizante exercidas através da percepção dos fenótipos, é possível constatar que, mesmo que um sujeito se torne consciente da ideologia racista e a partir disso lute contra ela, no seu corpo estão inscritos significados racializantes, ou seja, o corpo está imerso em um campo de significados construído por uma ideologia racista. Portanto, ao ser percebido socialmente, esse corpo emerge do campo ideológico marcado, investido e fabricado por significados inscritos na sua própria corporeidade, uma heterogeneidade que corresponde a uma escala de valores raciais segundo a qual o corpo branco, ou melhor, alguns sinais/marcas físicas atribuídos à branquitude, balizam uma hierarquia, na qual alguns brancos conseguem ter mais status e valor do que outros (p. 81).

Estes significados que propõe Schucman ‘acompanham’ nossos corpos negros por todos lugares, circunscrevendo a ideologia do imaginário racista e sexista em que estamos estruturalmente imersas. Nesta perspectiva, proponho uma pequena reflexão sobre o caso de Sara Baartman⁵⁷ que teve seu corpo, suas curvas e sua vida totalmente modificadas em função de não apresentar os padrões estéticos da época. Ela foi levada de sua cidade (seu país) na promessa de trabalho para a capital francesa, mas acabou virando atração de circo em função de seu corpo e de suas avantajadas nádegas.

⁵⁷ Saartjie Baartman, de 1789 – Rio Gamtoos/África do Sul a 29 de dezembro de 1815 – Paris/França. Mulher negra africana na Europa do século XIX que ganhou fama como “Vênus Hotentote”, incluindo filme “Vênus Negra”, pelas aparições nos eventos da elite como “aberração”. Indico alguns links para maiores informações a respeito da história desta mulher que por séculos foi exibida de maneira animalasca em exposições: (305) A HISTÓRIA DO PECADO VÊNUS NEGRA - YouTube; (305) Vênus Negra - Filme de parada obrigatória - YouTube; (305) VÊNUS NEGRA ANÁLISE E RESUMO - YouTube.

Sara Baartman teve seu corpo estudado, exposto, analisado e ‘desmembrado’ para observações e entretenimento por destoar da “brancura” da época, e dos corpos de outras mulheres; por não ser ou não seguir o “padrão”, branco e europeu. O corpo de Sara tinha curvas e formas diferentes das que transitavam na Europa; e vinda da África, mulher negra, curvas acentuadas e uma condição de saúde que a fazia ter nádegas com grande quantidade de gordura, foi tornada atração para o povo branco.

Imagens 7: Reproduções e gravuras europeias sobre Sara Baartman



Fonte: Google. Acessado em 25/11/2022



Fonte: Google. Acessado em 25/11/2022

Assim, podemos inferir o quanto estar nas redes sociais ou mesmo postar fotos em aplicativos de relacionamentos possa causar os desconfortos apresentados por Vanessa, Valéria e Jéssica, relatos iniciais deste tópico. E ainda, como uma das colaboradoras que faz uso apenas de uma rede social, alegou não se incomodar com comentários relativos à sua aparência, e que tem bastante e absoluto cuidado com a ‘seleção’ das imagens que ‘entrega às redes’. É relevante apresentar, ainda que de maneira simples, alguma descrição física desta entrevistada que possui cabelos lisos (naturais), longos e pretos. Relatou não ter sofrido algum tipo de preconceito ou racismo em suas publicações, ou não os considerou como tais. Mas ao longo de algumas histórias que ela descrevia em situações do cotidiano alguns pontos foram apresentados como problemáticas em funções da cor, da raça.

São traços que se aproximam do ideal de branquitude esperado ou desejado, traços estes que nos afastam – enquanto pessoas negras – e de maneira nada inocente de algumas formas racistas sobre estética, ser, poder e pertencer. Permitindo-nos ou não transitar e figurar em determinados espaços com mais ou menos ‘liberdade’ ou ‘privacidade’, ou oposto se nos expõe ou impõe a negritude que nos corpos está inscrita.

À essa questão, Alessandra Devulsky nos apresenta no livro pertencente à coleção *Feminismos Plurais*⁵⁸, um debate sobre *Colorismo*⁵⁹ (2021) que muito dialogam com estas análises. A autora discorre sobre a questão do racismo e a estrutura social vinculada a ele mediante os entendimentos sobre tons de pele, ‘cor’ e as variações da negritude em cada pessoa; conferindo assim processos diferenciados de discriminações e/ou preconceitos.

Nas palavras da referida autora “o colorismo surge como um quadro identitário racial e político que plasma os sujeitos em um arquétipo predefinido” (DEVULSKY, 2021, p. 17). Como se já não bastasse o próprio racismo e ideologia sobre raças e identidade racial causar a distinção social (e política), entre pessoas negras e brancas; conferindo a ‘cada grupo’ importância, valores e definições hierárquicas. Ainda vem, dentro do próprio racismo, mas entre as pessoas negras, uma espécie de ‘atribuição’ escalonada definida pela tonalidade da pele (negros de pele clara a negros de pele escura) sobre habilidades e tendências e às repercussões na sociedade.

O colorismo como (mais) uma estratégia do racismo que estrutura a sociedade e que aponta uma hierarquização entre pessoas negras baseada no fenótipo e na idealização do ‘ser’. Alinha-se a uma medida de opressão racial (de brancos para negros/pretos) na tentativa de diluir e enfraquecer a resistência do povo negro⁶⁰.

Quanto mais próximo à escala da negritude – negros de pele escura – maior a ‘inabilidade’, a tendência ao desprestígio, ao racismo exacerbado e às exclusões que sociais, políticas derivadas disto. Quanto mais traços negróides identificados (cabelo, tom da pele, nariz) diretamente proporcional será a distorção social, o racismo. Abaixo, para ilustrar a questão, uma postagem em

⁵⁸ Organizado pela filósofa Djamila Ribeiro, ano de 2019, com vários temas relativos à educação e relação racial sob a perspectiva da pluralidade do entendimento dos feminismos.

⁵⁹ Com livro de mesmo nome que compõe a coleção organizada e estruturada pela filósofa Djamila Ribeiro, a partir do ano de 2019; Alessandra Devulsky apresenta interessantes pontos críticos de análises a respeito do pensar sobre negritude no Brasil, desde o período colonial. Aborda sobre a classificação social de seres humanos partindo de um processo visual sobre a tonalidade da pele clara ou escura dada pelo colorismo.

⁶⁰ Para ilustrar esse conceito, a autora Alessandra Devulsky (2020) faz uma importante referência à carta escrita por Willie Lynch aos senhores de escravo, apontada como marco inicial dos entendimentos sobre o conceito de colorismo. O senhor de escravos Willy Lynch apresenta a outros senhores estratégias para ‘controle’ da ‘rebeldia’ dos cativos, que são utilizadas por ele em suas terras e mantém sob controle a população escravizada; dentre elas, instrumentos psíquicos sobre os ‘tons’ de cor de pele. A carta está na íntegra nos anexos, ao final do texto.

rede social rebatida e defendida por uma usuária e que demonstra como circulam ou podem circular nos ambientes virtuais.

Imagem 8: Publicação de cunho racista e posicionamento contrário de uma seguidora



Fonte: Rede social Instagram

Alessandra aponta esta como uma estratégia de branqueamento e fissura dentro da própria população negra; já que, em contra partida, quanto mais próximo à escala da pele clara e traços que conferem menos aspectos da negritude, maior a probabilidade de ‘aceitação’ ou menor de rejeição.

Uma espécie de competição entre pessoas de pele clara e de pele escura foi estimulada pelos proprietários de escravos e, posteriormente, mesmo após a abolição, com a persistência de certas vantagens vivenciadas por negros oriundos da mestiçagem, ela perseverou. Adentrando no seio das famílias, a introjeção do colorismo no modo como negros se relacionam trouxe efeitos deletérios no campo político e afetivo de sujeitos racializados (DEVULSKY, 2021, p. 19).

É bom que se destaque, como também aponta Devulsky, que o colorismo opera de modo diferenciado com base no gênero; homens e mulheres sofrem de maneiras distintas as desigualdades resultantes deste processo.

Nesta perspectiva, e baseada em outros materiais de consulta, dois textos – reportagens e/ou artigos em páginas de acessos – trazem uma visão interessante a esse respeito. Ambos tratam sobre a diferenciação do uso dos aplicativos de relacionamentos e o quanto eles são/podem ser segregadores

especialmente às pessoas negras/pretas (e fora de padrões estéticos e físicos). O primeiro, intitulado “**Não é para todos?** Como aplicativos de relacionamentos podem ser excludentes para pessoas negras”⁶¹, escrito pela página *Alma Preta* que aborda sobre assuntos específicos à negritude e traz em seu conteúdo as perspectivas dos relacionamentos e de um possível racismo algorítmico. É sobre o uso da tecnologia que parece estar em desfavor de processos de identidades raciais; sobre ter de se refazer e modificar para encaixar, ou suprimir à solidão da espera do *match*. Solidão essa configurada pela escolha e seleção de perfis/pessoas/usuárias/os a que as mulheres negras são submetidas dentro dos aplicativos, mas de retorno (*match*) que nunca vem.

Ao longo de algumas entrevistas este ponto foi levantado, e até para mim pareceu um ponto de ‘não-análise’, já que, se não há *match-crush* ou conversa – tema central deste trabalho – então não há dado de análise. Muito pelo contrário, ao longo de algumas conversas e de muitas coletas de dados pude reconhecer aquilo que chamei de ‘não dado’ como ‘dado em potencial’, já que “não ter resposta (*match*) também era resposta”. É uma resposta que aponta para uma solidão algorítmica, especialmente que envolve raça e identidade racial negra. As mulheres negras ficam ‘no aguardo’ de uma resposta e um ‘retorno’ que não chega e começam a refletir sobre isso ou sobre o que isso representaria; ao passo que em contato ou partilha com outras mulheres não-negras isso não se apresenta da mesma forma.

No segundo, intitulado “**A carne mais nobre do Tinder é a carne branca**”⁶², fruto de uma série de produções periódicas em parceria livre e conjunta no sul do país; já entrega em seu título o objetivo do entendimento. A escritora narra o quanto a preferência para escolhas em relacionamentos está pautada na cor da pele, e a branca é a escolhida. O título sugere ainda uma controvérsia com a música de Elza Soares ao dizer que “*a carne mais barata do mercado é a carne negra*”⁶³.

⁶¹ Link de acesso ao conteúdo completo e na íntegra: Não é para todos? como os aplicativos de relacionamento podem ser excludentes para pessoas negras (almapreta.com).

⁶² Link de acesso ao conteúdo completo e na íntegra: A carne mais nobre do Tinder é a carne branca – CAOS FILOSÓFICO (caosfilosofico.com).

⁶³ Letra disponível na íntegra nos anexos.

O conteúdo narra a conversa entre amigas usuárias de aplicativos de relacionamentos, de maneira casual, sobre suas experiências e escolhas neste ambiente. Quando uma delas acaba de “dar *match*” com uma de suas escolhas e, feliz, apresenta às amigas presentes a foto do rapaz: um rapaz negro. Disto uma das amigas exclama que ‘bom mesmo, carne nobre para escolhas e parcerias’ é a carne branca e então mostra suas opções de encontros com outros homens brancos. Ao menos nesta situação é percebido o rastro do racismo deixado pelo comentário e apontamento de quem fala e pelas demais presentes. A palavra “*nobre*” carrega uma série de especificações e conotações que são atribuídas à uma identidade racial – branca – em detrimento à outra – negra.

Os textos assinalam a preferência por escolhas/pessoas brancas e desejos afetivos racialmente padronizados nos aplicativos de relacionamentos. Sobre o quanto a/s tecnologia/s pode/m influenciar positiva ou negativamente (n)as relações sociais. São aspectos a se pensar sobre o quanto elas servem e são projetadas para aproximar, diminuir barreiras e cria acessos, vínculos, e acabam por proporcionar e reproduzir de uma forma ainda mais meditada, anonimamente ou não, desestruturas, estigmas e preconceitos historicamente estabelecidos. Podendo sim agir como ferramentas de propagação destes desentendimentos sociais a respeito, por exemplo, da questão racial. Sobre esta questão, ainda, há por exemplo algumas pesquisas a respeito da influência dos algoritmos e da programação do sistema que configura este processo de escolhas virtuais.

Gostaria de finalizar a análise desta categoria, com uma das entrevistadas que participou via aplicativo de relacionamento, enquanto eu ainda navegava por ele. Ela pareceu um tanto sem jeito/incomodada por confessar o fato de apenas relaciona-se com pessoas brancas (mesmo ela se autodeclarando negra/preta), ainda que a preferência seja pessoas negras. Mas o que mais me chamou atenção foi o fato dela relatar o tanto que isso a deixava mal, e por este motivo, havia sido motivo de consulta à terapia. Isso mostra que são percepções e entendimentos de saúde da população negra que está também em curso; saúde física, mental e psíquica; diretamente relacionadas com nossas vidas e atividades diárias, exercendo grande impacto.

Essa questão me mostrou o quanto os aplicativos nem sempre podem ser ou exercer a habilidade de diversão, entretenimento e interação, mas ao contrário, podem sim servir para piorar ainda mais a solidão da população negra que não encontra do outro lado da tela outras pessoas negras para relacionar-se. Afetando sua vida emocional, psíquica e suas possibilidades de relacionamentos e credibilidade tecnológica.

A escassa presença de pessoas negras nos ambientes virtuais de relacionamentos também apareceu entre as falas das colaboradoras, destacando que a criação de possíveis aplicativos específicos a esta identidade racial seria uma forma de atender algumas lacunas. Na fala de Samy, 31 anos, autodeclarada negra/preta, sobre a “falta de pessoas negras nos apps de relacionamentos tipo *Tinder*, etc; já pensei em criar aplicativo para pessoas negras, também fato de homens negros preferirem mulheres não – negras”.

Essa perspectiva racial e social, tem ainda, norteado as relações políticas, implicando em maneiras de ser, viver e poder seguir representando e ‘assumindo’ identidades. Refiro-me às questões de posicionamentos políticos que nós, pessoas negras, podemos ter nos mais variados espaços.

4. 2. CORPOS NEGROS FEMININOS PRETERIDOS (quanto mais negros e mais retintos e fora do ‘padrão’ estético)

Diretamente relacionada e interligada com a categoria descrita anteriormente, a preterição de corpos negros femininos tem relação com a análise dos corpos negros femininos que não *correspondem ao padrão* físico-estético. Corpos reproduzidos constantemente em meios públicos midiáticos e outros artefatos culturais (televisão, novelas, filmes) – corpos magros e sarados. E com o circuito que o colorismo impõe.

Podemos, então, pensar que, em uma sociedade como a brasileira, na qual a ideologia racista e sexista perpassa todos os campos, exigindo das mulheres flexibilidade e adequação aos padrões estéticos da branquitude, como cabelos lisos e traços afinados, ser branca pode aparecer como um valor mais desejado para as mulheres, já que, de antemão, na hierarquia de gênero, estas são mais vulneráveis (SHUCMAN, 2000, p. 162).

Ademais, na contrapartida desta questão, estar, pertencer ou demonstrar visivelmente os sinais da negritude (negra/os de pele escura e cabelos afro) podem ser sujeitadas/os ao ‘descarte’ na rodada de baralho do amor virtual. Muito mais quando estas questões estão/são apresentadas de formas interseccionalizadas: mulheres negras retintas, gordas e cabelo *black power*, por exemplo.

A fala de Lia Shucman remete às questões sociais que mais têm sido fator de cobrança às mulheres, em destaque; frequentemente vigiados, nossos corpos, nosso físico estético e nossa aparência estão constante vigilância. Apreciadas na revista, nos filmes e em outras formas midiáticas de uma exposição padronizada a seguir. O ano de 2022, especialmente, mostrou isso pelo bombardeio de notícias e propagandas sobre um procedimento cirúrgico/estético realizado por mulheres/figuras públicas famosas (“blogueiras”): a *Lipoaspiração de Alta Definição*⁶⁴. Procedimento que contava com várias mulheres públicas e com alto número de seguidores⁶⁵ fazendo propagandas para marcas, clínicas e profissionais. Isso gerava cada vez mais outras interessadas em a criação de um modelo padrão de beleza: barrigas definidas, altamente torneadas, símbolos do desejo, da perfeição.

Entre as estatísticas desses acontecimentos, cabe ressaltar que, em grande maioria, essas mulheres eram brancas, classe média (alta), cabelos lisos e claros, e já frequentantes de academias, clínicas estéticas. O que favorecia o resultado dos procedimentos em grande escala; mas o que ficou disso é justamente a criação de outro modelo estético a ser alcançado para algumas, e inalcançável para a maioria.

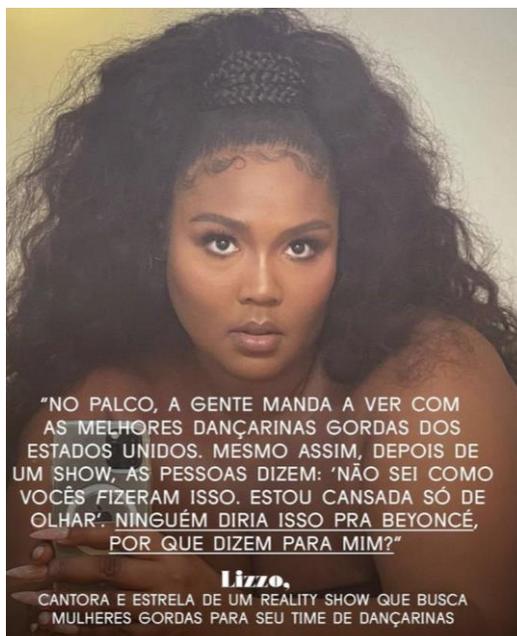
Os procedimentos estéticos não são novidades entre as rodas de conversas e debates sobre gênero, beleza ou outras temáticas, mas eles sempre criam essa instabilidade e insegurança sobre ‘encaixar-se’ na moda. Seleciona corpos que estarão dentro destes padrões e descarta e expõe os

⁶⁴Procedimento cirúrgico que realiza, como próprio nome sugere, uma alta definição muscular abdominal. Remove o excesso de gordura, modela e confere destaque aos músculos abdominais, atuando em uma camada mais superficial do corpo. Veja mais em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/27/lipo-de-lad-conheca-a-cirurgia-que-promete-definicao-muscular-em-um-mes.htm?cmpid=copiaecola>.

⁶⁵Nomenclatura para pessoas que acompanham outras pessoas públicas em redes sociais, uma espécie de fã.

que a eles não têm direito: em grande maioria corpos negros, corpos gordos ou/e corpos negros e gordos.

Imagem 9: Fotos e publicações de páginas em redes sociais



Fonte: rede social pública. Acesso 2022

Jojo Todynho rebate críticas após expor plano de engravidar: "Sou gostosa"



Fonte: rede social pública. Acesso 2022

Ambas as reportagens/matérias foram destaque em páginas de redes sociais que discutem as questões apresentadas acima. Redes com grande

prestígio e quantidade de seguidores⁶⁶ que abordam questões sociais como feminismo, sexismo, racismo e acabam por propiciar algum debate mediante os comentários que seguem abaixo das publicações; tanto positivos quanto negativos.

Entre as questões, esteve uma declaração da cantora Jojo Maronttini (foto abaixo) que, casada recentemente (março de 2022), precisou rebater críticas ao seu corpo por ter mencionado a vontade de engravidar. Já em meados do mês de novembro, a mesma cantora precisou novamente pronunciar-se por questões relativas à sua vida pessoal, entre elas pelo fato de um processo de emagrecimento que vislumbrava e que “isso tiraria a sua graça”⁶⁷. Um convite à reflexão nesses pontos pois é relevante percebermos o quantos os corpos de mulheres negras estão frequentemente em comparação, vigilância e com necessidade de explicação sobre suas ações.

Por que uma mulher negra e gorda precisa explicar/reafirmar que é bonita? E que pode e quer ter filhas/os? Afinal, não é isso que a sociedade impõe ao corpo feminino: tenha bebês? É necessário que pensemos e debatamos a respeito, e este foi apenas um entre tantos outros exemplos que remontam a estrutura social e histórico-política na qual mulheres negras, gordas, pobres, lésbicas, baixas, altas e inúmeras outras interseccionalidades estão inseridas.

Até aqui conversamos sobre as disposições de corpo, estética, estruturas físicas de mulheres negras; precisamos incluir agora as perspectivas sobre colorismo e a ‘escala’ que julga mais fervorosamente pessoas negras. Refiro-me especificamente às mulheres negras nas análises que aqui a presento, já tendo apresentado que essa estrutura comparativa age de maneira desigual entre homens e mulheres.

Quando falamos em negras de peles claras ou negras de peles escuras muitas referências tendem a seguir caminhos distintos, pois os pontos que estão em cada extremo são contrários: preto e branco. E isso definirá como cada pessoa será tratada socialmente; às negras de peles claras – mais

⁶⁶ Hoje em dia, com o exponencial crescimento tecnológico e midiático, a importância de muitas questões, matérias e assuntos passa a ser ‘medida’ pela régua da quantidade de seguidores que ela tem. Quanto mais, melhor.

⁶⁷ Link de acesso à matéria completa: Jojo Todynho rebate críticas de que vai "perder a graça" após bariátrica (msn.com).

próximas à escala da branquitude – mais poderá ser ‘liberado’, ou menos ela deverá padecer por apresentar traços do padrão estético aceitável. Cabelos menos afro, conseqüentemente mais lisos e menos armados; menos ‘negras’ e mais claras; nariz e rosto mais afinados são alguns destes traços que podem proporcionar alguma expectativa.

Quando existe rejeição, negra feia é a primeira ofensa.
Estela, autodeclarada negra/preta.

Simplesmente por ser uma mulher negra, não agradou me conhecer, portanto, foi identificado um ato de racismo.
Maia, autodeclarada negra/preta

Quando a escala tende para o extremo da negritude – do preto – das negras de peles escuras, o cenário distorce, as coisas pioram e os tratamentos são desumanos e de desprestígio. Tudo remetendo aos traços dos marcados pelo entendimento da *raça* – vinculada essencialmente no período colonial à negritude, às pessoas de cor – e conseqüentemente do racismo. Como comparações à animais, ridicularização, não-respostas (solidão), entre outras.

Observemos abaixo algumas falas de Estela, Maia, Teresa, Bia, Carmem e Bella sobre este ponto de preterição diretamente relacionado à escala do colorismo:

A partir da foto a pessoa bloqueou.
Bia, autodeclarada negra/preta.

Em uma conversa a pessoa se atravessa na minha postagem e coloca que não poderia esperar nada melhor vindo logo de uma, e negra.
Teresa, autodeclarada negra/preta.

Estava conversando com um cara na hora que viu uma foto minha de corpo todo falou que além de preta ainda era gorda, (no meu perfil do tinder está falando tudo isso).
Carmem, autodeclarada negra/preta.

Uma pessoa comentou na minha foto que meu cabelo, quando preso, me deixa com cara de "neguinha pobre".
Bela, autodeclarada negra/preta.

As frases e depoimentos das colaboradoras evidenciam as percepções que o colorismo faz, especialmente por observamos que a maioria das respondentes se autodeclara negra/preta – fazendo parte da escala que se está mais perto da negritude, e que por ela sofrerá. Nas palavras de Alessandra Devulsky “é a quantidade de melanina na epiderme de um homem ou de uma mulher, na maior parte das vezes, o que ressalta de modo mais arguto qual será o local predeterminado na economia dos afetos e na distribuição das riquezas” (2021, p. 49).

A preterição de algumas mulheres negras está estampada nos corpos (estética), na quantidade de melanina que ele expõe ou nas marcas que carrega (cabelos, físico), no comportamento que ele tem; ou mesmo na junção de todos estes aspectos. Comportamentos e expressões políticas que acompanham nossos corpos e nossas vidas por onde quer que sigamos, que nos exige posicionamentos, nos faz ter de explicar outros comportamentos especialmente sobre racismo ou pelo fato da existência, sem reducionismo, mas, de maneira simples.

É necessário entender que nossos corpos consistem em atos políticos, objetivamente e por tudo que representamos; e mais ainda por expressar muitos aspectos sociais, históricos e culturais que estão estruturados e arraigados há séculos. Que faz e torna a sociedade ainda mais racista, nos meios presenciais ou fora deles, nas salas de aula, corredores ou em aplicativos de relacionamentos e redes sociais. Dida, Luma e Lola lembraram questões sobre este cenário:

Sofri críticas porque defendi as cotas raciais.

Dida, autodeclarada negra/parda

O aplicativo deixa um espaço para que possa escrever quais são as lutas sociais ou posicionamentos que você defende...logo, fui criticada ao expressar minha escolha. Fui ofendida.

Luma, autodeclarada negra/preta

Pessoa publicou em um grupo de whatsapp a foto de um chimpanzé perguntando se não seria o Ronaldinho falsificado. Outra publicou "Quem apoia a destinação das verbas do carnaval para educação".

Lola, autodeclarada negra/parda

Dentro da 'escala' de entendimento sobre como o colorismo opera estão as questões de preterição de alguns corpos em função das apresentações sobre corpos/raça, e na sequência deste subtópico, apresento uma outra perspectiva: a da hiperssexualização dos corpos. Em se tratando desta análise, alguns corpos dentro da escala podem ou não "servir", e para quais fins deste serviço é o propósito da 'avaliação' dos corpos: uns para serem usados e outros descartados. Ana Claudia Lemos Pacheco⁶⁸ (2008) atribui neste ponto que há 'tipos' de corpos negros para escolhas afetivas ou casuais/espóradas, o que acaba por causar uma solidão para as mulheres negras. Algumas escolhas afetivas são realizadas em função da identidade racial e baseadas no tipo de relacionamento que se pretende.."brancas são para casar, negras para trabalhar e mulatas para diversão sexual".

Corpos que são escalonados e definidos para ações ou não-ações baseado na análise visual, no aspecto físico sobre belo-estética-padrão e tentativa de normatização dos corpos e a segregação (afetiva, inclusive) daqueles não correspondentes. E nesse panorama afetivo de escolhas e relações nos aplicativos, podemos inferir ainda as proposições sobre relações estáveis e/ou casamentos como aponta Lia Schucman:

Como vimos anteriormente, o feminino em nossa sociedade está sujeito a padrões de normatividade que incluem tanto a exigência de um corpo dentro dos padrões de beleza vigentes como também o casamento. Relacionando essa sujeição com o menor poder de escolha no "mercado matrimonial", a branquitude aparece como um dispositivo a ser "usado" para negociar relações afetivas e sexuais (SHUCMAN, 2000, p. 165).

A autora acrescenta que as "mulheres negras é que, muitas vezes, pelos estereótipos a que estão submetidas, podem encontrar mais dificuldades na seleção de parceiros amorosos" (SHUCAMAN, 2020, p. 169); como relatado em algumas falas das colaboradoras, especialmente no concernente à preterição de algumas mulheres negras.

Sobre esta questão de/dos corpos e espaços, a autora Grada Kilomba (2019) também apresenta que "no racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão *"fora de lugar"* e por essa

⁶⁸ Texto "Branca Para Casar, Mulata Para F..., Negra Para Trabalhar": Escolhas Afetivas E Significados De Solidão Entre Mulheres Negras Em Salvador, Bahia.

razão, corpos que não podem pertencer” (grifos da autora, p. 56). E neste não-lugar estão todos os corpos que não são considerados, aqueles que não podem por que não se parecem nem se aproximam dos desejos e dos desejados, impostos e existentes nos imaginários. Veiculados e expostos nos artefatos de mídia, televisão e filmes e aonde mais tenham acesso e permissão de exibição.

Grada prossegue dizendo que “corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia” (KILOMBA, 2019, p. 56).

Desta forma percebemos a existência de corpos desejáveis e de corpos não-desejáveis na régua afetiva, por exemplo. Um dos entrevistados, bem no início da seleção metodológica, disse que preferia “assim como ele” – que era branco (pelo menos a foto de perfil mostrava isso), mulheres no “estilo Maju⁶⁹” para relacionamentos e que não aceitaria menos que isso; há um padrão estético e de classe (inclusive intelectual) estabelecido. A referida jornalista Maria Júlia ganhou maior visibilidade em função de alguns casos de racismo sofrido quando passou a apresentar e aparecer publicamente no jornalismo de mídia aberto. Ela representa (ou passou a representar) um ‘modelo’ de mulher negra, uma referência, mas que também pauta e baliza algumas expectativas sociais normativas. É esperado, segundo algumas respostas, que as mulheres negras – para ter relacionamentos, especialmente com pessoas brancas – sigam estas referências da norma estética de beleza, de pessoa, no caso da jornalista Maria Júlia.

Cabelos e pontos estéticos ligados principalmente às questões corporais femininas são as principais fontes de comentários e alguma forma da existência de questões racistas ou sexistas; pontos diretamente vinculados ao poder simbólico expressos nos corpos. Diferenciações apontadas criticamente

⁶⁹ Junção abreviadas do nome “**MA**ria **JU**lia”. Maria Júlia Coutinho é uma repórter e jornalista negra da televisão brasileira, e trabalha em um dos canais mais acessados da televisão aberta. “Maju” foi um apelido conferido a ela por colegas de trabalhos e demais ouvintes e telespectadores, junção das iniciais dos seus dois primeiros nomes. Ela é uma mulher bonita, magra, e que sempre aparece elegantemente bem vestida nas reportagens que faz; possui cabelo sempre estruturado e porta-se de maneira calma e fala pausada.

com a discussão de “colorismo” e que trata sobre níveis de representações racistas conforme a pigmentação da cor na pele negra – retinta. Quanto mais preta/o se é, quanto mais traços negróides expostos sobre a pele, sobre o corpo, mais sofremos/sofreremos o preconceito e o estigma da raça. Geralmente são os corpos “fora da norma” social, estética instituída socialmente.

Asad Haider (2019) pontua sobre a armadilha em que caímos (e que estamos sujeitas/os) ao propor questões relativas à fixidez e estaticidade das raças, em especial. O autor salienta ainda sobre a categorização a que nós, negras/os, estamos sujeitadas/os por uma ideologia racial, majoritariamente imposta pela branquitude (que sá, totalmente). A saber:

A ideologia de raça afirma que podemos categorizar as pessoas de acordo com características físicas específicas, que geralmente giram em torno da cor da pele. Mas essa é uma forma de classificação arbitrária que somente tem algum significado porque tem consequências sociais (HAIDER, p. 72).

E é exatamente a este propósito que a base do colorismo repousa, enquanto mais uma estratégia componente do racismo: hierarquizar pessoas negras com consequências sociais partindo dos entendimentos culturais e históricos de fenótipo, da cor da pele. Entendimentos coloniais que formaram a base racista sócio-política brasileira, especialmente.

Neste trajeto sobre ser e pertencer com base nas tonalidades hierárquicas da cor da pele estão a preterição por alguns corpos negros – aliada às percepções sobre estética, beleza, especialmente as fora do padrão – ou a hiperssexualização dos corpos que correspondem em certa medida ao desejado; e que estão além. O subtópico adiante abordará de maneira mais aplicada sobre a hiperssexualização e as questões que estão submetidas algumas mulheres negras na *escala* de análise e debate deste trabalho.

Para finalizar o presente subtópico, mas sem intenção de encerrar a reflexão ou a discussão sobre ele – que é imperativo – destaco um bom texto sobre esta perspectiva; seria o da autora bell hooks, intitulado “**Mulheres negras e o direito ao amor: entre escolher e ser escolhida**⁷⁰”. O material

⁷⁰ Link para acesso ao conteúdo na íntegra: Mulheres negras e o direito ao amor: entre escolher e ser escolhida (geledes.org.br).

convida à reflexão sobre um “não-lugar” que as mulheres negras *deveriam* estar ou se acomodar ou que são colocadas; no que tange a falta do poder de escolha, do dizer o que querem; e tendo que aceitar o que/quem vier ou quem vier e como vier para, enfim, escolhê-las.

bell⁷¹ hooks discute sobre como este ‘passivismo’ de escolha, especialmente em relações afetivas (mas não apenas) compõe uma estratégia pertencente ao racismo estrutural que reduz nossas possibilidades e liberdades de existência e persistência. Isto como processo de subalternizar as mulheres negras às escolhas dos outros, à espera paciente e daí à aceitação. Como estantes onde permanecemos em exposição até que, já não restando qualquer outra ‘opção’, sejamos nós as ‘escolhidas’; como um ato quase benevolente daquele que nos ‘pegue’.

E sobre escolhas ou a falta delas, a seguir caminharemos pelo último subtópico de categoria analítica, logo na sequência dos entendimentos sobre a preterição de alguns corpos está a seleção de outros para fins específicos e exclusivos: o sexo. Se as brancas são para o casamento, as negras como vimos acima são preteridas e as mulatas são “boas de bunda e de cama”.

4. 3. CORPOS NEGROS FEMININOS HIPERSSEXUALIZADOS E REQUERIDOS EXCLUSIVAMENTE PARA RELAÇÕES SEXUAIS.

Digamos que na métrica dos corpos negros entre o jogo da preterição e do desejo por corpos femininos negros, a hiperssexualização está para o segundo; desde que esses corpos correspondam (em certa medida) ao padrão normativo estético de beleza apreciável e socialmente acolhido - tida como beleza *brasileira, a mulata*. Que são *desejáveis* para relações sexuais, relações casuais, não duradouras, e/ou fetiche em/por corpos negros⁷².

⁷¹ A autora/escritora Gloria Jean Watkins usa o pseudônimo *bell hooks* grifado em letras minúsculas, não há erro gramatical neste caso.

⁷² A hiperssexualização dos corpos negros não recai exclusivamente aos corpos femininos, tanto quanto não representa uma questão específica do gênero; ao contrário, rebate sobre os corpos negros no geral. Tanto homens quanto mulheres negros/as sofrem com a pressão da sexualidade que foi/é atribuída à raça, por que é um estigma ligado diretamente à percepção da identidade racial negra. Conceitos, simbolismos e prerrogativas coloniais que ora objetificam e ora super sexualizam nossos corpos, claro, que de maneiras e com interseccionalidades diversas. A exemplo do mito da superdotação do homem negro e seu órgão sexual. Mas para as análises discorridas neste estudo aqui desenvolvido, atendo-me exclusivamente às

O *sujeito negro* é percebido como um ou como outro, através das seguintes formas:

(...)

Erotização: O *sujeito negro* torna-se a personificação do sexualizado, com um apetite sexual violento: a prostituta, o cafetão, o estuprador, a/o erótica/o e a/o exótica/o (grifos da autora. KILOMBA, 2020, p. 79).

A autora Grada Kilomba apresenta uma abordagem⁷³ pertinente sobre as formas como a/o sujeita/o negra/o é percebida/o, enquanto a/o outra/o estranha/o ao meio que está, mas sem pertencer. E compondo este percurso, está a erotização do corpo negro, dentre as tantas outras possibilidades criadas para desumanizar, diminuir ou restringir a existência.

Não obstante, enquanto escrevo estas linhas - para enfatizar este ponto tanto quanto apresentar a atual ‘definição’ e rotulação sobre hiper sexualidade de alguns corpos, os corpos “com cor” – está no ar uma novela em horário nobre⁷⁴ e canal aberto de grande repercussão e que traz duas protagonistas. Uma mulher branca – interpretada pela blogueira Jade Picon, personagem de classe média alta, não trabalha e é sustentada pelo pai; a outra é uma mulher negra – interpretada pela cantora/atriz Luci Alves, com personagem periférica que lava/passa roupas para sobreviver na trama. E gostaria de narrar brevemente uma cena que coincidentemente apareceu ao longo da minha escrita: enquanto ambas personagens figuram no imaginário do ator principal - Chay Suede – que interpreta o galã indeciso entre a escolha de ambas mulheres; acontece um pequeno *flash back* de lembrança do personagem.

A cena descreve o galã lembrando dos momentos românticos e encantadores que viveu com a personagem Chiara (Jade Picon), de fala mansa da moça e o jeito delicado dela; ao passo que ao lembrar dos momentos vividos com a personagem Brisa (Lucy Alves), esta aparece sempre nas cenas picantes, sexualizadas. Brisa tem seu corpo seminu à mostra, enquanto aparece deitada na cama com Ari (Chay Suede) e aparece falando sensualmente ao envolvê-lo pelos braços, com olhar provocador. A câmera

perspectivas sobre a hiperssexualização da mulher negra, e desta como resultado de pesquisa e coleta de dados.

⁷³ A autora apresenta ainda a *infantilização* – quando a/o negra/o assume uma figura de dependência e incapacidade; a *primitivação* – a/o selvagem, ‘condição’ da natureza da raça negra; *incivilização* – referente a/o violenta/o, ameaçador, perigosa/o e animalização – personificação do animal, primitivo, desumanidade (KILOMBA, 2019, p. 79).

⁷⁴ Novela que passa às 21h, tv globo, de nome “Travessia”, ano 2022.

foca nos olhos da personagem branca, Chiara, enquanto que, ao mudar a lembrança do ator pela saudade e indecisão entre ambas as mulheres, foca no corpo e nas curvas da personagem negra, Brisa.

A tentativa na descrição desta cena que me chamou bastante a atenção, mesmo sem nunca ter visto a novela, é justamente demonstrar o quão presente tem estado estas percepções sobre o corpo feminino negro, especialmente nos meios e artefatos midiáticos e tecnológicos. Tratam de processos pedagógicos sobre o olhar da raça e o tratamento das pessoas que são percebidas como racializadas, no Brasil, apenas as negras. Idealizações sobre uma outra parte dos corpos que já sofrendo pelo colorismo acabam por serem sujeitados também, por exemplo o entendimento que se tem e se replica sobre a mulata.

A ideologia da mulata – que também apresenta uma das perspectivas ilustradas por Grada Kilomba sobre a animalização da pessoa negra ao tentar identificá-la pela combinação de fatores não humanos, a *mula* – cabe especialmente ao pensamento do carnaval, da nudez, das mulheres negras e do samba; como se fosse “quase obrigação” a todas este papel folclórico. Digo isso por recorde em uma das festas que fui na capital gaúcha, enquanto tocava uma música no ritmo de samba ou pagode, um rapaz virou para mim e sentiu-se autorizado (mesmo sem me conhecer) em dizer “vamos, *morena!* Eu sei que você sabe, afinal é samba!”.

Como não lembrar, por exemplo, da icônica “*globeleza*” – mulher negra, seminua, corpo todo pintado nas cores verde e amarelo, simbolizando um patriotismo ou colorida, em alusão à ‘alegria’ do ‘espírito’ do carnaval? Estas são algumas associações impostas ou caricata a que nos remetem os meios midiáticos e atualmente, tamanho desponte da tecnologia, de aplicativos e redes sociais, incluindo os de relacionamentos.

São artefatos, imagens e outras perspectivas culturais que influenciam nas percepções sociais, históricas e produzem aprendizados, pedagogias; que construímos a respeito das coisas e das pessoas. Para Stuart Hall, “a mídia produz amplos efeitos na sociedade, relacionados a um determinado tipo de poder que se exerce no processo de administração da visibilidade pública midiático-imagética” (2016, p. 11).

Tomemos novamente Sara Baartman como referência para alguns entendimentos e debates. Ela foi uma afrodescendente que além de ter seu corpo, suas formas e curvas estudadas e pontualmente analisadas e julgadas; teve ainda que ser exposta como animal para ‘apreciação’ do povo europeu. Seu corpo foi tocado, invadido e alisado por diversos presentes que incrédulos com o que estava diante aos olhos, sentiam-se autorizados, sem necessidade de questionamento.

Imagem 10: Representações de Sara Baartman



Fonte: Pesquisa Google, acessado em 23 de setembro de 2022

Uma série de associações e representações podem surgir desta imagem, mas gostaria de destacar uma que servirá em imperativo para os debates que seguirão: podemos adotar o lado esquerdo como a Sara Baartman da Europa do século XIX; à direita, nós mulheres negras – “Saras” do século XXI – em aplicativos e/ou redes sociais de relacionamentos que por vezes nos vemos sujeitadas às incredulidades, curiosidades e sexismos racistas que compõem estes espaços.

Exemplo disso está presente nas respostas das respondentes Valéria (autodeclarada negra/preta) e Mila (autodeclarada negra/parda) quando

questionadas se já haviam sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação no uso de redes sociais ou nas conversas em aplicativos digitais de relacionamentos. Segundo Valéria, após o *match*: “me xingou de vagabunda e afins”; e Mila comenta que sofreu uma “abordagem hiper sexualizada por ser mulher negra” quando começou a desenvolver uma conversa após o *match*.

Bocas grandes, lábios carnudos, bundas e pernas, entre outras possibilidades de análises ‘fragmentadas’ destacam a (hiper)sexualização do corpo negro feminino, adjetivos que constituem e caracterizam sujeitas. Estas são apresentações iniciais de resultados obtidos com aplicação de formulários acerca de aplicativos e interseccionalidades representativas de raça e gênero que compuseram respostas sobre experiências.

A imagem 10 pode representar uma espécie de passagem do tempo de Sara para as exposições em redes sociais do corpo negro. Ao lado esquerdo podemos ver uma representação da Sara quando exposta aos olhos curiosos daqueles que pagavam para a julgar; do outro, temos como inferência as mulheres negras e seus corpos em rede. Em uma tentativa do uso público das redes sociais e aplicativos de relacionamentos com mesmo intuito de tanto outros corpos: usufruir, relacionar-se; mas ao que indicam algumas análises, não é bem o que acontece. Nossos corpos negros, femininos, em especial, estão sempre sendo analisados, avaliados e recortados figurativamente em função da nossa raça, da nossa negritude e de nossos traços estéticos, sobre estar ou não seguindo as ‘normas’ sociais de beleza ‘padrão’ europeia.

Ou mesmo se estes corpos estão fora do que se espera e do que vem sendo representado nas mídias de massa e nos grandes meios tecnológicos com excessiva apresentação de corpos brancos esbeltos, como se eles fossem a referência.

Imagem 11: Sara Baatman em desenho europeu



Fonte: Pesquisa Google, acessado em 23 de setembro de 2022

Disto, inferem-se as pedagogias do cotidiano tecnológico, sejam nas relações *face-to-face*⁷⁵ (offline) ou nas mediadas por tecnologias (online). Tendo como ponto de partida ainda a perspectiva da pandemia do ano de 2020, que acelerou o processo no uso da tecnologia, especial das relações e das possibilidades de relacionar-se, tendo em vista os períodos necessários de isolamento social.

Observemos na fala de Teresa, autodeclarada preta, quando foi aberto um espaço para que as colaboradoras pudessem falar sobre o que quisessem a respeito da pesquisa e dos temas que conversamos:

Os aplicativos vêm se modernizando e com isso selecionando que grupo de pessoas querem utilizando, pois com o passar dos tempos as pessoas vão se tornando mais obsoletas em relação as novas tecnologias.

Assim, é possível compreender que as novas tecnológicas, a tendência crescente do avanço tecnológico tanto quanto os produtos que deles resultam, acabam por repetir e reproduzir antigos tratamentos discriminatórios e preconceituosos ligados à raça. O racismo, que tem por base exclusivamente a associação à cor da pele, resulta, ao mesmo tempo que é resultado, de diversas perspectivas sociais, políticas e históricas, estruturadas à organização

⁷⁵ *Cara-a-cara* em tradução livre.

da sociedade. Ao entendimento que por muito tempo figurou nos livros didáticos e nas fotos/imagens que faziam referência à negritude ou escravidão; disto sempre e exclusivamente vinculadas ao tom de pele, à pessoa de cor.

A entrevistada Estela (autodeclarada preta), durante nossa conversa sobre essa questão apontou que *“os aplicativos de relacionamentos devem ser encarados como um meio, a pandemia demonstrou que laços se formam independente de contato físico, por mais que este não seja substituível pela condição humana”*. Sobre isto repousa nosso debate acerca da força simbólica e pedagógica que circula nos ambientes virtuais e de relacionamentos, sobre as representações que são criadas acerca dos corpos negros femininos e as identidades que são associadas a ele.

Entre as interseccionalidades, apontadas como resultado de pesquisa, temos ainda relações sobre sexualidade-geração-raça-estética, como está presente na resposta de Samy, autodeclarada negra/preta, sobre o *“fato de uma mulher bonita e inteligente se encontrar solteira. Como uma mulher bonita (ainda pode) estar solteira”* (grifos meus). Há sempre algo a ser explicado, ou parece que; há sempre alguma necessidade ou ausência para os corpos femininos, e uma cobrança a mais quando estes são negros.

Recebi um "elogio" mascarado de preconceito, sobre um post que fiz sobre racismo reverso, ao me elogiar no direct o "senhor" teve a coragem de dizer que: "Parabéns, mulher e negra, me impressionei com sua inteligência". No caso, se eu sou mulher e negra, não posso ser inteligente? Realmente ele achou que isso seria um elogio? Coisas que maioria de nós, mulheres e negras passam quase que todos os dias de nossa vida! Todos os dias temos que desconstruir uma péssima imagem que criam de nós. Flora, autodeclarada preta.

A fala de Flora nos remete a mais uma forma racista que circula, além dos espaços offline, nos espaços e por pessoas conectadas e que a fazem prosseguir junto: subjugo da inteligência da mulher negra – racismo e sexismo; animalização e desumanização pelo descrédito conferido e desconstrução do posicionamento político crítico que possuímos. Acima de tudo somos seres políticos, nosso corpo é político; nosso cabelo é político – e em todas as suas existências e resistências e *reexistências*. Defender cotas, posicionar-se sobre os mais diversos assuntos, temas e o que mais nos convier faz parte de nós, e no espaço em que estivermos, online e offline.

Há uma reportagem/entrevistas dentre muitas pesquisas que obtive sucesso ao encontrar, que também levanta essa questão da presença das mulheres negras nos aplicativos de relacionamentos virtuais e um pouco do que elas têm ouvido e presenciado por lá. Intitulado **“Não é mimimi: as frases racistas que as mulheres negras ouvem no Tinder...”**⁷⁶ (UNIVERSA Uol, 2017), a matéria é conduzida também sobre as falas das mulheres negras, suas experiências e as principais “curiosidades” (racistas) que elas já tiveram que lidar durante as conversas; e que pontualmente trago elencada abaixo:

“É verdade que as negras são as rainhas do sexo anal?...”

“Nossa, você é uma negra linda. Eu nunca transei com uma negra...”

“Qual a cor da sua vagina?...”

“Nossa, mas você tem um cargo de coordenação?...”

“As negras têm mais necessidade de sexo...”

“Os caras geralmente não dão nem oi. Apenas falam que sou gostosa, ou que tenho seios lindos, coisas bem idiotas...”

“Eu só percebi que a abordagem era muito diferente comigo quando comecei a conversar com amigas brancas e elas diziam 'ah, tal cara, me chamou pra tomar um café, me chamou pra jantar'. Já comigo é assim: perguntam a cor das minhas partes, se eu faço sexo anal, como faz pra me comer, tipo, nem conversam comigo...”

Estas respostas apontam ainda mais para a objetificação, hipersexualização do corpo negro feminino, fonte de debate deste trabalho. Ainda mais, algumas percepções ficam cada vez mais nítidas quando conversamos sobre experiências de outras mulheres não-negras nos mesmos ambientes. Parece existir algum tipo de realidade paralela que diferencia essas trajetórias, mas não, são apenas as pessoas e os entendimentos, aprendizados e reconhecimentos que elas têm umas das outras que faz tudo ser diferente.

⁷⁶ Link para matéria completo: Não é mimimi: as frases racistas que as mulheres negras ouvem no Tinder - 22/03/2019 - UOL Universa

Para mulheres e homens, o pensamento social ocidental associa a negritude a uma sexualidade selvagem e incivilizada imaginada e usa essa associação como um pilar da diferença racial. Quer seja retratada como “aberrações” da natureza ou como sendo a própria essência da natureza, a sexualidade selvagem e indomada caracteriza as representações ocidentais de mulheres e homens de ascendência africana (COLLINS, 2022, p. 46 e 47).

As criações da história e da formação da sociedade que nos faz compreender ou distorcer as noções sobre identidade, contribuição cultural e histórica. As históricas colonizadas que nos contaram sobre o espaço da pessoa negra na estrutura social, política e econômica ou sobre quem ela é – ou deveria ser faz diferença.

A mucama, o criado-mudo, a ama de leite, a negra que matava o apetite sexual dos senhores entre outras figuras caricatas e coloniais ainda percorrem o imaginário e acabam se instalando nas realidades das experiências. Para tanto, uma pedagogia decolonial em perspectiva acadêmica, de base, também já na formação dos professores (sobre quem educa o educador?) é imperativa.

Não apenas elas/es, mas também elas/es. Para que possamos desde a educação infantil apresentar as perceptivas descolonizadas sobre a formação da sociedade brasileira, o entendimento de identidades raciais e a própria ideia sobre raça e negritude.

5. REFLEXÕES FINAIS

Diante as especificações apresentadas ao longo das análises expostas, algumas categorias sociais percorridas aqui merecem destaque, especialmente sob o aspecto tecnológico, das inovações e avanços que estas trazem. Pensar racismo, sexismo, preconceitos em linha interseccional é, acima de tudo, uma urgência social, histórica e política.

Acho que o desafio maior da pesquisa é que muitas pessoas não costumam refletir sobre seus padrões estéticos. Quais pessoas mais costumam dar like e quais costumam rejeitar. É um processo complicado e vergonhoso pois expõe nossos estigmas. A questão que fica é justamente nas pessoas que não escolhemos, mais do que aquelas que escolhemos (creio eu).

Gil, autodeclarada negra/parda.

Os aplicativos, redes sociais, nos dão o termômetro do que acontece fora da nossa zona de conforto. Mesmo vendo coisas que me desagradam é melhor saber o que as pessoas pensam até para me posicionar.

Lola, autodeclarada negra/parda.

A ideologia da raça, da convivência pacífica entre as existentes necessita ser quebrada e trazida à baila para discussões, não apenas entre as pessoas negras, mas acima de tudo, entre a branquitude e seus privilégios. Privilégios de cor, de ser, de frequentar e poder aparecer; bem como querem, com seus corpos e suas 'identidades'. A compreensão do privilégio branco é base fundamental para a luta antirracista; isso compõe os processos de sociabilidades nos quais estamos diariamente em constante acesso (virtual ou presencial).

Assim a diversidade negra não é uma categoria relacionada exclusivamente ao tom da pele e à compleição física. Essa diversidade também significa dizer que um negro ou uma negra clara possuem vivências diversas dentro da estrutura racializada da sociedade. A depender da geografia da sua existência, da condição socioeconômica de sua família e do quanto sua compleição está próxima do arquétipo branco, negras claras podem se esquivar com muito sucesso de alguns lugares comuns do racismo: a solidão; a quase impossibilidade de acesso a postos de trabalho de gerência; a restrição ao trabalho precário e a pouca valorização (DEVULSKY, 2021, p. 138 e 139).

Cabe imperativamente pensar e trabalhar sob o aspecto decolonial, processos de reconstrução que contem e mostrem uma história diferente. Diferente daquela que costumeiramente ouvimos e 'aprendemos' em sala, na educação fundamental sobre escravidão, 'lugar das pessoas negras' e o que o 'ser negro/o' representa. É hora de trocar do imaginário a estrutura colonial imposta, ressignificada e reproduzida nas relações sócio-histórico e políticas que baseiam nossas sociabilidades. É preciso reestruturar a base do entendimento, das percepções e dos 'modelos' estéticos, imagéticos, midiáticos, físicos. E isto é possível ante uma pedagogia decolonial que tenha por ferramentas artefatos e instrumentos culturais que transitam cotidianamente conosco, com/em nossas realidades.

A pedagogia decolonial trata das práticas, especialmente as atribuídas em escolas e espaços acadêmicos onde circulam o conhecimento, a formação e o saber, e ferramentas que desestremem o aspecto histórico e colonizado de

anos de reprodução. São livros didáticos que tem por insistência apresentar as mesmas imagens de pessoas escravizadas, sob o título de “escravos”, por exemplo; ou mesmo populações indígenas como apenas *índios*, de modo singular e limitado. Negando ou silenciando as histórias das formações e contribuições destes povos para a formação social brasileira, contribuindo para as crenças subalternizadas, negativas e reducionistas que até hoje circulam. Trata sobre mostrar a imensidão da história, das práticas e das experiências desses povos, e do quanto eles ainda estão presentes fazendo história; é retirar da margem e deixar no centro.

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* a as Pessoas de Cor não só como o “*Outra/o*” – a diferença contra o qual o *sujeito branco* é medido – mas também como *Outridade*, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade *branca* (grifos da autora. KILOMBA. 2020, p. 78).

Nesta identificação sobre quem é a/o “*outra/o*” alguns modelos ou padrões a seguir são apontados como referência. É criada uma base de exemplos de corpos, belezas e estéticas (até sexualidades) que tendem a ditar regras de ser (para aparecer).

Chimamanda Ngozi Adiche aponta para o risco que se corre em apontar corpos, expressões, pessoas, construções e/ou entendimentos de raça e cor na história que conhecemos e crescemos ouvindo e aprendendo. A isso, a autora denomina de “*O Perigo De Uma História Única*”⁷⁷.

Não obstante podemos perceber e reconhecer estes apontamentos com destaque no que tange a construção de corpos e mulheres que circulam nas redes sociais e/ou aplicativos de relacionamentos. Corpos que vêm carregados de grande estigma racial, corpos negros e estigmas estéticos de padrões e beleza. Que figuram desde a constituição da sociedade brasileira colonizada e perdura até os dias atuais; ressignificada e repassada por anos, histórias e descendências.

⁷⁷ Adaptação da primeira palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adiche no TED Talk (TED - Tecnologia, Entretenimento, Planejamento - é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling), ano de 2009. É possível acessá-lo em Chimamanda Ngozi Adichie: The danger of a single story | TED - YouTube.

Em “O perigo de uma história única” (2019) Chimamanda aborda sobre questões específicas da unicidade que vigora quase que incondicionalmente sobre percepções e entendimentos sobre o povo negro, suas histórias e seus modos. Trata sobre relatos pessoais experienciados a respeito de como as/os outras/os (brancos, em sua maioria) nos veem, nos percebem e nos tratam. Sobre do quanto é perigoso e arriscado que se faça verdade sobre um lado que a história conta nos livros, que vemos nos filmes, nas novelas e nas redes sociais. Indo um pouco além e atrevendo-me apontar a história quase única sobre os corpos que são costumeiramente expostos e esperados nas redes sociais e aplicativos de relacionamentos. Esbeltos, brancos, curvilíneos, acinturados, *lipados*⁷⁸, malhados e treinados como com expressões claras de saúde e beleza.

O que parecer fora ou que não estiver encaixado neste padrão definidos, não serve, não pode ser apresentado; não é desejado, não é aceito, é rechaçado. Quando somamos a isso ideias e realidades sobre raça e negritude, tudo fica um pouco pior. Ser negra/o, carregar traços que apontam nítida e objetivamente corpos marcados e preteridos há séculos históricos como não desejados e mal-encarados, à margem social, tudo parece desmoronar. E ainda mais, juntemos também à esta discussão a ideia de gênero, de mulher, de mulheres negras, está formada a interseccionalidade crítica e analítica.

Corpos de algumas mulheres negras que por muito são e estão no imaginário e realidade social como hiperssexualizados, ‘próprios’ para o prazer e deleite – assim entendido e encarado por alguns. Corpos de escravas negras que serviram para o prazer do senhor colonial e o serviam sexualmente; e ao seu filho maternamente, com leite e outras formas.

Reproduzimos aquilo que mais ouvimos, conhecemos e achamos que sabemos; que costumeiramente ouvimos e aprendemos desde a infância. Nas palavras de Chimamanda “o que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros” (ADICHIE, 2019. p.14). E ainda

⁷⁸ Procedimentos estéticos cirúrgicos ou não que ao longo de dois anos viraram comuns. Lipoaspirações, LipoLAD, redefinição de corpos, rostos e outros procedimentos em busca da beleza esperada, quase perfeita.

“como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Mas tudo mudou quando descobri os livros africanos” (ADICHIE, 2019. p.13).

Sobre como estamos o tempo todo criando e recriando histórias únicas sobre um pouco ou quase nada do que sabemos sobre as pessoas. Principalmente pela recorrente enxurrada de informação que recebemos de outras pessoas, da televisão ou de outros meios aos quais temos acesso.

Quando se fala em personagens de filmes ou livros qual a primeira imagem ou raça que vem à sua cabeça? E o que mais? História única também é sobre isso. Quando permitimos que por estas fortes influências externas nos deixemos levar e imaginar apenas e unicamente um conceito ou entendimento sobre determinado assunto ou pessoa. Aí também repousa a crítica feita pela decolonialidade: reconstruir, recontar, abordar sobre outras perspectivas, especialmente dando espaço para que sujeitas/os assim o sejam, e abandonem a linha do “objeto de estudo”. Que tomem espaço e contem sobre si, como pretendido nestes capítulos, quando *elas – mulheres negras*, narraram suas experiências.

A história única cria estereótipos (ADICHIE, 2019. p.26) ou reafirma e intensifica os já existentes. Basicamente a história única apresenta apenas ou quase sempre só o que se tem de negativo, ruim e triste sobre um povo, assunto, pessoa, povo ou questão. E não passa disso. E é por isso que outras pessoas ficam sabendo delas; apenas por isso. História única é demonstração de poder, de controle sobre outros, sobre povos e entendimento. História única é quase senso comum ditador da verdade. Chimamanda discorre sobre isto apontando “que é moralmente urgente termos conversas honestas sobre outras maneiras de criamos nossos filhos, na tentativa de preparar um mundo mais justo para mulheres e homens” (ADICHIE, 2017. p. 8).

Sobre novas perspectivas e possibilidades de educação, criação e orientação desde a infância sobre processos descolonizados e antissextistas. É preciso a adoção de posturas, e bem mais, de atitudes voltadas ao enfrentamento de preconceitos, estigmas e discriminações que até hoje perduram, em torno, especialmente, de questões sobre gênero e raça.

“Como estereótipos limitam e formatam nosso pensamento, especialmente quando se trata da África” (ADICHIE, 2015, p. 7). Do quanto estas imagens, pensamentos e apresentações da realidade influenciam e inviabilizam outras formas e entendimentos. Do quanto nossa visão permanece sombreada à existência de outras possibilidades de cores, existências e marcas corporais. Do quanto não somos capazes de aceitar, reconhecer e modificar padrões estéticos, raciais e racistas que por muito são e vêm sendo arrastados há tempos. Repassados e ensinados de geração em geração, de cliques e curtidas. O problema dos estereótipos na compreensão e percepção das coisas também estrutura nossas relações, nossas percepções e nossas formas de agir.

Fatos simples, mas por isso não menos importantes, nos mostram diária e cotidianamente que devemos ser todas/os feministas e discutir, conversar a pauta. E mais ainda, que precisamos debater sobre raça, negritude, corpos e pessoas em suas multiplicidades. Que não podemos nem devemos seguir guiadas/os por padrões estéticos racializados pela branquitude de corpos “perfeitos” e frequentes em nossas *‘timelines’*⁷⁹.

É preciso modificar regras de educar a todos os gêneros. A todas as pessoas. Estratégias pedagógicas decoloniais que nos permitam identificar processos e procedimentos colonizados nas formas de ver, ser e tratar; de nos relacionarmos com outras pessoas, principalmente pessoas negras, pessoas de cor, pessoas pretas ou quaisquer que sejam os sinônimos usados. É preciso responsabilidade no enfrentamento ao racismo cotidiano, estruturado e disfarçado de “foi só uma brincadeira”, sobre nossa particular expressão e forma brasileira de ser recreativo em tudo (Adilson Moreira). De utilizar do ‘jeitinho brasileiro’ para fazer brincadeiras inapropriadas e disfarças de racismo, sexismo, preconceito e outras formas carregadas de estereótipos.

É preciso reconhecer que mulheres negras e seus corpos, nos mais variados aspectos e representações têm o direito de ser e estar onde quiserem. De figurarem espaços públicos reais e digitais tanto quanto os corpos brancos assim o fazem e aparecem.

⁷⁹ *Linha do tempo*, em tradução livre.

Escrevo aqui e o faço em medida decolonial, rompendo as barreiras que nos foram impostas, especialmente a nós mulheres *negras*, que sofremos interseccionalmente a repressão da raça subalternizada e do gênero de segunda classe. Decolonizando as expressões e entendimentos da academia que nos investe o mesmo modo de pesquisa, especialmente às questões sobre raça – sem muitas opções de escolhas, sobre ter um *objeto*, ou mesmo, quando você (negra/o) se percebe esse objeto ou objetivada/o. Ao contrário, aqui utilizei ao máximo que pude e consegui referências, fontes, discursos e experiências narradas pelas próprias mulheres, em situações reais; partindo das minhas próprias e ouvindo a todas que quisessem compartilhar.

A educação em perspectiva decolonial é apresentada pelo convite à participação, trazer para dentro, para perto e para fala quem por muito tempo foi silenciada/o. Logo no início do meu curso de mestrado, confesso, não sabia nem conhecia o conceito; a primeira disciplina que me vi tentada a fazer na tentativa do entendimento, foi o maior desafio. Depois, tornou-se minha primeira certeza na escrita deste trabalho: “eu precisava trabalhar/escrever sobre decolonialidade, meu texto precisa disso”. Ter como base as narrativas do ponto de vista e vivência daquelas/es que sofrem/sofreram marginalização ao longo de séculos, e ainda o são – sobre o resquício do período colonial e suas nuances – faz parte do processo de desconstrução e da luta antirracista. Trazer ao centro quem sempre foi tratada/o e definida/o como margem.

Neste ponto também reside o aspecto descolonial de entendimento, descortinar o colonialismo intelectual e social ao qual estamos imersas/os, que aponta outra perspectiva como horizonte, outros espaços – a *Europa* - como genuínos e outras pessoas como *pessoas* – as *brancas*. Rodolfo Kusch a este respeito aponta que “se trata de descobrir um nuevo horizonte humano, menos colonial, más auténtico y más americano” (1971).

Especialmente sob o enfoque ao qual estamos e temos vivido constantemente: os holofotes tecnológicos, a excessiva exposição midiática, o exponencial crescimento dos aplicativos e seus usos (e abusos). A pedagogia que trago aqui diz sobre uma decolonialidade necessária, expõe algumas práticas racistas, por vezes entendidas como, veladas, cômicas, ‘desconstruídas’, ‘não-intencional’; mas que refletem o quão ainda estamos

longe da ideologia de convivência das raças. Conceber que em espaços onde grande parte das/os usuárias/os acessam para curtição, diversão ou conversas/parcerias aleatórias (ou mais sérias) acaba por configurar outros lugares onde práticas racistas e sexistas acontecem, não pode ser aceito. Todas/os temos direitos ao acesso, ao contato, à afetividade, e ser julgada em função da cor, da raça ou do gênero não pode ser legitimado. Os ambientes virtuais de relacionamentos não deveriam se tornar mais um espaço onde circulem modos e formas coloniais de subalternizar e escravizar corpos, pessoas; reproduções tecnológicas de antigos preconceitos e desigualdades.

É necessário que rompamos atitudes coloniais historicamente arraigadas em nossos padrões e atitudes sociais, e enxergar que a interseccionalidade está presente no cotidiano, em destaque nas análises sobre gênero, raça e classe. E o espaço acadêmico é melhor e maior espaço para este trabalho, especialmente partindo dos currículos e da forma de se trabalhar com a história, os conceitos e o intercultural; desconstruindo padrões e perspectivas subalternas. Como escreve Grada Kilomba, 2019, que

“Dentro dessas salas fomos feitas/os *objetos* “de discursos estéticos e culturais predominantemente *brancos*” (Hall, 1992, p. 252), mas raras vezes fomos os sujeitos (p. 51)”. (...) “A academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a”.

Em alinhamento ao exposto, compreendo que, para a apreensão interseccional a que me proponho com estudos em relações de gênero, sexualidade e raça, (muitas) outras possam aparecer em destaque às questões de análise sobre o uso e atributos como pedagogias culturais de ambientes, aplicativos e redes virtuais de relacionamentos. Posturas, conversas, curtidas e comentários podem revelar outros interessantes pontos de inferência, sempre à representação e apresentação das experiências narradas das participantes.

Esta percepção torna-se relevante para os entendimentos sobre formas e possibilidades de agentes (outros) virtuais nas configurações e perpetuação de estigmas e preconceitos que são (e estão) enraizados às condutas, as conversas, aos olhares e às formas de tratar corpos e pessoas negras, em especial as mulheres neste projeto. São (‘novas’) possibilidades e aparições

para se reconhecer as artimanhas das possibilidades de se fazer (ser) racismo, sexismo, discriminação; ainda que não se assuma, reconheça ou compreenda que.

Confesso que observo que não costumo me relacionar/dar like em pessoas muito gordas/obesas, mais baixas do que eu ou trans, apesar de não invalidar nenhum desses corpos e pontualmente já me relacionei com pessoas assim. Ademais, não imagino que tenha tantos padrões tão restritos.

Gil, autodeclarada negra/parda.

Como salientado anteriormente, a compreensão dos ambientes virtuais, hoje ganhando cada vez mais espaço e praticidade mediante aplicativos e redes sociais, cada vez mais tecnológicos, informatizados enquanto lugar de expressão e formação de fazer e aprender, têm muito a agregar e contribuir para posturas mais conscientes não colonizadas, descolonizadas.

O tratamento desigual, por vezes desumano, com pessoas negras, pessoas de cor, retintas, de maneira colonizadas, recreativas, diretas ou indiretas precisa ser identificado como propagação do racismo. Comentários em redes sociais que fazem referências às figuras animalizadas em comparação às pessoas negras precisam ser identificadas como nada recreativas ou “brincadeira”, “momento diversão” de exposição do outro. Reconhecer e compreender que todas temos, independente de raça, cor, ou orientação sexual (e o que mais for), direitos de publicar fotos de corpos, rostos sem que isso seja visto, percebido, entendido como sexualização ou convite para. Estamos cada vez mais imersos em tecnologias que servem para auxiliar-nos em atividades, momentos e funções diárias úteis, e a tendência é crescimento acelerado; não podemos nos deixar perder neste processo e fazê-lo para usos depreciativos, de exposição negativa do outro.

De modo geral, nas experiências que eu tive com aplicativos de relacionamentos, sempre achei um número baixo de homens negros, e imagino que no caso das mulheres, esse número também seja baixo (ex: a maioria das opções são de pessoas brancas). Não sei como seria uma sugestão de mudanças..mas penso que deve se iniciar na luta contra o racismo. (Especificamente neste caso).

Teresa, autodeclarada negra/parda

As pedagogias da racialização (KAERCHER, 2010) que circulam nas redes e ambientes virtuais de relacionamentos também compõem as análises aqui descritas, são processos reais que estampam comentários, sentimentos e pessoas.

Diante das colocações e análises apresentadas nesta altura, fica um pouco mais nítido de entender o motivo de algumas pessoas negras optarem pelo cancelamento de suas redes de relacionamentos virtuais ou mesmo não aderirem a elas. Um pouco disto ficou exposto em algumas das respondentes/colaboradora ao longo do processo de entrevista. Tais como

As redes sociais podem muito tóxicas para as mulheres negras, mesmo em grupos de cunho racial nós estamos sempre sendo atacadas. Mas saber disso pode auxiliar a gente a transitar por estes espaços sofrendo menos danos.

Bela, autodeclarada negra/preta.

Já me relacionei com pessoas que conheci nas redes, mas nunca fui levada à sério.

Jasmim, autodeclarada negra/preta.

Acabei desistindo dessas redes sociais para ter um relacionamento além de amizade.

Carmem, autodeclarada negra/preta.

Além deste ponto objetivo e direto sobre o desinteresse no uso destes aplicativos e/ou programas alcançados pela fala – quase desabafo – também apresento o motivo de algumas não se sentiram a vontade para tal figuração. Para isso, quando no início da pesquisa, querendo investigar das que estavam navegando nos aplicativos e quais suas experiências, ampliei minha percepção e análise para aquelas que não os usavam, na esperança do entendimento ou situação a que levou a esta decisão. Ainda que meu propósito seja as trajetórias nos ambientes virtuais; entender o que faz “não usuárias” também ganhou minha atenção nesta investigação, ainda que forma mais indireta.

O novo racismo também depende mais fortemente da mídia de massa para reproduzir e disseminar as ideologias necessárias para justificar o racismo. Há dois temas aqui – a substância das ideologias raciais sob o novo racismo e as formas em que as ideologias são criadas, circuladas e consolidadas. Ideias sobre a sexualidade negra certamente aparecem nas ideologias raciais contemporâneas. Mas a

crescente importância da cultura popular negra e da mídia de massa como locais para criar e resistir a ideologias raciais também é impressionante (COLLINS, 2022, p. 58).

Algumas delas (respondentes que não usam aplicativos ou redes de relacionamentos) expuseram já terem sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação, o que as levou até a desistência do uso. Ou ainda que não se sentiam a vontade ou confiantes para o uso dada a gama de inseguranças que as acompanhava.

Imagem 12: Silvio de Almeida e a estrutura racista nos meios de comunicação



Fonte: Página pública em rede social, acesso em 2022

As questões sobre a sexualidade da mulher, em especial da mulher negra estão muito ligadas às expressões interseccionais de sua experiência e vivência, sempre vinculadas ao corpo e ao que é/foi atribuído pela raça neles. O local que ela frequenta, seu posicionamento político, as redes nas quais navega são apenas algumas delas; estar e ser usuária de aplicativos de/para relacionamentos tende a intensificar a visão sobre os corpos femininos negros. Um campo que sugere curiosidade e um suposto direito de invasão aos corpos e às pessoas que os representam, sobre suas vidas, sobre o uso deles em sua sexualidade; ou na preterição à raça de um corpo fora da norma. Redes e aplicativos que costumeiramente foram entendidos e encarados

exclusivamente como campo sexual de relações esporádicas e casuais, especialmente quando há publicação de fotos pessoais com exposições corporais.

Desta forma e ousando responder à pergunta-título deste trabalho, arrisco-me na seguinte resposta: depende. Pode ser que dê *match* ou não, a depender do/a usuário/a do outro lado da linha. Se ele/a não estiver mais interessado/a em satisfazer curiosidades sobre corpos negros femininos e sua sexualidade e esteja de fato interessado na *pessoa* com quem conversa ou mesmo se deixe levar por questões histórico-sociais sobre negritude, estética e beleza – o *match* aconteça. Do contrário, as redes e outros artefatos culturais criados ou pensados para viabilizar, conectar e/ou facilitar a vida, as relações e os processos de sociabilidade, existirão/continuarão existindo como semeadores de preconceitos e discriminações.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Julio Romeu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. Para educar crianças feministas: um manifesto / Chimamanda Ngozi Adichie: tradução Denise Bottmann. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. Sejam todos feministas / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Christina Baum. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AMARAL, Caroline; CASEIRA, Fabiani; MAGALHÃES, Joanalira. Artefatos culturais: pensando algumas potencialidades para as discussões dos corpos, gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, Paula; MAGALHÃES, Joanalira. Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade. Rio Grande: Ed. FURG, 2017.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro).

AMARAL, Márcia Franz. Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. *Contracampo*, n. 12, p. 103-114, jan./jul., 2005. IN Ribeiro, Djamila Lugar de fala / Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ANDERSON, Klaissa V. S. "País Plural?" Análise sobre racismo e gênero em uma escola pública de ensino fundamental de Belém/Pa. IFPA, 2016.

_____. *Infância, sexualidade e adolescência: uma relação para a vida toda*. Belém/Pa: UEPA. 2010

ANDRADE, Sandra dos Santos. *Mídia impressa e educação de corpos femininos*. IN *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 109 a 123.

BAKAS, Adjiedj. *O futuro do amor: intimidade, sexo, união e solidão na nova ordem mundial*. ed. A Girafa. 2011.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*. v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011

BARROS, José D'Assunção. *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. 3 ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (orgs). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. – Petrópolis, Rio de Janeiro/ RJ: Vozes, 2016. Vários autores.

BRASIL. Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p.

_____. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. In: BRASÍLIA: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2009.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069 de 13 de julho de 1990). In: BRASÍLIA: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2009.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996). In: BRASÍLIA: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164 p. vol. 10.

_____. Secretaria de Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH). Coletânea de Textos - Direitos Sexuais são Direitos Humanos. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, 2006.

_____. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASILEIRAS, Leituras. Conceição Evaristo / Escrevivência. Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. (23min17s). Acessado em 7 de junho de 2022.

BRASILEIRAS, Leituras. Conceição Evaristo / Escrevivência. Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. (23min17s). Acessado em 7 de junho de 2022.

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. “Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'”. In LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, pp. 151-172.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporânea. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843 - 862, maio/ago. 2015. Dossiê [Tecnologias móveis na escola: tensões entre as políticas públicas e suas \(re\)configurações nas práticas](#). Acessado em 31/05/2021.

_____. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. *EDUR - Educação em Revista*; n 33:e157950. Belo Horizonte. 2017. Acessado em 29/05/2021.

_____. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Revista Textura*, v. 17 n.34, mai./ago. 2015. Acessado em 29/05/2021.

CARDOSO, Lourenço. *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional. A branquitude acadêmica: Volume 2*. Curitiba: Appris, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. The urgency of intersectionality. Tradução Renan Pereira. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=akOe5-UsQ2o>. Acesso em: 27 março 2021.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 2, abr./jun., p. 573-593, 2004. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaorealidade/article/view/34268/28870>. Acesso em: 30 dez. 2021.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporânea. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843 - 862, maio/ago. 2015. Dossiê Tecnologias móveis na escola: tensões entre as políticas públicas e suas (re)configurações nas práticas. Acessado em 31/05/2021.

CIENTISTA, Deusa. Vênus Negra – Filme de parada obrigatória. Publicado pelo canal Deusa Cientista. Disponível em [\(305\) Vênus Negra - Filme de parada obrigatória - YouTube](#). (4min11s). Acessado em 13 de setembro de 2022.

DAÓLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. Campinas, SP: Papirus, 1995. In: Curso Corpo E Diversidade Na Educação - Livro De Estudos. Módulo III: Corpo E Corporeidade.

DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. – São Paulo: Jandaira, 2021. 224p. – (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

DU BOIS, Wiliam E. B. As almas do povo negro. Tradução de Alexandre Boide. Ilustração de Luciano Feijão. Prefácio de Silvio Luiz de Almeida. – São Paulo: Veneta, 2021. 296 p.

DOMINGUES, Diana. A humanização das tecnologias pela arte. In: A arte no século XIX – A humanização das tecnologias. São Paulo, Unesp. 1997 IN: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (organizadoras). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DO TEMPO, Cristal. A história do pecado Vênus Negra. Publicado pelo canal Cristal do Tempo. Disponível em [\(305\) A HISTÓRIA DO PECADO VÊNUS NEGRA - YouTube](#). (4min45s). Acessado em 13 de setembro de 2022.

ELLSWORTH, Elizabeth. Places of learning: media, architecture and pedagogy. New York: Routledge, 2005. IN: Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. EDUR - Educação em Revista; n 33:e157950. Belo Horizonte. 2017. Acessado em 29/05/2021.

ESETEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por eles mesmos. In: Abramovay, Miriam; Ribeiro Andrade,

Eliane; Esteves, Luiz Carlos Gil (Org's). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 21.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 2010.

_____. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

_____. *Vigiar e Punir*. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Ano da Publicação Original: 1996, Ano da Digitalização: 2002. Coletivo Sabotagem. EGA.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2001

GONZALEZ, Lélia. [Lélia Gonzalez - Feminismo Negro no Palco da História](#). 02/02/2017. 1 vídeo (21 min). Publicado pelo canal Cultne Acervo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WxB3SVZ2tzk>. Acesso em: 30 de março de 2021.

_____. Lélia Gonzalez – Pt 1. Vídeo 1 (1/2) (10 min). Publicado pelo canal Cultne Acervo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o9vOVjNDZA8>. Acessado em 05 de abril de 2021.

_____. Primavera para as rosas negras. Coletânea organizada e editada pela UCPA – União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana, 2018.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980.

HAN, Byung- Chul. Sociedade da Transparência. Petrópolis: Vozes, 2017. 116p.

HAIDER, Asad. Armadilha da Identidade: raça e classe nos dias de hoje. Tradução de Leo Vinicius Liberato, Prefácio de Silvio Almeida. – São Paulo: Veneta, 2019. (Coleção Baderna).

HALL, Stuart. Cultura e representação. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro : Ed PUC- Rio : Apicuri, 2016. 260p.

HILL COLLINS, Patrícia. Política sexual negra: afro-americanos, gênero e o novo racismo. – Rio de Janeiro: Via Verita, 2022. 480 p.

JARRÍN, Álvaro. *The biopolitics of beauty: cosmetic citizenship and affective capital in Brazil*. Oakland, Univ. California Press, 2017.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Pedagogias da racialização ou dos modos como se aprende “ter” raça e/ou cor. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana. (Orgs.) *Pedagogias sem fronteiras*. Canoas: Ed. ULBRA, 2010

KILOMBA, Grada. 1968. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*; tradução Jess Oliveira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.

KUSCH, Rodolfo. *La seducción de la barbarie-Análisis herético de un continente mestizo*. 1971.

LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (organizadoras). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 2 ed.

LUZ, Madel T (organizadora). O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. p. 88 a 106. v. 1. Coleção Tendências. Rio de Janeiro – Edições Graal. 1982.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996. IN MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MEYER, Dagmar Estermann. SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues, (orgs). Corpo, gênero e sexualidade. – Porto Alegre: Mediação, 2004. 112 p.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; ed. Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

NASCIMENTO, João Gabriel do. Raça, mídia e juventude: representações da juventude negra. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, 2014.

NASCIMENTO, Mirella Fernanda. Educação e Corporeidade. In: Curso Corpo e Diversidade na Educação - Livro De Estudos. Módulo III: Corpo E Corporeidade.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. A corporeidade e a criatividade na educação infantil. In: _____. Corpo em movimento na educação infantil. São Paulo: Cortez, 2012a. p. 50-61. In: Curso Corpo E Diversidade Na Educação - Livro De Estudos. Módulo III: Corpo E Corporeidade.

NÓBREGA, T.P. *Corpos do tango: reflexões sobre gestos e cultura de movimento*. IN: LUCENA, R.: SOUZA, E.F. (orgs.) *Educação Física, esporte e sociedade*. João pessoa: Editora universitária/ UFPB, 2003. In: MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NASCIMENTO, Mirella Fernanda. *Educação e Corporeidade*. In: *Curso Corpo e Diversidade na Educação - Livro De Estudos. Módulo III: Corpo E Corporeidade*, 2021.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. *A corporeidade e a criatividade na educação infantil*. In: _____. *Corpo em movimento na educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2012a. p. 50-61. In: *Curso Corpo E Diversidade Na Educação - Livro De Estudos. Módulo III: Corpo E Corporeidade*.

OLIVEIRA, V. H. N. et al. *Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols*. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 70, p. 311-325, jul./ago. 2018.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. P115b *“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia”*. Tese. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS / Ana Cláudia Lemos Pacheco. - Campinas, SP: [s. n.], 2008.

PINTO, Érica da Silva. CUTRIM, Rosylene Conceição Soares. CORPOS E CORPOREIDADES: alguns conceitos. In: Curso Corpo E Diversidade Na Educação - Livro De Estudos. Módulo III: Corpo E Corporeidade.

PPG IELA. Escrivivência como metodologia acadêmica / PPG IELA UNILA. Publicado pelo canal PPG IELA. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iphXcc5eoTw> . (1h33min31s). Acessado em 7 de junho de 2022.

PPG IELA. Escrivivência como metodologia acadêmica / PPG IELA UNILA. Publicado pelo canal PPG IELA. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iphXcc5eoTw> . (1h33min31s). Acessado em 7 de junho de 2022.

REIS, Juliana Batista dos. Transversalidade nos modos de socialização e individuação: experiências juvenis em rede. 2014. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9QJJ9K>. Acesso em 12 de fev. 2021.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala / Djamila Ribeiro. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

RIBEIRO, Djamila. Jornada Feminismos Plurais – Colorismo com Alessandra Devulsky e Djamila Ribeiro. Publicado pelo canal Feminismos Plurais. Disponível em [\(79\) JORNADA FEMINISMOS PLURAIS - Colorismo com Alessandra Devusky e Djamila Ribeiro - YouTube](#). (1h06min15s). Acessado em 30 de agosto de 2022.

_____. Quem tem medo do feminismo negro? / Djamila Ribeiro, - 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes [organizadoras]. Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs). Por um feminismo afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos. Lélia Gonzalez. Zahar editora, 2020.

SANTOS, Edméa. PORTO, Cristiane (orgs). *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, 2014. 448 p. ISBN - 978-85-7879-208-4

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo. coleção pequenos passos. Editora brasiliense. 8ª ed. 1985.

SARLO, Betriz. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRGS, 2004. Apud: RIBEIRO, Paula

Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes [organizadoras]. Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 187-199.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria de análise histórica". *Educação e Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, 1995, vol.20 (2).

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. "Deu match no Tinder!": aplicativo virtual de paquera como pedagogia cultural. João Pessoa, 2020. Dissertação de Mestrado. UFPB/CE.

SILVA, Samara Araújo da. "Sexo e as negas": narrativas estereotipadas e sexista na representação das mulheres negras. Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS, 2016. AEDOS. Porto Alegre, v. 8, n. 19, p. 151-166.

SILVA, Tarcízio. Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos. Editora LiteraRUA – São Paulo, 2020.

SOUSA, Nadia Jane de. OLIVEIRA, Mariana Lins de. *Juventudes na contemporaneidade: possibilidades outras de sociabilidades*. v. 21 n. 48, out./dez. 2019.

SOUSA, Nadia Jane de; OLIVEIRA, Mariana Lins de. *Juventudes Na Contemporaneidade: possibilidades outras de sociabilidades*. Revista Textura. v. 21 n. 48 p. 250-266 out./dez. 2019.

STEINBERG, Shirley R. *Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações*. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs.). *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: SMED, 1997. p.98-145. In: Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Revista Textura*, v. 17 n.34, mai./ago. 2015. Acessado em 29/05/2021.

SCHUCMAN, Lia V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Veneta, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

TOMAZZONI, Airton. *Lições de dança no baile da pós-modernidade: corpos (des)governados na mídia*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese *Textura*, v. 17 n.34, mai./ago.2015 63 (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. In: Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Revista Textura*, v. 17 n.34, mai./ago. 2015. Acessado em 29/05/2021.

VANCE, Carole S. "A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico." *Physis*. Vol5. no.1, 1995.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes [organizadoras]. Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 187-199.

WALSH, Catherine. Introducción: **Lo pedagógico y lo decolonial**: Entretejiendo caminos. In. WALSH, Catherine (org.) *Pedagogías Decoloniales – Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo. Serie Pensamiento decolonial. Quito (Ecuador): Abya-Yala, 2017

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 2 ed. p. 36 – 82.

ELLSWORTH, Elizabeth. *Places of learning: media, architecture and pedagogy*. New York: Routledge, 2005. IN: *Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos*. EDUR - Educação em Revista; n 33:e157950. Belo Horizonte. 2017. Acessado em 29/05/2021.

MÁGICO, Olho. *Vênus Negra Análise e resumo*. Publicado pelo canal Olho Mágico. Disponível em [\(305\) VÊNUS NEGRA ANÁLISE E RESUMO - YouTube](#). (6min21s). Acessado em 13 de novembro de 2022.

OLIVEIRA, Gabi. E o tinder? Publicado pelo canal Papo DePretas. Disponível em [\(65\) E o Tinder? | Papo DePretas - YouTube](#). (7min58s). Acessado em 11 de maio de 2022.

VIANA, Sabrina. Colaboração para Caos Filosófico. A carne mais nobre do Tinder é a carne branca. Vale do Itajaí/SC, 6 de fevereiro de 2020. Disponível em [A carne mais nobre do Tinder é a carne branca – CAOS FILOSÓFICO \(caosfilosofico.com\)](#). Acessado em 30 de maio de 2022.

SOUPIN, Elisa. Colaboração para Universa. (Entrevistas Coletivas) Não é mimimi: as frases racistas que as mulheres negras ouvem no Tinder. São Paulo, 22 de março de 2019. Disponível em [Não é mimimi: as frases racistas que as mulheres negras ouvem no Tinder - 22/03/2019 - UOL Universa](#). Acessado em 30 de maio de 2022.

APÊNDICES



F1 – FORMULÁRIO 1: DIAGNÓSTICO - GOOGLE FORMS

Página 1

"Clicou, a fila andou"? Estudo sobre gênero, sexualidade e raça em aplicativos digitais

Formulário de levantamento de dados para Projeto de Pesquisa no Programa de Pós-Graduação da UFRGS/PPGEdu/FACED sobre interesses e experiências em aplicativos/mídias digitais de relacionamentos.

As respostas não possuem identificação.

***Obrigatório**

1. Identificação de gênero/sexo (você é): *

Marcar apenas uma oval.

- Cis Gênero Feminino/Mulher
- Cis Gênero Masculino/Homem
- Não Binário
- Travesti
- Homem Trans
- Mulher Trans
- Outro: _____

2. Cidade/Estado: *

Página 2

3. Cor/Raça: *

Marcar apenas uma oval.

- Preto
 Branco
 Pardo
 Indígena
 Amarelo

4. Idade: *

5. Escolaridade: *

6. Estado civil:

7. Você utiliza aplicativos digitais? (instagram, Facebook, tinder, entre outros) *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 9*
 Não *Pular para a pergunta 8*

Pular para a pergunta 9

Formulário de levantamento de dados para Projeto de Pesquisa no Programa de Pós-Graduação da UFRGS/PPGEdu/FACED sobre interesses e experiências em aplicativos/mídias digitais de relacionamentos. As respostas não possuem identificação.

Página 3

8. Caso negativo, poderia dizer alguns motivos para você não utilizar aplicativos de relacionamentos? *

Formulário de levantamento de dados para Projeto de Pesquisa no Programa de Pós-Graduação da UFRGS/PPGEdu/FACED sobre interesses e experiências em aplicativos/mídias digitais de relacionamentos. As respostas não possuem identificação.

9. Caso positivo, qual (is) aplicativo (s) utiliza? (permite múltiplas escolhas) *

Marque todas que se aplicam.

- Instagram
 Facebook
 WhatsApp
 Tinder
 Happn
 Outro: _____

10. Qual (is) principal (is) interesse (s) no uso de aplicativos? (permite múltiplas escolhas) *

Marque todas que se aplicam.

- Relações casuais
 Conversas virtuais, sem interesse de conhecer ninguém pessoalmente
 Contatos profissionais
 Relacionamentos fixos
 Outro: _____

Página 4

11. Existem características físicas, estéticas, cor da pele que mais agrada na escolha dos perfis? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Outro: _____

12. Em caso positivo, quais seriam as características mais desejáveis para a escolha de um 'match'? *

13. Pensando no contrário, existem características não desejáveis? Caso sim, quais seriam elas? *

14. Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação em alguma conversa ou no uso dos aplicativos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Outro: _____

15. Em caso positivo, de que tipo? *

Marque todas que se aplicam.

- Estética
 Racial
 Outro: _____

16. Poderia, em algumas palavras, contar como foi? *

17. Caso seja necessário, você permite que eu entre em contato para continuarmos a falar sobre o tema deste trabalho? (por gentileza, lembre-se de preencher o campo "Contato/e-mail"). *

Marcar apenas uma oval.

- Claro, sem problemas!
- Quem sabe em outro momento. Mas, boa sorte!
- Outro: _____

18. Contato/e-mail:

19. Espaço aberto para sugestões, críticas ou depoimentos sobre sua experiência no uso dos aplicativos. Fique a vontade, gostaria muito de saber o que você tem a dizer. *

F2 – FORMULÁRIO 2: LEVANTAMENTO DE DADOS - GOOGLE FORMS

Página 1

Matches, curtidas ou "dislikes"?: Estudo sobre experiências de MULHERES jovens/adolescentes NEGRAS/PRETAS em aplicativos digitais e redes sociais

Sou pedagoga, especialista em gestão de pessoas e educação para as relações étnico-raciais. Este Formulário inicial atua como levantamento de dados para Projeto de Pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS//FACED e trata sobre experiências de MULHERES jovens/adolescentes NEGRAS/PRETAS em aplicativos digitais e redes sociais de relacionamentos. As respostas não possuem identificação.

Deixo também um endereço de e-mail caso você queira encaminhar depoimentos sobre racismo, assédio, preconceito ou discriminação que já tenha sofrido em função do seu gênero, de sua raça ou sexualidade: kkvdsa@gmail.com

Grata pela atenção e participação!

***Obrigatório**

O presente formulário destina-se exclusivamente às MULHERES NEGRAS/PRETAS e suas experiências em aplicativos digitais e redes sociais.

1. Idade: *

2. Estado civil: *

Marcar apenas uma oval.

Solteira

Casada

Outro: _____

3. Escolaridade: *

Marcar apenas uma oval.

- Fundamental (completo/incompleto)
- Médio (completo/incompleto)
- Superior (completo/incompleto)

4. Qual (is) aplicativo (s) digital (is) ou rede (is) social (s) você utiliza? (permite múltiplas escolhas) *

Marque todas que se aplicam.

- Instagram
- Facebook
- WhatsApp
- Tinder
- Happn
- Adote Um Cara

Outro: _____

5. Qual (is) principal (is) interesse (s) no uso de aplicativos ou redes sociais? (permite múltiplas escolhas) *

Marque todas que se aplicam.

- Relacionamentos casuais (curtição, 'contatinhos')
- Conversas virtuais, sem interesse de conhecer ninguém pessoalmente
- Contato com amigos
- Relacionamentos fixos
- Postar fotos pessoais

Outro: _____

6. Você utiliza os aplicativos ou redes sociais para relacionamentos/envolvimentos amorosos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

Caso use aplicativos para envolvimento amoroso..

7. Você se sente a vontade postando fotos pessoais em redes sociais ou aplicativos digitais? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

8. Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação em conversas nos aplicativos ou nas redes sociais? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Talvez

Não

No caso de já ter sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação nos aplicativos ou nas redes sociais:

9. De que tipo foi? (permite múltiplas escolhas) *

Marque todas que se aplicam.

Estética

Racial

Sexual

Gênero

Outro: _____

10. Quais seriam as características físicas ou estéticas mais desejáveis para um 'match'? *

Marcar apenas uma oval.

- Negro/preto, magro
- Negro/preto, gordo
- Branco, magro
- Branco, gordo
- Outro: _____

11. Sofreu/sofre mais preconceito ou discriminação em aplicativos ou redes sociais de pessoas: *

Marcar apenas uma oval.

- Negras/Pretas
- Brancas
- Outro: _____

12. Procura mais para relacionamentos pessoas: *

Marcar apenas uma oval.

- Negras/Pretas
- Brancas
- Outro: _____

13. Você permite que eu entre em contato para continuarmos a falar sobre o tema deste trabalho? (por gentileza, lembre-se de preencher o campo "Contato/e-mail"). *

Marcar apenas uma oval.

- Claro, sem problemas!
- Quem sabe em outro momento. Mas, boa sorte!

Página 5

14. Contato/e-mail:

15. Espaço aberto para sugestões, críticas ou depoimentos sobre sua experiência em mídias e redes sociais. Fique a vontade, gostaria muito de saber o que você tem a dizer.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários



ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ETAPA 2: ROTEIRO PARA ENTREVISTAS VIRTUAIS

1. Percepções de identidade racial;
2. Autopercepções enquanto mulher negra (beleza, corpo, cabelo, espaços, convívio);
3. Corpo e raça: sexualização de corpos de mulheres negras em aplicativos de relacionamentos: Tinder e/ou Instagram;
4. Percepções gerais sobre racismo momentos cotidianos (entre amigos, rodas de conversas, piadas, namorado, relacionamentos, racismo recreativo);
5. Experiências sobre formas de racismo em aplicativos de envolvimento e/ou redes sociais de relacionamentos (questões estéticas, comentários em fotos, sexismo);
6. Percepções de si no cotidiano, observações da branquitude – convivência com pessoas não negras. Mais comentários de pessoas negras ou brancas?
7. Quais comentários/conversas mais te desagradaram, causaram desconforto?
8. Feminilidade negra (ser mulher negra no Brasil e em espaços digitalizados)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Matches, publicações e curtidas: interseccionalidade e relações de gênero em aplicativos digitais de relacionamentos

Nome da Pesquisadora Responsável: KLAISSA VERONICA S. A. ANDERSON

1. **Natureza do projeto:** Você está sendo convidada a autorizar a participação neste projeto que tem como finalidade pesquisa e entrevista com as temáticas relativas ao gênero, sexualidade e raça em ambientes virtuais e redes sociais de relacionamentos, que envolvem experiências e relatos pessoais.
2. **Envolvimento no projeto:** ao participar deste estudo você permitirá que a pesquisadora utilize as respostas e fala (garantido o anonimato sem quaisquer tipos de identificações e/ou referências) nas atividades de pesquisa de campo presentes e futuras; na qual você, participante tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da entrevista, sem qualquer prejuízo ou responsabilidades. Sempre que quiser ou sentir necessidade poderá pedir mais informações sobre a pesquisa, as perguntas e/ou temas a serem trabalhados nesta entrevista.
3. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos princípios éticos e profissionais.
4. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora responsável terá conhecimento dos dados e usará de nomes e identificações fictícias para representações e referências às participantes envolvidas neste trabalho em material escrito.

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para a participação nesta entrevista.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da entrevista.

Assinatura da Participante

Assinatura da Pesquisadora

Data: ____/____/____

ANEXOS

A Carne

Elza Soares

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Tá ligado que não é fácil, né, mano?)
 (Né, mano? Vixe!)
 (Se liga aí!)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Só serve o não preto)
 Que vai de graça pro presídio
 E para debaixo do plástico
 Que vai de graça pro subemprego
 E pros hospitais psiquiátricos
 A carne mais barata do mercado é a carne negra (diz aí!)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 Que fez e faz história
 Segurando esse país no braço, mermão
 O cabra aqui não se sente revoltado
 Porque o revólver já está engatilhado
 E o vingador é lento
 Mas muito bem intencionado
 E esse país vai deixando todo mundo preto
 E o cabelo esticado
 Mas, mesmo assim
 Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor
 Brigar sutilmente por respeito
 Brigar bravamente por respeito
 Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
 De algum antepassado da cor
 Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar
 (Se liga aí!)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só serve o não preto)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só serve o não preto)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Tá ligado que não é fácil, né, mano?)
 Negra
 Negra
 Carne negra (pode acreditar)
 A carne negra

A CARTA DE WILLIE LYNCH



“Verifiquei que entre os escravos existem uma série de diferenças. Eu tiro partido destas diferenças, aumentando-as. Eu uso o medo, a desconfiança e a inveja para mantê-los debaixo do meu controle. Eu vos asseguro que a desconfiança é mais forte que a confiança e a inveja mais forte que a concórdia, respeito ou admiração. Deveis usar os escravos mais velhos contra os escravos mais jovens e os mais jovens contra os mais velhos. Deveis usar os escravos mais escuros contra os mais claros e os mais claros contra os mais escuros. Deveis usar as fêmeas contra os machos e os machos contra as fêmeas. Deveis usar os vossos capatazes para semear a desunião entre os negros, mas é necessário que eles confiem e dependam apenas de nós.

Meus senhores, estas ferramentas são a vossa chave para o domínio, use-nas. Nunca percam uma oportunidade. Se fizerdes intensamente uso delas por um ano o escravo permanecerá completamente dominado. O escravo depois de doutrinado desta maneira permanecerá nesta mentalidade passando-a de geração em geração”.

Cavalheiros. Eu vos saúdo aqui na margem do rio Tiago no ano de nosso Senhor mil setecentos e doze. Em primeiro lugar, devo agradecer a vocês, senhores da Colônia da Virgínia, por me trazerem aqui.

Estou aqui para ajudá-lo a resolver alguns de seus problemas com escravos. Seu convite chegou até mim em minha modesta plantação nas Índias Ocidentais, onde experimentei alguns dos mais novos, e ainda os mais antigos, métodos de controle de escravos.

A Roma Antiga nos invejaria se meu programa fosse implementado. Enquanto nosso barco navegava para o sul, no rio James, batizado em homenagem ao nosso ilustre rei, cuja versão da Bíblia valorizamos, vi o suficiente para saber que seu problema não é o único.

Enquanto Roma usava cordas de madeira como cruces para colocar corpos humanos em pé ao longo de suas rodovias em grande número, você aqui usa a árvore e a corda ocasionalmente. Eu senti o cheiro de um escravo morto pendurado em uma árvore, alguns quilômetros atrás. Você não está apenas

perdendo um estoque valioso por enforcamentos, você está tendo rebeliões, escravos estão fugindo, suas colheitas às vezes são deixadas nos campos por muito tempo para o lucro máximo, você sofre incêndios ocasionais, seus animais são mortos. Senhores, vocês sabem quais são seus problemas; Eu não preciso entrar em detalhes.

Não estou aqui para enumerar seus problemas, estou aqui para apresentar um método de resolvê-los. Na minha bolsa aqui,

"

tenho um método completo para controlar seus escravos negros". Garanto a cada um de vocês que, se instalado corretamente, "irá controlar os escravos por pelo menos 300 anos". Meu método é simples. Qualquer membro de sua família ou seu supervisor pode usá-lo. "Esboçou um número de diferenças entre os escravos; e eu tomo estas diferenças e as torno maior. Eu uso medo, desconfiança e inveja para fins de controle".

Esses métodos funcionaram em minha modesta plantação nas Índias Ocidentais e funcionará em todo o sul. Pegue esta pequena lista simples de diferenças e pense sobre elas. No topo da minha lista está "age", mas só está lá porque começa com "a". O segundo é "cor" ou sombra. Existe "inteligência, tamanho, sexo, tamanhos de plantações, status" nas plantações, atitude dos donos, quer os escravos vivam no vale, no morro, Leste, Oeste, Norte, Sul, tenham cabelo fino, cabelo claro, seja alto ou baixo.

Agora que você tem uma lista de diferenças, darei um esboço de ação, mas antes disso, asseguro-lhe que a desconfiança é mais forte do que a confiança e a inveja mais forte do que a adulação, o respeito ou a admiração. Os escravos negros após receberem esta doutrinação continuarão e se tornarão auto-reabastecedores e autogerados por "centenas" de anos, talvez "milhares". Não se esqueça, você deve lançar o "velho" negro contra o "jovem" negro, e o "jovem" negro contra o "velho" homem negro. Você deve usar os escravos de pele negro contra os escravos de pele marrom, e os escravos de pele marrom contra os escravos de pele negra. Você deve usar a mulher contra o macho, e o macho contra a mulher.

Você também deve ter servos e supervisores brancos, que desconfiam de todos os negros. Mas é necessário que seus escravos confiem e dependem de nós. eles devem amar, respeitar e confiar somente em nós. Senhores, esses kits são suas chaves para controlar. Usa-os. Faça com que suas esposas e filhos os usem, nunca perca uma oportunidade. Se usados intensamente por um ano, os próprios escravos permanecerão perpetualmente dependentes nojamentos.

Obrigado senhores.

